

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
ELZA DE PAULA ASSIS**

**GILBERTO DE ALENCAR:
O JORNALISTA ZANGÃO E AS FERROADAS LITERÁRIAS**

Juiz de Fora
2021

ELZA DE PAULA ASSIS

**GILBERTO DE ALENCAR:
O JORNALISTA ZANGÃO E AS FERROADAS LITERÁRIAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA), área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientador: Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade

Coorientadora: Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes.

Juiz de Fora
2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UNIACADEMIA/ UNIACADEMIA

A848

Assis, Elza de Paula,

Gilberto de Alencar: o jornalista Zangão e as Ferroadas literárias. / Elza de Paula Assis, orientador, Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade, coorientadora Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes.– Juiz de Fora : 2021.

130 p., il. color.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário Academia, 2021.

1. Gilberto de Alencar. 2. Diário Mercantil. 3. Coluna Ferroadas. 4. Zangão. 5. Jornalismo e Literatura.. I. Andrade, Altamir Celio de, orient. II. Título.

CDD: B869.3

ASSIS, Elza de Paula. **Gilberto de Alencar**: o jornalista Zangão e as Ferroadas literárias. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário Academia, (UNIACADEMIA), área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 2º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade.
Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).



Moema Rodrigues Brandão Mendes
Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).



Alex Sando Martoni
Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA).



Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva.
Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR/ Barbacena).

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por iluminar minha trajetória; a mim mesma; a minha família, por ser essencial em minha vida; a minha querida mãezinha, aos meus amigos por serem fonte de inspiração e coragem; e a todos os professores pelas suas orientações, ponderações e contribuições, no decorrer desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por estar sempre ao meu lado, proporcionando saúde, coragem e guiando meus passos, para chegar até o fim deste desafio.

Ao meu companheiro, esposo e amigo, Arnaldo Maia Massucato, que muito me incentivou e ajudou nos piores momentos de tribulação. A ele, eterna gratidão e admiração.

Ao meu sempre amado filho, Pedro Henrique Assis e Massucato, que ficou ao meu lado, e muito contribuiu para o caminhar desse trabalho.

A minha mãezinha, Inez Cecília de Paula Assis, pelas suas orações que iluminaram meu caminho, proporcionando-me coragem, para prosseguir até a etapa final.

Ao meu irmão, Elder de Paula Assis, por sua compreensão, ao colaborar neste desafio, viajando para a cidade onde mora minha mãe, permitindo que, em alguns finais de semana, eu pudesse dedicar a leitura e escrita.

A meu pai, Joaquim Alves de Assis, *in memoriam*, por ter feito tanto por mim ao longo de sua vida. Muita saudade e eterna gratidão.

Agradeço ao Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade por ter orientado minha pesquisa a partir do segundo semestre deste ano letivo, contribuindo e enriquecendo de forma positiva para término da mesma.

A minha querida coorientadora e Professora Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, que esteve comigo até o final do percurso, agradeço imensamente pela paciência, pelo carinho e respeito que sempre demonstrou a mim. Minha eterna gratidão pelo apoio, conhecimento, pela dedicação, competência e ética que nortearam nosso caminho.

Ao meu Examinador Externo, Professor Dr. Anderson Luiz da Silva, por aceitar generosamente contribuir, com suas considerações, no X Colóquio, no exame de Qualificação e na Defesa desta pesquisa, de forma efetiva, para o desenvolvimento e evolução desta, por meio de suas indicações de leituras e ponderações.

Ao meu examinador interno Professor Dr. Alex Sandro Martoni por aceitar, gentilmente, participar da Banca Examinadora desta dissertação, colaborando, com suas observações, sugestões e acréscimos para o enriquecimento da mesma.

A professora Valéria Cristina Ribeiro Pereira, que me motivou a ingressar no Mestrado do Centro Universitário Academia, contribuindo de forma significativa para a chegada do término desse desafio.

As minhas amigas especiais que nunca deixaram que eu desistisse do objetivo planejado. Cito: Vicentina Rocha de Resende, Carla Andréa Guimarães Pinto, Juliana Aparecida da Silva Moreira, Marilândia Guimarães Pinto Barbosa, Lúcia Teixeira de Siqueira e Márcia de Oliveira Stopa.

A minha cunhada Ariadna de Paula Ribeiro, pelo o constante incentivo durante todo o percurso dessa caminhada.

Às amizades adquiridas durante o curso, mesmo não estando presencialmente, durante o decorrer do Mestrado, mas que, também, muito acrescentaram com a troca de conhecimentos, as palavras de carinho e o incentivo.

Aos bolsistas do setor de Memória da Biblioteca Murilo Mendes (BMM), pelas informações e pela disposição em auxiliar os pesquisadores estudantes.

À funcionária do Museu de Artes Murilo Mendes (MAMM), Lucilha Magalhães, pelo interesse e pela disposição em auxiliar nas informações importantes para coleta do material da pesquisa, apresentando todo inventário do escritor-jornalista Gilberto de Alencar.

À estagiária Poliana Aparecida de Araújo Anacleto, licenciada em História pela UFJF,) que contribuiu, com grande presteza, interesse, competência e ética, ao trazer informações sobre o **Diário Mercantil** e, também, do Arquivo Histórico de Juiz de Fora.

[...] o jornalismo tem fundamentalmente as mesmas possibilidades que a literatura de produzir obras de arte (OLINTO, 1955, p.3).

RESUMO

ASSIS, Elza de Paula. **Gilberto de Alencar**: o jornalista Zangão e as Ferroadas Literárias, 130f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

Esta dissertação tem por objetivo pesquisar, identificar, coletar e transcrever os textos que constituem a coluna jornalística denominada, **Ferroadas**, escrita pelo mineiro Gilberto de Alencar, nome literário de Gilberto Napoleão Augusto de Alencar (1886-1961), e publicada no periódico, **Diário Mercantil**, jornal de destaque na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. **Ferroadas** circulou entre os anos de 1954 e 1960 e o escritor assinava com o pseudônimo de Zangão. A proposta da pesquisa é trabalhar o lote datado de 1954, constituído por 145 publicações, objetivando fundamentar, teoricamente, a ideia de que as formas coloquial e informal da escrita, que se conjugam à forma em versos e ao conteúdo crítico dos textos, permitem-nos compreender o jornalismo como um gênero literário, assim como, literatura e jornalismo dialogam em seu caráter factual, narrativo e discursivo-crítico. Para o desenvolvimento desta investigação, foram realizadas pesquisas no Museu de Arte Murilo Mendes, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (MAMM/UFJF/MG), que detém a guarda do Acervo da Família Alencar, e no Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF/MG), órgão administrado pela Prefeitura desta mesma cidade, responsável pela guarda dos exemplares do **Diário Mercantil**, desde a sua primeira edição, em 1912, até o seu fechamento, em 1983. Com a finalidade de completar o processo de pesquisa e coleta de dados, foram visitadas outras instituições, nesta mesma cidade. São elas: Biblioteca Municipal Murilo Mendes (BMMM/MG) e a seção de Arquivo-setor de pesquisa do Memorial da República Presidente Itamar Franco (MRPIF). Os pressupostos teóricos, utilizados como eixo principal, foram os estudos de Alceu Amoroso Lima, Almir de Oliveira, Antonio Olinto, Cristina Ferraz Musse, Fábio Henrique Pereira, Isabela Baião Mol, Maria Zilda Ferreira Cury, Moema Rodrigues Brandão Mendes e Philippe Artières. A este eixo foram acrescentados outros teóricos que se fizeram necessários para empreender qualidade à pesquisa. Ao escrever a coluna **Ferroadas**, Gilberto de Alencar permite que se reflita sobre os acontecimentos sociais e políticos ocorridos nas sociedades local, regional, nacional e internacional do período de 1954 – ressaltando e sustentando que o texto jornalístico pode ser um texto literário, desde que sejam preservados estilos e regras próprias do gênero literário, ou seja, de uma linguagem

literária. É por meio desta perspectiva que se busca, com estes argumentos, pensar e refletir sobre a efetiva relação dialógica, mantida entre a Literatura e o Jornalismo, presente nas **Ferroadas** do Zangão.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. Diário Mercantil. Coluna Ferroadas. Zangão. Jornalismo e Literatura.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo investigar, identificar, recoger y transcribir los textos que constituyen la columna periodística denominada **Ferroadas**, escrita por el minero Gilberto de Alencar, nombre literario de Gilberto Napoleão Augusto de Alencar (1886-1961), y publicada en el **Diário Mercantil**, periódico de destaque en la ciudad de Juiz de Fora, en Minas Gerais. **Ferroadas** circuló entre 1954 y 1960 y el escritor la firmaba con el seudónimo Zangão. La propuesta de la investigación es trabajar el lote fechado en 1954, constituido por 145 publicaciones, objetivando fundamentar teóricamente la idea de que las formas coloquial e informal de la escritura, que se combinan a la forma en versos y al contenido crítico de los textos, nos permiten comprender el periodismo como un género literario, así como literatura y periodismo dialogan en su carácter factual, narrativo y crítico-discursivo. Para desarrollar esta investigación, se realizaron estudios en el Museo de Arte Murilo Mendes, administrado por la Universidad Federal de Juiz de Fora (MAMM/UFJF/MG), que tiene la custodia de la colección de la familia Alencar, y en el Archivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF/MG), órgano responsable de la custodia de los ejemplares del **Diário Mercantil**, desde su primera edición, en 1912, hasta su cierre, en 1983. Con el objetivo de completar el proceso de investigación y recolección de datos, fueron visitadas otras instituciones, en esta misma ciudad. Son ellas: Biblioteca Municipal Murilo Mendes (BMMM/MG) y la sección de Archivo-sector de investigación del Memorial de la República Presidente Itamar Franco (MRPIF). Los presupuestos teóricos, utilizados como eje principal, fueron los estudios de Alceu Amoroso Lima, Almir de Oliveira, Antonio Olinto, Cristina Ferraz Musse, Fábio Henrique Pereira, Isabela Baião Mol, Maria Zilda Ferreira Cury, Moema Rodrigues Brandão Mendes y Philippe Artières. A este eje se sumaron otros teóricos que se hicieron necesarios para dar calidad a la investigación. Al escribir la columna **Ferroadas**, Gilberto de Alencar permite hacer reflexiones sobre los acontecimientos sociales y políticos ocurridos en las sociedades local, regional, nacional y internacional del período de 1954 - resaltando y sosteniendo que el texto periodístico puede ser un texto literario siempre que sean preservados estilos y reglas propias del género literario. Es por medio de esta perspectiva que se busca, con estos argumentos, pensar y reflexionar sobre la efectiva relación dialógica, mantenida entre la Literatura y el Periodismo, presente en las **Ferroadas** del Zangão.

Palabras clave: Gilberto de Alencar. Diário Mercantil. Columna Ferroadas. Zangão. Periodismo y Literatura.

LISTA DE SIGLAS

AHJF	Arquivo Histórico de Juiz de Fora
AI5	Ato Institucional Número 5
BMMM	Biblioteca Municipal Murilo Mendes
DM	Diário Mercantil
DT	Diário da Tarde
EUA	Estados Unidos da América
MG	Minas Gerais
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
MRPIF	Museu da República Presidente Itamar Franco
ONU	Organização das Nações Unidas
PRM	Partido Republicano Mineiro
PTB	Partido dos Trabalhadores Brasileiro
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UNIACADEMIA	Centro Universitário Academia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	JORNALISMO COMO OBRA DE ARTE: UM SALTO SOBRE A ROTINA.....	18
2.1	FOLHETINS: O ELO ENTRE O LITERÁRIO E O JORNALÍSTICO	20
2.2	DIÁRIO MERCANTIL: UM JORNAL POLÍTICO POR EXCELÊNCIA.....	26
2.3	ARQUIVO, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA: UM PONTO DE ENCONTRO.	32
3	GILBERTO INTELIGENTÍSSIMO DE ALENCAR.....	37
3.1	GILBERTO CULTÍSSIMO DE ALENCAR: JORNALISTA, INTELLECTUAL E ESCRITOR.....	39
3.2	CRITÉRIOS PARA O ESTABELECIMENTO DO TEXTO.....	45
4	AS FERROADAS E AS NOTAS.....	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
	REFERÊNCIAS	94
	ANEXOS.....	108

1 INTRODUÇÃO

Segundo estatística recente, há perto de três milhões de eleitores analfabetos no Brasil.

Deste povo extravagante

Vejam só o triste estado:

Não sabe ler o votante

E mal soletra o votado! (ZANGÃO, 3 jul. 1954, p. 2).

Esta dissertação é parte constituinte da Linha de pesquisa **Literatura de Minas**: o regional e o universal, do programa de pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras, do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA), com área de concentração em Literatura Brasileira.

O objeto de estudo em questão surgiu de uma ação do Grupo de Trabalho (GT) **Arquivos literários**: memória, resgate, preservação, liderado pela pesquisadora, Moema Rodrigues Brandão Mendes, devidamente certificado pelo CNPq. Este grupo apresentou-me a escrita do mineiro Gilberto Napoleão Augusto de Alencar (1886-1961), publicada no **Diário Mercantil**, jornal de destaque na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. A proposta dessa pesquisa visa à elaboração de uma edição anotada, ou edição de fontes dos textos, que constituem a coluna **Ferroadas**, para a qual Alencar assina sob o pseudônimo de **Zangão**. São quadras satíricas, tendo como *corpus* o lote datado de 1954, formado por 145 publicações. As quadras são composições poéticas organizadas em estrofes de quatro versos. Nessas produções, serão destacados os acontecimentos sociopolíticos, intelectuais e literários da época, que contribuirão para um enriquecimento significativo de informações sobre a história da cultura local, mineira e nacional.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas visitas ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM/UFJF/MG), que detém a guarda do acervo da família Alencar, e ao Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF)¹, órgão administrado pela Prefeitura da mesma cidade. Este, teoricamente, é responsável pela guarda, conservação e limpeza dos exemplares do **Diário Mercantil**, desde a sua primeira edição, em 1912, até seu fechamento no ano de 1983. Para o avanço das investigações, mais informações, e dados foram coletados em outras instituições, a citar a Biblioteca Municipal Murilo Mendes (, doravante BMMM/PJF), sob a responsabilidade da Prefeitura de Juiz de Fora e a Seção de Arquivo do setor de

¹ Ver anexo N.

pesquisa do Memorial da República Presidente Itamar Franco (, doravante MRPIF), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, (, doravante UFJF).

Durante a trajetória da coleta do material referente aos exemplares do jornal **Diário Mercantil**, deparou-se com uma lamentável e criticável falta de conservação dos documentos, como algumas páginas do periódico deterioradas, outras rasgadas de fato e outras apagadas, pelo uso inadequado das folhas. O desgaste do tempo e a associação a ações de insetos de papel foram agravantes que dificultaram a pesquisa. Ressalta-se a falta de recursos humanos, como escassez de profissionais habilitados e estagiários preparados para amparar os atos de pesquisas. Tudo isso somado a poucos equipamentos de suporte, como *scanner* profissional e computadores modernos.

Apesar das dificuldades, evidenciou-se que a relevância desta pesquisa está na divulgação de parte das obras do jornalista-escritor mineiro, compreendendo-o como um intelectual moderno, que interveio no espaço público e na sociedade do seu tempo, por meio da escrita.

Alencar produziu textos em vários gêneros discursivos, entre eles: crônica, diário e romance. Seu legado literário deve ser amplamente revelado com participação ativa em várias esferas do conhecimento. Constata-se, portanto, a urgência e importância da difusão de sua produção jornalístico-literária, especificamente da coluna **Ferroadas** para, posteriormente, disponibilizá-la aos leitores e aos pesquisadores interessados.

Para isso, importa conhecer os posicionamentos, reflexões e experiências políticas, sociais, intelectuais e literárias do escritor, argumentos que permitem esta investigação justificar sua representatividade entre o regional e o universal.

Quanto ao jornalista-literário, Gilberto de Alencar, é significativo apresentar uma breve incursão biográfica, com a finalidade de contextualizar o leitor sobre quem é o expressivo jornalista, nascido em Minas Gerais, no Arraial de João Gomes, posteriormente, chamado de Palmira, atualmente Santos Dumont, no dia primeiro de janeiro de 1886, falecido em Juiz de Fora, em fevereiro de 1961.

O jornalista era filho de Fernando de Alencar, médico e também escritor, que saiu do Ceará e veio para Minas Gerais no século XIX. Casou-se com Shopia Áurea do Espírito Santo. Deste matrimônio nasceram quatro filhos, sendo um deles a escritora Cosette de Alencar. Após a morte do escritor, a filha Cosette ficou responsável pelo legado cultural de seu pai. Em 1973, com a morte da escritora, a

responsabilidade do acervo pessoal gilbertiano foi entregue para sua sobrinha, Marta de Alencar e Souza, que, em 2007, iniciou o processo de doação do Acervo da Família Alencar (Fundo de Gilberto de Alencar e Fundo de Cosette de Alencar) para o Museu de Arte Murilo Mendes (, doravante MAMM), em Juiz de Fora, Minas Gerais (MENDES, 2016).

Sobre sua atuação na imprensa, Gilberto de Alencar destacou-se como jornalista por colaborar em diversos jornais e revistas de várias cidades, como São João Del Rei, Tiradentes, Paraopeba e Rio de Janeiro, mas, principalmente, Juiz de Fora.

Em suas **quadras satíricas rimadas**, publicadas no **Diário Mercantil**, sob o pseudônimo de Zangão, Alencar expõe, em suas reflexões-ferroadas, questionamentos e intervenções, na esfera do poder econômico, quando questiona e satiriza a questão da importação da gasolina e do comércio automobilístico no Brasil, por exemplo. A irreverência que se percebe em seus versos é utilizada para ironizar o futuro do Brasil, a partir do presente caótico em que vivia a nação brasileira. Contata-se, nas entrelinhas, provocação a um leitor autorizado, informando que a gasolina não era nossa, havendo necessidade de tal produto ser importado. Então, que destino teria nossa Pátria? O Brasil seria uma potência ou viveria em dependência contínua? Nos versos lê-se:

O nosso País, apesar de ter que importar rios de gasolina, já possui mais de seiscentos mil automóveis, também importados.

**Deixar de indagar não posso,
Prevido o futuro hostil:
Quando o petróleo for nosso.
Que vai ser deste Brasil?**
(ZANGÃO, 10 ago.1954, grifo do autor).

Como parte desta pesquisa, buscou-se fundamentar, teoricamente, que a escrita em versos e o conteúdo crítico dos textos que compõem esta coluna permitem compreender o jornalismo como um gênero literário, ou seja, literatura e jornalismo dialogam em seu caráter factual, narrativo e discursivo-crítico.

Quanto ao referencial teórico e com o propósito de embasar o diálogo entre o texto jornalístico e o texto literário, recorreu-se a autores como: Antônio Olinto (1955) e Alceu Amoroso Lima (1969), aos quais serão acrescentados outros não menos importantes. Lima, escritor da década de 1960, expõe alguns elementos e

características que permeiam os campos de estudos, ratificando a aproximação entre literatura e jornalismo.

O jornalismo e a literatura, evidentemente, se utilizam da linguagem verbal de formas distintas, mas ambos trabalham com a palavra para alcançar um único objetivo, que é alcançar a perfeita qualidade textual, como aborda Olinto.

O escritor e estudioso Scliar (2005) ressalta que o jornalismo e a literatura são designados de gênero cediço, gênero de fronteira, porém uma fronteira que permite uma boa convivência, que caminha para um encontro, desde que respeitadas suas diferenças e singularidades.

Já os autores Alceu Amoroso Lima e Antonio Olinto, Maria Zilda Cury (2008), Fábio Henrique Pereira (2008) foram consultados para o trabalho de análise e compreensão sócio-histórica, referente ao contexto em que se produziram os textos, somado a Phillippe Artières (1998), para pensar sobre a prática do arquivamento. Destacam-se, ainda, os autores Aloisio Arnaldo Nunes de Castro (2010) e Maurice Halbwachs (2003) que embasaram as teorias sobre a importância da preservação e conservação dos documentos públicos e privados, sendo que o último autor citado enfatiza a memória como um Patrimônio Cultural.

E, com o objetivo de contribuir para o diálogo sobre jornalismo e literatura, foram utilizados outros autores que se alinham a esta vertente, como Carlos Magno Araújo (2005), Fabrício Marques de Oliveira (2014), Marcelo Bulhões (2007), Mariza Lajolo (1988), Vitor Nicchi (2007) e Viviane Amaral França (2008).

E, nesse viés de fundamentação teórica, estão Moema Rodrigues Brandão Mendes (2016- 2021), Isabela Baião Mol (2015), Christina Musse (2006), Almir de Oliveira e outros que se fizeram necessários à qualidade da pesquisa.

No que diz respeito à metodologia, os dados foram coletados por meio de uma pesquisa bibliográfica ampla e avançada, de forma exploratória, documental, inserindo a transcrição dos textos, e qualitativa, com o uso de registro, análise, classificação e interpretação dos dados.

Amparada em estudos preliminares, ratifica-se a importância do diálogo entre Literatura e Jornalismo, de modo, que cada expressão reconheça a relevância da outra, conforme se percebe nos textos produzidos para a coluna **Ferroadas**. O escritor mineiro registra para o leitor denúncias contra as mazelas da sociedade – em prosa crítica – e em quadras satíricas traz nos versos rimados, a síntese da crítica, tornando-se um atuante e marcante jornalista-literário da sua época.

Dialogando com o *corpus* proposto, esta dissertação foi estruturada com a seguinte ordem: após a **Introdução** segue a seção **Jornalismo como uma obra de Arte: Um salto sobre a rotina**, na qual serão apresentadas algumas reflexões e abordagens sobre literatura, jornalismo e o novo jornalismo, destacando autores clássicos e, também, novos que contribuam para o acréscimo dessas reflexões. Seguindo a sequência, haverá uma subseção denominada **Folhetins: o elo entre o literário e o jornalístico**, que discorre sobre a origem dos periódicos. Este veículo, o jornal, foi usado por muitos literatos para divulgarem suas obras com objetivo de atingir um grande público que não tinha acesso à informação e ao entretenimento. E, neste caminho, encontram-se grandes escritores como Machado de Assis, Lima Barreto e Euclides da Cunha. Na subseção **Diário Mercantil: um jornal político por excelência**, será abordada a trajetória desse periódico, desde sua abertura, no ano de 1912, até seu fechamento, em 1983. Serão pontuadas as causas que levaram ao seu declínio e a participação do jornalista-literato, Gilberto de Alencar, neste espaço que foi considerado um jornal de grande influência na cidade. Na sequência, será aberta outra subseção sobre **Arquivo, preservação e memória: um ponto de encontro**, na qual é destacado o conceito e a importância da palavra **arquivo** como sendo um lugar de memória. Salienta-se a preocupação com a preservação e conservação dos documentos privados e públicos que estão alocados no mesmo, resguardando-os para futuras pesquisas, assim como, informando a necessidade de cuidados especiais para acondicionamentos destes documentos.

A seguir, a seção **Gilberto Inteligentíssimo de Alencar** abordará as faces de jornalista, intelectual e escritor. Esta seção apresentará uma parte intitulada **Gilberto cultíssimo de Alencar: jornalista, intelectual e escritor** com a intenção de promover uma contextualização. Para isso, elaborou-se uma trajetória do escritor mineiro Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, ressaltando sua importância na sociedade juiz-forana, como jornalista-literário e intelectual. Sua produção interveio, criticamente, no espaço público, ao esclarecer a sociedade sobre o que representam e significam os fatos vividos em sua época, por meio de suas quadras satíricas comentadas e anotadas. A outra parte desta seção contemplará os **Critérios para estabelecimentos do texto**. Na sequência, seguirá a seção intitulada **Zangão e as colunas Ferroadas**, depois da qual haverá a finalização deste trabalho com o texto das **Considerações finais**, a lista de **Referências** e os **Anexos**.

2 JORNALISMO COMO OBRA DE ARTE: UM SALTO SOBRE A ROTINA

Não vejo como negar ao jornalismo o seu cartão de entrada no recinto literário (LIMA, 1969, p.22).

Esta seção traz algumas reflexões e abordagens sobre Literatura, Jornalismo e o novo jornalismo, trazendo à discussão o posicionamento de alguns teóricos em relação ao fato de a modalidade de escrita denominada Jornalismo pertencer ao gênero literário. As teorias que fundamentam esta questão envolvem os estudos de autores como Alceu Amoroso Lima, Antonio Olinto, Carlos Heitor Cony, Fabrício Marques de Oliveira, Marcelo Bulhões, Marisa Lajolo, Moacyr Scliar, Viviane Amaral França e Vitor Necchi, como eixo principal.

Jornalismo e Literatura são gêneros textuais que vêm sendo pesquisados, trabalhados e discutidos de uma longa data, justamente por serem mutáveis, no tempo, na forma e no espaço. Muitos autores consideram estas variantes de escrita como gêneros de fronteira, mas uma fronteira permeável, permissiva à boa convivência entre as modalidades, que, apesar de suas singularidades, caminham para a convergência (SCLIAR, 2005).

Para aclarar o diálogo entre Jornalismo e Literatura, cita-se o teórico Carlos Heitor Cony,

O jornalista é como um peixe do aquário, exhibe seus desenhos, suas cores, a fosforescência que atrai o leitor. Impossível não admirar um peixe na gaiola iluminada, com água renovada diariamente. É um *clown*. Precisa de brilho, expressa-se no palco. O escritor é um peixe de água profunda, vive na treva, em águas aonde nem chega a luz do sol... Não conhece os limites do palco. Tem o oceano para arrastar seu corpo medonho, sua fome o que não escolhe o que, comer (CONY, 2005).

Segundo Cony (2005), ao expor suas ideias, em um seminário sobre Jornalismo e Literatura, o signo verbal que aproxima as duas vertentes é o mesmo, ou seja, o universo das **Letras**. A diferença se apoia unicamente no **tempo**. Assim, a crônica é o segmento comum da Literatura e Jornalismo, portanto, este condiciona o espaço da **letra** ao tempo do tempo, ou seja, relaciona o universo das **letras** a um tempo preestabelecido, o que o distingue da literatura, por ser uma expressão datada. Não se discute, se o Jornalismo é uma expressão inferior à Literatura ou vice e versa. Apesar de elas serem expressões diferentes e disporem de um tempo próprio para cada uma, são unidas pelo mesmo gênero e utilizam o mesmo veículo.

Por outro lado, o Jornalismo² diferencia-se da Literatura por sua efemeridade, sua temporalidade. Uma notícia³ é escrita para o dia, para o momento atual, com objetivo de contextualizar o leitor para o fato ocorrido, enquanto a literatura é escrita para a eternidade.

No viés do que é ponto de convergência entre os dois campos citados, Alceu Amoroso Lima expõe alguns elementos e características que permeiam os campos de estudos, ratificando a aproximação entre Literatura e Jornalismo, ao afirmar que,

O jornalismo é um gênero literário. Apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando põe em ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se, pois, dentro do próprio jornalismo, em sentido *lato*, de tudo que vem do jornal, na sua forma escrita, ou no studio, em sua forma oral (LIMA, 1969, p.64).

De acordo com Fabrício Marques (2014), não há um critério único ou uma resposta certa para definir o que é Literatura, pois cada grupo social tem sua própria história, sua memória e sua própria definição e, sendo assim, o Jornalismo utiliza-se dos recursos literários para diferenciar seus textos. Dessa forma, a linguagem torna-se literária, quando, em seu uso, há uma interação com a subjetividade (autor e leitor) escapando do imediatismo, do previsível e dos estereótipos dos acontecimentos.

Segundo Marisa Lajolo (1988), Literatura “é a relação que as palavras estabelecem com o contexto” (1988, p.45). Ela vê a literatura como um objeto social, como se fosse um intercâmbio entre autor-leitor, pois é preciso que alguém escreva para que outro leia o que foi escrito e, assim, fazendo a mesma existir. “O mundo da literatura, como o da linguagem, é o mundo do possível” (1988, p.45). Logo, as histórias que a literatura conta podem ser ficcionais ou baseadas em história não ficcionais.

Carlos Magno Araújo, em **Amor à palavra**, afirma que Jornalismo e Literatura podem conviver com perfeita harmonia, são próximos, pois se alimentam do mesmo

² De modo provocativo, pode se dizer que o jornalismo possui uma natureza presunçosa. Definindo-se historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar um movimento da própria vida (BULHÕES, Marcelo Magalhães: **Jornalismo e Literatura em convergência** – São Paulo: Ática, 2007. p.11).

Atividade profissional que consiste em coletar e transmitir notícias e outros tipos de material informativo por meio dos veículos de informação (jornal, revista, rádio televisão, internet etc.) (MICHAELIS, dicionário on-line).

2- Informação sobre situação atual ou de acontecimento recente; nova, novidade etc.). (MICHAELIS, dicionário on-line).

meio que é a palavra, e do mesmo fim que é a conquista dos leitores (ARAÚJO, 2005, p.97).

Como observa Lima (1969), o estilo próprio de quem escreve permite a total liberdade. Este estilo próprio é a afirmação da personalidade do jornalista, contribuindo para diferenciá-lo dos outros e proporcionar certa singularidade. Para este teórico, pode-se considerar o Jornalismo como um gênero literário, pois este representa uma marca específica - a de ser uma apreciação em prosa de conhecimentos (LIMA, 1969, p.56).

O estilo próprio admite como sempre a máxima liberdade. Preenchida as condições comuns — precisão, concisão, clareza, cultura — então a liberdade, em vez de ser condicionada pelo o gênero, é uma exigência dele mesmo e da condição do próprio jornalista, que é um artista como outro qualquer. Essa característica do estilo próprio passa a ser então a própria afirmação da personalidade, aquilo que faz com que o jornalista seja diferente do outro e constitua o seu mundo à parte, o seu estilo próprio (LIMA, 1969, p.59).

A partir deste breve diálogo conceitual, interessa à pesquisa contextualizar o leitor sobre parte do histórico que envolve Jornalismo e Literatura, numa discussão profícua para o esclarecimento das questões aqui propostas.

2.1 FOLHETINS: O ELO ENTRE O LITERÁRIO E O JORNALÍSTICO

O discurso de aproximação entre Jornalismo e Literatura tem seu registro desde o século XIX, pois muitos escritores usavam os folhetins para seu sustento e, também, como uma forma de divulgarem seus romances, contos e crônicas⁴. Folhetim era o nome dado a uma narrativa seriada e extensa, publicada em jornais ou revistas, enraizada nos ambientes sociais da civilização moderna (CUNHA, 2003). Esse era um dos maiores gêneros populares e que mais circulavam na sociedade europeia à época.

A fim de contextualizar a afirmação acima, José de Alencar publicou **O Guarani** (1857), na seção **Folhetins** do **Diário do Rio de Janeiro** – que apresentava características oriundas dos principais folhetinistas franceses, como a

⁴ Comentário pessoal sobre acontecimento datados do dia a dia, publicado em periódicos, e tratado de maneira coloquial e arguta, variando da fineza e graça à contundência e ironia. Os assuntos podem ser políticos, econômicos, sociais, policiais ou esportivos, além de propriamente literários (CUNHA, Newton, 2003. p.287).

suspensão da narrativa, que tinha como objetivo o entretenimento popular, exatamente no momento do clímax, alimentando, indefinidamente, a porção diária da fantasia e o escapismo da realidade (BULHÕES, 2007). Assim, o Folhetim tornou-se a matriz primordial das narrativas seriadas de consumo de massa, para entretenimento popular, no século XX, como, também, a fotonovela, cinema narrativo e teledramaturgia. Olinto (1955) confirma o que Bulhões pontua, ao informar que Euclides da Cunha publicou capítulos de **Os Sertões**, em jornal. Sua obra também retrata um fato histórico, que era notícia na época:

Sob todos os seus aspectos, “Os Sertões”, é uma obra de jornalismo. A guerra de Canudos era um assunto dos jornais da época. O imediatismo da imprensa comum não dava, porém, ao fato, a devida perspectiva. [...] O modo como Euclides da Cunha se aproximou do fenômeno Canudos foi o de um jornalista gênio. [...] O grande repórter que foi Euclides da Cunha, eternizou a campanha de Canudos. O que constitui a principal fraqueza do jornal – a transitoriedade – ganhou permanência numa obra de jornalismo porque, naquele acontecimento que para muitos não tinha importância maior do que a insurreição de fantásticos, Euclides da Cunha viu uma constante da natureza humana, ávida e sobrenatural. Atentamos para o fato de que a obra de jornalismo não é exclusivamente aquela que é escrita para o jornal. Jornalismo é uma condição interior da obra, uma tentativa de descrição, um relato, um exame, uma aproximação direta com uma realidade. Euclides da Cunha publicou capítulos de “Os Sertões” em jornal, porque eram reportagens. Mas poderia não o ter feito e a obra continuaria sendo intrinsecamente jornalismo (OLINTO, 1955, p.59-60).

Sendo assim, entende-se que a definição de permanência ou não de um texto é sua qualidade artística e estilística, é o domínio da palavra, e não o meio em que foi publicado. O jornal, nesses casos, foi suporte para textos literários.

O pedaço de papel que, todos os dias, temos nas mãos e que lemos com um pouco de pressa, com o único desejo de tomar conhecimento do que possa estar acontecendo no mundo, tem uma vida curta, mas nêle palpita uma constante possibilidade de superação, de eternidade (OLINTO, 1955, p.60-61).

Essas reflexões permitem compreender que o jornal é um veículo de comunicação e publicação e que não há uma regra clara e única, de confirmação ou não, para um texto ser classificado como literatura ou jornalismo. Avaliados e autorizados pela crítica como um novo modelo de reportagem, cita-se em caráter crítico, textos jornalísticos publicados em forma de livro, como a obra **O olho da rua** (2017) de Eliane Brum, considerado livro-reportagem. A autora utiliza recursos como subjetividade, estilo, criatividade, valendo-se de metáforas e o domínio da palavra em cada construção de seus textos, buscando, assim, a perenidade, ao exercer

influências em diversos contextos sociais. Para isso, utiliza-se de personagens reais e anônimos e se define como repórter de **desacontecimentos**, em contraponto ao acontecimento, ou seja, não se prende aos acontecimentos por si só, pois é necessário romper com o clichê do jornalismo, ir além dos fatos, o que movimenta a vida pública, promovendo uma cisão, de forma surpreendente, na fronteira entre jornalismo e a literatura.

Esse **desacontecimento** é um traço do jornalismo literário de Brum em que aborda temas tradicionais e corriqueiros, proporcionando uma ruptura com o jornalismo tradicional. Assim, por meio de sua escrita personalizada, poética e sensível, a jornalista busca resgatar o que ficou na sombra do acontecimento, começando suas narrativas, geralmente, com um espanto para depois passar ao processo de investigação e, dessa maneira, sua escrita tem o objetivo de desacomodar, perturbar e incomodar o leitor para que o mesmo se desloque do seu lugar para enxergar outras dimensões, e para que esse movimento aconteça é preciso que o próprio jornalista desloque do seu lugar, levando esse percurso para dentro de seus textos.

As reportagens de Brum descrevem os espaços, os objetos, as personalidades, refletindo suas visões e críticas sobre os fatos e situações. Em suas entrevistas, a jornalista abre espaço para que o entrevistado diga o que quiser, assim, Brum reflete e convida o leitor (a) para que faça o mesmo e, dessa forma, ela mostra que não pretende retratar uma verdade e, sim, **uma de muitas verdades**. Segundo a Jornalista, a reportagem é um movimento muito profundo, é um ato grande de despir-se de si mesmo, desabitar-se, para vestir o outro, para ir ao encontro do outro. Segundo ela, é preciso deixar-se possuir pelos outros que vivem nos seus abismos e, muitas vezes, há certas realidades que precisam ser criadas outra vez, por que só a reportagem não dá conta de explicar. Foi assim que Eliane Brum consagrou-se uma jornalista diferenciada por enxergar o invisível do acontecimento, ou seja, privilegia o desacontecimento em suas narrativas.

Escrever, para mim, é um ato físico, carnal. Quem me conhece sabe a literalidade com que escrevo. Eu sou o que escrevo. E não uma retórica. Eu sinto como se cada palavra, escrita dentro do meu corpo com sangue fluídos, nervos, fosse de sangue, fluídos, nervos. Quando o texto vira palavra escrita, código na tela do computador, continua sendo carne minha. Sinto dor física, real e concreta, nesse parto (BRUM, Eliane, 2008, p.127).

Dialogando com Brum, Necchi (2007) afirma que alguns recursos são característicos do jornalismo literário, como uma profunda observação, imersão na história a ser contada, com múltiplos detalhes e descrições, com reprodução de diálogos, usos de metáforas e metalinguagens, com traços autorais, digressões e fluxo de consciência (NECCHI, 2007, p.34).

Com o jornalismo literário, o autor pode ser observador ou até mesmo um participante da ação. Além do visto, o não-visto – pensamentos, sentimentos, emoções – é descrito a partir de um trabalho de campo efetivo, de uma apuração vigorosa, de uma entrevista pautada pelo tempo farto, pela atenção e pela acuidade. Os sentidos do repórter se encontram permanentemente alertas na leitura dos acontecimentos – seja uma cor esmaecida, um sopro quente, um aceno interrompido, uma textura áspera, um aroma inesperado, um suspiro que se liberta, um ranger intermitente. (NECCHI, 2007, p.5-6).

Antonio Olinto (1955) reafirma que o Jornalismo é, sim, um gênero literário, uma vez que ambos, Jornalismo e Literatura, têm como matéria-prima a palavra. Tal característica garante que o gênero jornalístico tenha a possibilidade de ser literário, apesar de sua **aparente** efemeridade. Olinto defende:

A verdade, no entanto, é que o jornalismo como obra de arte é sempre um salto além da rotina. É um trabalho de criação, com os mesmos sofrimentos dos da poesia e com a mesma possibilidade de conquistar o patético, o trágico, o pungente, que os acontecimentos trazem consigo. [...] Este é o processo pelo qual a palavra é conquistada – no poema, no romance e na reportagem. O jornalista de talento, que tenha algo a dizer e que seja capaz de criar um estilo, de formar um mundo diferente feito de palavras comuns, é tão raro como o poeta de talento. Porque o jornalismo é um ato de criação, é contínuo bater de pensamento, sobre a massa informe da linguagem, no esforço de lhe dar a essência de humanidade necessária à sua perpetuação (OLINTO, 1955, p.66-67).

Com base nas considerações até aqui elencadas, importa comentar⁵ que, em relação ao novo jornalismo, os escritores como Hersey, Talese, Capote, Mitchell, Walsh, no estrangeiro, e Eliane Brum, no Brasil, empreenderam, em suas narrativas, uma produção para além do registo taquigráfico da história, como um entre-lugar que tenciona ficção e documento, na tentativa de captar um passado que não se deixa registrar por completo, sempre em construção (MARQUES, 2014).

Em relação ao Novo Jornalismo, o autor Felipe Pena (2006) revela que este novo tipo de jornalismo surgiu de um movimento dos profissionais da época (1960) e da total insatisfação e descontentamento dos mesmos em relação às formas e às

⁵ Destaca-se que não é objetivo desta pesquisa aprofundar-se nas teorias do novo jornalismo.

regras que eles estavam produzindo suas matérias. Para ele, o Jornalismo narrativo não segue a pirâmide invertida, ou seja, não começa os primeiros parágrafos respondendo às perguntas do *lead*⁶:

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras da objetividade do texto jornalístico, expressos na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor (PENA, 2006, p.53).

Dessa forma, a relação entre jornalismo e literatura fica mais próxima, uma vez que esses gêneros se misturam em um mesmo texto, recorrendo aos recursos literários de construção textual, Pena (2006) defende um conceito próprio sobre o que vem a ser Jornalismo Literário:

[...] defino Jornalismo Literário como uma linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de uma melodia (PENA, 2006, p.21).

Pena (2006) aborda que, no jornalismo literário, o texto não deve servir para responder às perguntas básicas do leitor, mas deverá ter um valor estilístico alcançado por meio dos elementos literários da escrita. Para ele, além do Novo Jornalismo ter uma mudança na linguagem textual, também propõe uma nova forma de lidar com as fontes. O autor sugere uma classificação para este novo gênero, a qual ele chama de estrela de sete pontas e, para cada, ponta estará um importante aspecto da produção jornalística.

Na primeira ponta da estrela, Pena destaca em seu artigo **O jornalismo literário como gênero e conceito**⁷ a potencialidade dos recursos do jornalismo e que este se vale de vários aspectos importantes do jornalismo diário,

⁶ Lide (do inglês lead) refere-se as fórmulas da pirâmide invertida, ou seja, o texto segue um roteiro, respondendo as seis perguntas básicas para qualquer fato: quem, o que, quando, onde, como e por quê (BULHÕES,2007, p.30).

⁷ As transcrições do artigo de Felipe Pena, disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241>. Acesso em: 05 nov.2021.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios de redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2006, p.7).

Na segunda ponta da estrela, ele relata que o jornalismo literário ultrapassa os limites dos acontecimentos do cotidiano. Sendo assim, o objetivo deixa de ser apenas o de dar uma notícia no menor tempo possível, oferecendo para o leitor um novo tipo de escrita sendo feita com tempo, dedicação e sem pressa.

Na terceira ponta da estrela, o texto será mais aprofundado com diferentes abordagens e pontos de vista, com informações contextualizadas, proporcionando uma visão mais ampla da realidade.

Na quarta ponta da estrela, o autor assevera que esta característica do Novo Jornalismo é o exercício da cidadania e confirma ainda que o compromisso do jornalista é colaborar com a formação do cidadão, levando temas relevantes para os leitores.

Na quinta ponta da estrela, ele destaca sobre a forma do texto, no caso, a famosa *lide*. Essa cumpriu bem seu objetivo de dar maior agilidade ao jornalismo, isto é, trazendo, no primeiro parágrafo, as informações principais da matéria.

Na sexta ponta da estrela, o autor faz uma reflexão sobre o vício nas fontes iniciais e de plantão. Pena (2006), explica que, devido ao tempo escasso e prazos curtos para fazer uma matéria ou reportagem, os jornalistas costumam recorrer às mesmas fontes. Ele se refere àqueles profissionais que já estão acostumados a dar entrevistas, que possuem boas relações e que saberão como contribuir com a matéria de forma esperada, isso acaba por limitar e empobrecer toda a reportagem. Segundo ao autor, é necessário que se explore novas ideias, novos pontos de vistas sem se prender apenas aos que dizem as vozes conhecidas.

Na sétima e última ponta da estrela encontra-se a **perenidade**. Esta é uma das características mais importantes que se destaca nas obras construídas nos moldes do Jornalismo literário, por isso ele não pode ter o efeito efêmero na sociedade:

Na verdade, a busca pela permanência reflete o segundo motivo mais importante para se escrever: o medo da morte. O escritor procura fugir da fugacidade da vida pelo tortuoso caminho das letras. Ele é um otimista por natureza. Tem que acreditar que alguém vai publicar o seu livro, que outros

tantos terão interesse em lê-lo e que ele permanecerá nas prateleiras do tempo, amenizando a angústia de sua efêmera existência sobre a terra (PENA, 2006, p.9).

Nesta reflexão, importa ressaltar, por fim, que nem todo texto jornalístico pode ser um texto literário, pelo fato de a referida produção não trabalhar as palavras de forma predominantemente metafórica, mesmo usando da ficção e sua atemporalidade, assim como nem todo texto literário é jornalístico.

As colunas escritas pelo literato-jornalista Gilberto de Alencar publicadas no **Diário Mercantil**, de julho a dezembro do ano 1954, são quadras-crônicas, que contextualizavam os fatos ocorridos, nesta época, para seus leitores e, ao mesmo tempo, criticavam e satirizavam as várias esferas da sociedade, por meio de versos rimados, plenos de subjetividade e estilo próprio do escritor. Por isso, permitem hoje entendê-los como textos que apontam para o hibridismo do gênero jornalístico - literário.

Diz um jornal carioca que, apesar da vigilância da Justiça Eleitoral, foram inscritos diversos criminosos como candidatos às assembleias.

**Alheio que sou ás greis,
De muita coisa não sei...
Como pode fazer leis
Quem anda fora da lei?**
(ZANGÃO, 22 set.1954, grifo do autor).

Sendo assim, faz-se imprescindível ressaltar a enorme relevância do diálogo jornalístico-literário, de forma que haja uma boa convivência entre eles, visto que, a relação entre os mesmos é muito forte, desde os primórdios da comunicação e do surgimento da imprensa.

Na próxima subseção, serão destacadas informações relevantes sobre o periódico **Diário Mercantil**, considerado por Christina Musse (2008) o jornal de destaque da cidade de Juiz de Fora, com um número expressivo de publicações. Gilberto de Alencar foi um dos nomes marcantes na trajetória desse jornal para o qual por longos anos escreveu e publicou de forma atuante, contribuindo para o enriquecimento significativo no período de 1954.

2.2 DIÁRIO MERCANTIL: UM JORNAL POLÍTICO POR EXCELÊNCIA

Os estudos de Almir de Oliveira (1981) e de Christina Ferraz Musse (2008) sobre o jornal **Diário Mercantil** (, doravante DM), que circulou em Juiz de Fora, MG,

durante 71 anos, foram de grande importância e contribuíram, de forma enfática, para o conhecimento de que hoje dispomos do resistente jornal juiz-forano.

O periódico foi fundado por Antônio Carlos de Andrade e João Penido, em 1912, e encerrou suas atividades em novembro de 1983. Sua sede localizava-se na Av. Barão do Rio Branco, 3372, principal via de circulação da cidade, conhecida como antiga galeria Sirimarco.

Segundo Isabela Baião Mol (2015), o primeiro número do jornal teve sua edição na data de 23 de janeiro de 1912. Nessa época, o periódico apresentava quatro páginas, cinco colunas, vários anúncios e sua orientação política estava vinculada ao Partido Republicano Mineiro (P.R.M.), cujos membros eram candidatos a deputado. A jornalista Christina Musse (2008), afirma que o **Diário Mercantil** tinha uma saúde econômica muito forte, privilegiada em relação aos demais jornais que circulavam à época, principalmente no período de 1950 e 1960, pois era mantido pela elite a qual financiava o mesmo, já que o jornal funcionava como porta-voz dos interesses dessa classe privilegiada, como afirma a pesquisadora Mol:

[...] um jornal do interior, que circulou durante mais de setenta anos consecutivos, representando o pensamento das elites políticas, econômicas e intelectuais da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O periódico é um documento indispensável à compreensão da história daquele centro urbano, e sua análise traz luz sobre as maneiras de narrar a contemporaneidade, sob a ótica dos jornais do interior, situados à margem dos padrões da grande imprensa, mas, aos poucos, cooptados ou destruídos pelas grandes corporações jornalísticas (MUSSE, 2008 apud MOL, 2015, p.19).

Nos anos 1960, o jornal era o periódico de maior destaque na cidade, com um número expressivo de tiragens. Era um jornal matutino, de circulação diária, com exceção das segundas-feiras. Havia uma única edição especial aos domingos que, geralmente, possuía mais páginas, devido a muitas propagandas e fotografias. Sua comercialização era feita por assinaturas, o que o tornava um jornal de elite,

[...] fazendo as coisas que esta categoria gosta, que é política sem agressão, uma coluna social que prestigiasse a classe A. Da sua parte o jornal também era prestigiado pelos médicos, engenheiros, dentistas e militares. Você pega a coluna social da época e você vê esse pessoal muito presente. Uma categoria que tinha uma influência imensa era a dos funcionários do Banco do Brasil. Se você pegar as coleções do Diário Mercantil daquela época, você vai ver, assim, fotos, primeira página, do gerente do Banco do Brasil, falando sobre qualquer coisa. A maior tolice, mas falando. O gerente do Banco do Brasil, quando falava, nossa Senhora! (CID, 2005).

A cronista do **Diário Mercantil**, no editorial publicado em 1968, classificava o jornal como “alter ego” (MUSSE, 2008, p.40) de Juiz de Fora e porta-voz da opinião pública, destacando sua visão em relação ao periódico, segundo Cosette (1972). Para ela, o jornal era a forma de representar as reivindicações populares, discordando da opinião de Musse.

Conforme a pesquisadora Mol (2015), Cosette de Alencar, filha do escritor Gilberto de Alencar, colaborou de forma expressiva, para o jornal. Interessa, neste contexto, a publicação da escritora no suplemento do aniversário de 60 anos deste periódico, no ano de 1972.

A participação que o jornal vem tomando, desde sua fundação, na vida da cidade é das que não podem ser esquecidas, muito menos desprezadas. Pode-se dizer que o jornal tem sido o sustentáculo das iniciativas locais e não exageraria quem afirmasse que, nele, a cidade tem encontrado apoio indispensável a seu desenvolvimento. Na verdade, o Diário Mercantil é um dínamo para a vida de Juiz de Fora e, depositário fidedigno das reivindicações populares, nunca se omitiu e nem deixou jamais de cumprir, com impressionante fidelidade, seu papel de defensor das melhores aspirações locais (ALENCAR, 1972 apud MOL, 2015, p.18).

Em 1932, o jornal **Diário Mercantil** foi comprado pelo empresário Assis Chateaubriand⁸ e passou a fazer parte dos **Diários Associados**⁹, e esse perdurou até seu fechamento em 1983 (MUSSE, 2008).

Em 1968, ocorreu uma reforma gráfica no jornal, na qual foi incorporado um novo visual mais arejado e moderno, a partir da contratação do seu primeiro diagramador: José Luiz Ribeiro¹⁰ que trazia novidades para a cidade.

Até então, o jornal não tinha diagramador, era só paginador, o trabalho ia direto para a gráfica. O jornal tinha seis páginas e o editor, Irven Cavaliere, queria passar para oito, então, me convidou. A grande novidade foi a introdução de uma página diária de cultura, que ficou também sob a minha responsabilidade, e onde escreviam o Antônio Augusto, sobre Cinema, e Cosette de Alencar, que era uma cronista tradicional, filha do Gilberto de Alencar, autora do Giroflê, Giroflá. Ainda tinha uma coluna sobre teatro, coluna social (RIBEIRO apud MUSSE, 2008, p.6).

⁸ Assis Chateaubriand empresário de grande influência política e nos meios de comunicação, proprietário dos **Diários Associados**. Recebeu a alcunha de **Barão da Imprensa** (MOL, 2015, p.19).

⁹ Os Diários Associados eram a maior empresa de mídia do Brasil, constituído por diversos jornais revistas e, TV, emissoras de rádio, revistas e agência telegráfica. O grupo chegou a reunir 36 jornais, 36 rádios, 18 revistas e 18 emissoras de televisão (MOL, 2015, p.19).

¹⁰ Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1967), mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1992) e doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001).

É necessário ressaltar que, nessa época, o Brasil passava pela ditadura militar (1964 a 1980) e que o país estava sob o domínio de governantes militares. Dessa forma, tanto a política como todos os veículos de comunicação estavam sendo controlados e vigiados pela censura. Cid (2005) comenta que a política era de direita e que o jornal dava amplo espaço para as matérias de interesse da ditadura militar. Os governantes usavam telegramas, recados e telefones endereçados aos editores e jornalistas, permitindo ou proibindo os conteúdos a serem publicados e fazendo as devidas ponderações e recomendações. Essa situação tornou-se ainda mais preocupante, quando houve a divulgação do Ato Institucional de número 5 (AI-5)¹¹, em 13 de dezembro de 1968. O jornalista relembra um fato ocorrido no ano de 1969, quando o título ufanista da manchete principal, da primeira página do dia 01 de janeiro de 1969 foi: **Presidente diz à Nação que AI-5 salvou o programa e até a democracia**, porém se esquecera de dizer sobre as centenas de prisões realizadas, entre elas, as de Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, Caetano Veloso, Gilberto Gil e muitos outros.

Ele explica que isso acontecia, porque as pessoas que tinham expressão administrativa no jornal eram vinculadas aos setores militares, partidos políticos, e entidades da direita. Conforme seu relato concedido em uma entrevista à jornalista Christina Musse, relata a seguir:

Quando veio a censura, inicialmente, ela foi branda entre nós, porque já tínhamos, em função das normas administrativas do jornal, quase uma auto-censura. Mas ainda assim... A polícia federal entrava na redação e te mostrava o telegrama com o seguinte: "Por ordem do senhor ministro da justiça é proibida a divulgação de qualquer discurso..." Aí, você lia, e eles levavam o telegrama de volta. Você tinha que ler, tomar conhecimento, para ficar responsável, e eles levavam embora. Houve censura, houve casos de violência. O comandante da Quarta Região Militar rasgou a carteira de jornalista do Pedro Paulo {Pedro Paulo Tauci} na cara dele. Nós fomos chamados lá, algumas vezes, também, para aquelas questões de indagar isso, se conhecia fulano, por que escreveu isso... Mas isso foi relativamente ameno por causa dos Associados, da posição de direita, do fato de ter sido um jornal contra o governo João Goulart (CID, apud MUSSE, 2005, p.8).

Nas décadas de 1950 e 1960, Cid (2005) relata que a maior parte das empresas de Juiz de Fora tinha origem na cidade e era dirigida por pessoas do lugar, levando o espírito de comunidade, de união à sociedade, ou seja, as

¹¹ "O Ai-5 decretou a suspensão de todas as garantias individuais e dos direitos políticos. A partir daí, o confronto saía do campo das ideias e descia às ruas, com a luta armada, e os porões, com a tortura. O ideário de libertação difundido por qualquer segmento intelectual, artístico, estudantil ou

empresas tinham responsabilidade em relação às coisas de Juiz de Fora. Com o passar do tempo, essa relação foi se acabando e perdendo seu vínculo.

Já na década de 1970, houve uma relevante preocupação do jornal em se modernizar, no sentido de tornar-se um dos pioneiros para **Brasil Grande**. Com isso, houve mudanças como adotar um livreto, contendo as normas de redação para o **Diário Mercantil** e o **Diário da Tarde**. Era necessário mudar a escrita do periódico, adequando ao perfil do leitor moderno. Assim, afirma Musse:

Ao redigir para jornal, leve em conta as características do leitor moderno:

- a) em geral, lê apressadamente, em meio a solicitações diversas ou cercado de distrações, especialmente a TV;
- b) na maioria das vezes, o tempo que dedica à leitura é tomado ao tempo que deveria se ocupar em outras atividades;
- c) ele é produto da educação em massa, e
- d) em número crescente, é cada vez mais informado e sofisticado (MUSSE, 2008, p.153).

Nesse mesmo período, destacam-se as matérias locais como o esporte da cidade, tênis, vôlei dos clubes de Juiz de Fora e as olimpíadas universitárias. As matérias de comportamento, ligadas à moda, dia a dia, decoração, saúde, beleza e eventos locais, passaram a ter destaque no jornal. Desta forma, diminuiu-se o espaço para a crítica e a produção cultural da cidade que, antes, ocupavam um espaço nobre. Apesar de o jornal ter passado por um alinhamento político, parece ter sido um veículo caracterizado por uma postura ideológica, em comparação a outros jornais da época, os quais eram comprometidos com a questão mercadológica. Mesmo sendo conservador em seus conteúdos, o **Diário Mercantil**, passou por mudanças significativas na linguagem, tornando-a mais coloquial, direta e objetiva para atender seu novo perfil de leitor. Percebem-se essas mudanças, principalmente, nas páginas dos suplementos de cultura.

É importante ressaltar, neste momento da reflexão, que o objeto de estudo desta pesquisa não será o de discutir, analisar e criticar a postura do **Diário Mercantil**, como sendo, ou não, um jornal com tendências conservadoras e ou liberais. Cabe aqui relatar e descrever informações sobre o impresso.

Em 1973, o jornal passa a ser supervisionado e administrado pelo **Condomínio dos Diários Associados** por pessoas vindas de Belo Horizonte que tinham como objetivo novas reformulações para o impresso. E para mudar este

cenário o **Diário Mercantil** contraiu várias dívidas, por meio de grandes empréstimos bancários. Diante deste fato, a dívida intensificou-se, o que abalou totalmente a situação econômica do jornal, culminando com o seu fechamento definitivo, no dia 29 de novembro de 1983 (MUSSE, 2008). Esse acontecimento lamentável surpreendeu e abalou a sociedade juiz-forana, já que era um jornal conceituado e de forte prestígio.

¹²Tínhamos saído de tempos difíceis. Realmente difíceis. Os salários atrasavam, os custos financeiros subindo, porque os novos equipamentos foram comprados na cotação do dólar americano. O Banco do Estado de São Paulo, financiador e dono das hipotecas, ameaçava diariamente com o arrestamento. O pessoal da Redação promoveu greves momentâneas. Eu, sem me convencer plenamente, mas cumprindo minha tarefa de Editor Geral, lembrava aos companheiros que estávamos em uma crise e o pior ainda podia acontecer: Maldita premonição!

De maneira que, quando o Mercantil fechou definitivamente suas páginas e a imprensa empobreceu em Juiz de Fora, cada um de nós se sentiu mutilado.

Quanto a mim, depois de apagar as luzes da Redação, desejei fazer apenas o que o Ricardo Martins de Souza, nosso Secretário, já fazia desde o momento em que recebemos a grave notícia: saí pelas ruas, sozinho, e fiquei caminhando até o amanhecer, acompanhado não apenas de tristeza, mas também daquele sentimento horrível do nada por fazer.

Tenho dito aos mais jovens jornalistas que me procuram para ouvir um testemunho daquele naufrágio – e o digo agora a você – que assistir ao fechamento de um jornal é a coisa que não seria capaz de desejar ao pior inimigo. É realmente muito ruim. É um vazio que entra na gente e que não podíamos imaginar que coubesse dentro de cada um.

Digo, ainda, que legado foi a oportunidade de conhecer homens e mulheres admiráveis. Tanto na alegria como na tristeza e no fracasso final. Cito, como exemplo, dessa geração heroica, o Jorge Couri. Ele, talvez mais que qualquer um de nós, viveu aquela dor, da qual nunca mais se libertou (CID, 2001, p.119-122).

Ressalta-se que o fragmento acima permite entender que o **Diário Mercantil** foi um periódico de muita influência da região e que seu fechamento abalou toda a sociedade juiz-forana. Político, por sua natureza, foi um veículo utilizado por Gilberto de Alencar para publicar suas colunas **Ferroadas**.

Na articulação da importância do jornal como arquivo, na próxima subseção, será apresentada uma reflexão sobre Arquivo, Memória, Preservação e Conservação dos documentos públicos, como o jornal, destacando a sua importância, por ser um lugar de memória e, conseqüentemente, um elemento de resgate da identidade cultural de uma sociedade.

¹² As citações mais longas justificam-se pelo caráter arquivístico de preservação da informação.

2.3 ARQUIVO MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO: UM PONTO DE ENCONTRO

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali eu ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2003, p.69).

O tema da memória será abordado nesta pesquisa, porque, em suma, todo o corpus da mesma foi coletado por meio dos Arquivos que estão sob a guarda de Museus desta cidade, como MAMM, o Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF/MG). O MAMM e o AHJF são arquivos institucionais. Segundo Marilena Leite Paes (2002), entende-se como Arquivo Institucional “o conjunto de documentos oficialmente produzidos e recebidos por um governo, organização ou firma, no decorrer de suas atividades, arquivados e conservados por si e seus sucessores futuros” (PAES, 2002, p.19).

Nesse contexto de pesquisa, escrever sobre o **D.M.** é, também, ressaltar a importância do Arquivo na história de Juiz de Fora, pois o mesmo está relacionado à memória e à identidade de um povo, formando uma relação indissociável; assim, quando se fala em arquivo, remete-se à memória.

O objetivo é compreender a memória como patrimônio cultural, isto é, a compreensão das memórias na história da formação do homem, enquanto ser histórico, social e ao mesmo tempo individual e particular. Memória, nesta reflexão, deve ser compreendida como a capacidade de armazenar e reter a informação aprendida e de reproduzir essa mesma informação, isto é, lembrar-se da informação guardada, anteriormente, referente a fatos vividos no passado. Maurice Halbwachs, (2003), teórico francês, afirma que a memória individual é aquela que é preservada por um indivíduo, remetendo as suas próprias vivências, e que elas estão inseridas no social.

Já a memória coletiva é formada por experiências que são guardadas como memória oficial, relacionando seu passado, a partir do reconhecimento das suas relações com o meio em que se vive ou se viveu. Essa memória expressa aquilo que é chamado de lugares de memórias, reconhecidos como monumentos, hinos oficiais, obras literárias e pinturas, que expõem um passado coletivo de uma determinada sociedade. Dessa forma, pode-se compreender que as memórias individuais e as coletivas constroem relações importantes com os lugares, e que, se os mesmos

forem alterados, podem modificar a memória do grupo. A memória individual existe a partir da memória coletiva, porque todas as lembranças são construídas na convivência em grupo, ou seja, a memória individual alimenta a memória coletiva e a memória coletiva alimenta a memória individual. Nesta relação, parece que o coletivo prevalece sobre o individual, visto que o homem se recorda, mais facilmente, dos fatos que viveu em grupo do que dos fatos que viveu individualmente. Sendo assim, constata-se que as lembranças que mais perduram são aquelas vividas por um grupo: “As lembranças que temos da nossa vida mostram que nunca só são nossas, uma vez que nenhuma lembrança pode ser apartada da sociedade” (HALBWACHS, 2003, p.30).

Neste cenário, a função primordial do Arquivo é a de que ele se constitui como elemento essencial dentro da sociedade, na qual atua como custodiador e disseminador dos vestígios que mantêm viva uma coletividade e que permitem a construção e a consolidação de uma memória e identidade social (NORA, 1993).

Considerando que os primeiros registros do homem foram desenhos e símbolos, cujo uso serviu para, posteriormente, relatar suas atividades e pensamentos, enquanto ser social, esse homem adotou uma forma de armazenamento, o que deu origem aos arquivos. A palavra **Arquivo** circulou, pela primeira vez, na Grécia Antiga, mas seu uso universal provém da palavra *archeion* que, por sua vez, é composto por dois elementos que são: *arkhaios* (antigo) e *epo* (dispor, ter cuidado), dando origem ao latim *Archivum*. Ao longo do tempo, os arquivos foram inscritos nos mais diferentes suportes, tais como as tábuas de argilas, pedras, ossos, folhas, desenhos e pinturas nas paredes das cavernas, papiros e papéis, que foram usados como instrumentos para marcar experiências e vivências da comunidade social. Esses suportes podem ser considerados Arquivos, pois os documentos guardados não significam apenas pedaços de papéis ou desenhos, mas tudo o que representa a existência de um povo (PAES, 2002).

Cuche, (2002) acrescenta que arquivo é um local não apenas de preservação de informações, mas, também, de construção da cidadania, defesa e refutação de memórias e identidades. Ele expõe que o mesmo é local de poder, de reivindicações e de luta pela afirmação dos diferentes grupos culturais.

Retomando a reflexão proposta, os Arquivos estão presentes na história da humanidade, desde longa data, quando o homem sentiu a necessidade de se fixar em determinado local e necessitou de um Estado que centralizasse as decisões a

serem tomadas, dentro de uma comunidade. Para Lodolini (apud BRITO; MORKARZEL; CORRADI, 2017, p.160), o ato de registrar suas ações e suas histórias surge da necessidade de o homem deixar suas informações e seus registros ao alcance de todos, conforme a reflexão:

Desde a mais alta antiguidade o homem sentiu necessidade de conservar a sua própria “memória”, primeiro sob a forma oral, depois sob a forma de grafite e de desenhos, e, finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem Arquivos. (LODOLINI, 1989, p.34 apud BRITO; MORKARZEL; CORRADI, 2017, p.160).

A partir da Revolução Francesa, em 1789, houve uma mudança do conceito sobre arquivo, memória e identidade. Surgiu uma nova consciência, em relação ao Arquivo, com novas preocupações e responsabilidade para o Estado, entre elas, garantir e preservar a documentação já existente. Passou-se a compreender e ter consciência do valor histórico destes documentos, procurando, assim, formas e meios para assegurar acessibilidade para toda a população.

O nacionalismo e ufanismo, vindos desta Revolução, ocorrida na França, incentivou e impulsionou os Arquivos a se tornarem um laboratório para pesquisa histórica. Os povos dos países dominados despertaram para a importância de garantir sua história registrada e resguardada, alimentando suas memórias e criando suas identidades.

Esses movimentos históricos foram fundamentais para conscientização e transformação dos Arquivos em lugares de memória. Segundo Nora (1993), lugares de memórias vão do objeto mais palpável ao mais abstrato e simbólico. Um monumento, uma personagem, um museu, um arquivo... se possuir uma vontade de memória, uma relação de reciprocidade entre memória e história, eis o lugar de memória.

Para este historiador francês, o Arquivo constitui uma fonte primordial de qualquer estudo relacionado à memória, uma vez que, por meio dele, constata-se diversas dimensões da realidade, entre elas: social, cultural, administrativa, ideológica, econômica e política, em que os objetos de estudo estão relacionados. Desta forma, percebe-se a importância dos Arquivos, como sendo laboratórios que, além de guardar a memória de um povo, também preservam suas características próprias como a identidade e seus discursos.

A pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes (2021) corrobora estes estudos sobre Arquivos Literários. Em sua entrevista¹³ concedida à Revista Archivoz, no dia 25 de janeiro de 2021, ela evidencia que a pesquisa desenvolvida em torno dos documentos, privados ou públicos, que constituem o Arquivo Literário é sempre um ato de resgate da memória que deve ter como propósito preservar a construção da história do homem, em sua formação sócio-histórica. A estudiosa, também, destaca a importância dessas contribuições para que a memória literária seja permanentemente revisitada. Afirma que a memória é um patrimônio, um bem, um legado cultural e, como tal, deve ser salva, defendida e guardada. A memória também, é faculdade, potencialidade, virtualidade e, como tal, deve ser estimulada, impulsionada e intensificada. Preservar os documentos de qualquer natureza genética, como os manuscritos em suporte papel, entre eles, os diários, livros, bilhetes, correspondências, jornais, rascunhos e outros faz-se urgente para que, no futuro, não tenhamos que restaurar. Nessa perspectiva, os documentos privados ou públicos contribuirão para os estudos de vários escritores, os quais permitirão que suas obras possam ser pesquisadas, com o decorrer do tempo, possibilitando o resgate da memória e identidade de um povo. Aloisio Castro contribui para a pesquisa em questão, ao afirmar:

[...] a necessidade de preservação de conjunto de bens culturais que integram o patrimônio brasileiro, fazendo menção em particular, ao papel enquanto categoria tipológica de bem cultural a ser preservado: “ou começamos a cuidar de nossos papéis, onde estão contidas informações, dados, e valores que traçam a trajetória evolutiva, ou vamos carecer dessas informações, fundamentais na explicitação do futuro”. [...] “no caso específico do papel e do documento, o papel é o suporte de grande parte da nossa informação histórica. E se esse suporte não merecer um trato adequado, desaparece a informação que nele foi depositada em tempos passados” (CASTRO, 2010, p.42. grifos do autor).

Portanto, é importante haver preocupação e luta para recuperação e preservação dos documentos históricos, públicos e privados, que estão depositados nos Arquivos, pois, dessa forma, estaremos preservando a memória individual e coletiva de todos os movimentos, grupos e classes sociais de um povo.

Esta pesquisa de caráter exploratório, documental e cultural recupera memórias por meio das fontes primárias, no caso, por meio do jornal, recupera a

¹³ Ver anexo A.

produção do escritor-jornalista Gilberto de Alencar, em sua trajetória literário-jornalística.

A seguir, conforme já explicitado, será apresentada de forma sucinta a biografia do escritor, salientando sua atuação e importância na Literatura, assim como a efetiva colaboração literário-jornalística, no periódico **D M**.

3 GILBERTO INTELIGENTÍSSIMO DE ALENCAR

Jair Silva confessa: “Recordo com prazer esta velha história, por que hoje, como toda gente sabe, o Gilberto continua inteligentíssimo de Alencar”. Ainda brincando e prestando homenagem ao colega que tanto admirava, terminou esclarecendo: “Coloquei aqui a anedota, por ter absoluta certeza de que Gilberto é cultíssimo de Alencar” (NÓBREGA, 1977, p.100).

De acordo com o que se lê, de forma breve, na página 14, o escritor aqui estudado nasceu em Minas Gerais, no dia 1 de dezembro de 1886, Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, no arraial de João Gomes situado na cidade de Palmira, Minas Gerais, atualmente chamada Santos Dumont. Seu falecimento foi confirmado na cidade Juiz de Fora, Minas Gerais, no dia 4 de fevereiro de 1961 (MENDES, 2016).

Era filho de Fernando de Alencar, médico e também escritor, que migrou do Ceará para Minas Gerais, exatamente no final do século XIX. Casou-se com a professora Sophia Áurea do Espírito Santo, e residiram em Queluz, hoje em dia, conhecida como Conselheiro Lafaiete. Tiveram quatro filhos. Gilberto de Alencar iniciou seus estudos com seus familiares, principalmente com seu pai, Fernando, com quem aprendeu francês, poesia e literatura. Estudou no colégio Gonçalves, de Barbacena, Minas Gerais, mas permaneceu por pouco tempo, não tendo a oportunidade de frequentar as escolas regulares. O motivo foi acompanhar a família e seu pai, que, em função do ofício da medicina, não pode permanecer em um lugar fixo, necessitando fazer mudanças de cidade em cidade, pelo interior de Minas Gerais (FRANCISQUINI, 2017).

Francisquini (2017) e Mendes (2016) informam que, devido à situação financeira da família, Gilberto de Alencar, desde muito jovem, precisou trabalhar. Seu primeiro emprego foi como tipógrafo nas oficinas do **Autônomo** que era um semanário da cidade de Queluz. Em 1905, foi para a cidade de Oliveira, Minas Gerais, onde iniciou sua carreira jornalista, escrevendo para **Democracia**.

Gilberto de Alencar residiu em várias cidades mineiras como Itaúna, Henrique Galvão, Sete Lagoas, São João Nepomuceno escrevendo para vários periódicos, dentre eles, **Gazeta de Queluz**, **Correio do Oeste** de Itapeçerica, **Correio de Minas** de Juiz de Fora, e outros, do interior de Minas, até se fixar, definitivamente, na cidade de Juiz de Fora.

Diversos fatores contribuíram para Gilberto de Alencar escolher Juiz de Fora como sua residência, a fim de trabalhar e garantir o sustento de toda a sua família. Um desses fatores foi a localização da cidade, que ficava perto do Rio de Janeiro, capital do País. Outro fator relevante deve-se ao motivo de a cidade possuir várias instituições de ensino que eram frequentadas por famílias oriundas de uma boa formação intelectual e que almejavam que seus filhos adquirissem essa cultura (ROSA, 2013).

Sua filha, Cosette de Alencar, em um suplemento de aniversário datado de 1970, apontou as motivações que levaram seu pai a optar por Juiz de Fora. Conforme Alencar:

Sei que a principal razão porque Gilberto de Alencar escolheu Juiz de Fora para domicilio nos primeiros anos do século terá sido, exatamente, esta: o escritor jovem e ardente procurava ambiente onde pudesse exercer o ofício de letras para que nascera. À época, Minas Gerais não dispunha de outra cidade tão avançada culturalmente quanto à pequena e paroquial cidadezinha situada às margens do Paraibuna. Gilberto de Alencar, pesados os prós e contras, pegou mulher e filhos e abalou-se para esta comuna. Vinha fazer uma experiência (ALENCAR, C. 1970. Não paginado).¹⁴

Outro fator que influenciou na decisão do escritor em permanecer na cidade de Juiz de Fora foi a existência de contatos pessoais que mantinha com os literatos de destaque na cidade, os quais poderiam criar oportunidades de emprego, principalmente na imprensa local. Entre eles, estavam Machado Sobrinho e o poeta Belmiro Braga.

Dormeilly Nóbrega (1997) depois do seu primeiro encontro com Gilberto Alencar, quando ele ainda exercia o cargo de diretor de Instrução Municipal, retratou sua primeira impressão em relação ao jornalista literato: “Uma figura magra, de roupa escura, colete, calça de bolso à militar, avarento de palavras na conversação, como se tivesse medo do cigarro cair da boca” (NÓBREGA, 1997, p.99). Seu grande amigo Mário Matos, companheiro de lides literárias, também pronunciou um comentário sobre o perfil do amigo: “Singelo nas vestes, monossilábico na conversação, tímido na sociedade, doméstico como os gatos, ressabiado e meio solitário” (NÓBREGA, 1997, p.99). Acrescemos a estes perfis o livro de Alencar intitulado **O Escriba Julião de Azambuja**, considerado por alguns um romance

¹⁴ ALENCAR, Cosette de. Juiz de Fora: Literatura antes e agora. **Diário Mercantil**, 31 mai 1972. Suplemento Especial de Aniversário da Cidade. s/p. O mesmo texto foi publicado na Revista da Biblioteca Municipal de Juiz de Fora. 2º trimestre de 1970. p.3-4.

autobiográfico, pois entendem que o autor também é o personagem central do mesmo.

Ao conviver por mais tempo com o literato na redação, e mantendo longas conversas nos bancos do Parque Halfeld, onde também se encontravam, Dormevilly Nóbrega, resumiu o amigo da seguinte forma:

Descobrimos um outro Gilberto, simples, de adorável mineirice, o que, aliás, é palpável em toda obra que publicou, desde amor a Ouro Preto (“Cidade do sonho de da melancolia”) a seus romances, levando Aires da Mata Machado Filho a classificar de “mineirismo rural” o de Gilberto, enquanto que o de Eduardo Frieiro seria um “mineirismo urbano” (NÓBREGA, 1997, p.99).

Na observação dos fragmentos citados, pode-se constatar que Alencar teve um grande destaque reconhecido pelos seus amigos que, também, exerciam o mesmo ofício. Por esse motivo, nos dias atuais, é objeto de estudos no meio jornalístico e literário, o que conduz à ampliação do conhecimento sobre o escritor, assim como, sua obra, seus pensamentos e suas intervenções na sociedade como jornalista e como intelectual, o que será tratado na próxima subseção.

3.1 GILBERTO CULTÍSSIMO DE ALENCAR: JORNALISTA, INTELECTUAL E ESCRITOR

A palavra é uma arma que pode ser bem ou mal usada: a culpa do crime nunca é da faca (GALEANO, 1978, p. 22).

O jornal representa uma plataforma para intervenção do sujeito na esfera pública, seja por seu enorme alcance entre a população letrada, seja por sua capacidade de mediação, dentro de uma camada política do governo.

Nesse sentido, o jornalismo destacou-se, em alguns romances de Gilberto de Alencar, como **Reconquista** (1961), e **O escriba Julião de Azambuja**, (1962), esse último considerado por alguns críticos como uma autobiografia escrita na década de 1950, conforme abordado anteriormente.

Alencar sempre foi comprometido com o ofício que exercia, e destaca-se sua responsabilidade em informar e esclarecer o leitor, usando de uma postura ética e crítica por acreditar que o jornalismo é uma missão, um vício, conforme a autora Cássia Aparecida Braz Araújo (2018).

O escritor expressou a valorização desse ofício e o exaltou, por meio de sua obra, **O escriba Julião de Azambuja** (1962), em que foi personagem protagonista e da qual se destaca o trecho a seguir.

Isto de escrever nos jornais é que foi o diabo, porque me impediu de publicar maior número de referidas brochuras e sobretudo de burilá-las a meu gosto. Não houve, todavia, outro remédio, visto que, então, como presentemente, ninguém podia viver de literatura, e de jornal sempre se vivia e sempre se vive. A prova é que consegui criar e educar numerosa família, nos moldes e com conforto da pequena burguesia que se preza (ALENCAR, 1962, p.8).

Como se vê, enquanto personagem principal do seu romance de ficção, o autor deixou transparecer o escriba Julião de Azambuja e sua profissão de jornalista-literato. Ele priorizou informar aos leitores os eventos e acontecimentos, daquele momento, com muita precisão e veracidade das informações, não permitindo distanciamento dos fatos ocorridos na esfera regional e nacional. Destaca-se, também, como característica de sua produção jornalístico-literária a introdução dos fatos reais que estavam acontecendo, no momento, dentro da obra ficcional, noticiando, com exatidão, a reação do diretório do Partido dos Trabalhadores Brasileiros e sua relação com o suicídio do então presidente Getúlio Vargas (ARAÚJO, 2018).

CAMINHO ATÉ O CENTRO DA CIDADE, com o intuito de observar o que se passa, e logo cuido de regressar porque os alto-falantes do P.T.B., na rua principal, estão explorando o cadáver a fundo e despejam, do alto das sacadas, aos berros, não só a carta em que o suicida, ou alguém por êle, apela para a história e exige vingança, mas ainda um tal chorrilho de parvoíces como igual jamais vi ou ouvi na minha vida, enquanto a turba, apinhada em baixo, aplaude e vocifera. Entre a turba observo lá um ou outro rosto que denota dor sincera, a dor dos simplórios que se deixaram iludir. Observo mesmo algumas lágrimas (ALENCAR, 1962 apud ARAÚJO 2018, p.36).

Em sua obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, Alencar expressou seu apreço e sua afinidade em relação ao jornalismo, assim como a vocação que herdara de seu pai.

As vocações de repente é que se descobrem e eu tinha descoberto a minha, por acaso, ali naquela sala, com os seus cavaletes ao longo das paredes, as suas caixas de tipos, a mesa da paginação com tampo de mármore, a máquina de impressão, o cheiro forte de tinta (ALENCAR, 1957, p.217-218).

Araújo (2018) aborda em sua pesquisa que o literato-jornalista, Gilberto de Alencar, optou por trabalhar com notícias do cotidiano, procurando atualizar seu público sobre questões importantes, acerca da política nacional e regional, por meio de suas estratégias textuais. Araújo também afirma que Alencar utilizou os espaços no jornal para registrar seu posicionamento como um intelectual moderno, colocando-se como porta-voz do povo, na busca de captar seus anseios e representá-lo, expondo suas necessidades.

Nessa perspectiva, o escritor mineiro registrou sua escrita no periódico, **Diário Mercantil**, intervindo na sociedade de seu tempo. Entendemos, com isso, que Alencar publicou **Ferroadas** com o objetivo de questionar e debater os problemas de sua época, em especial aqueles enfrentados pelo público mineiro juiz-forano, relacionados ao contexto mundial. A coluna **Ferroadas**, portanto, pretendia expressar as transformações e contradições ocorridas no cenário regional, nacional e internacional, sendo uma produção marcada pela subjetividade, cercada de reflexões, ocupada de imprimir uma ideologia singular, compartilhada com o leitor, evidenciando, assim, o papel de jornalista-intelectual moderno, assumido por Alencar:

O escritor-intelectual, ao manusear a palavra, permitiu o acesso do leitor a um mundo projetado por sua própria experiência. Assim sendo, o intelectual passou a ser um instrumento de defesa daqueles que possuíam uma voz silenciada pelo poder instituído, isto é, o porta-voz do povo que atuava como agente de transformação social. Lê-se na produção a seguir:

Por ordem do governo e para proteger os donos dos canaviais,
o preço do açúcar irá a dez cruzeiros.
**Do povo, nessa hora amarga,
É mais do que justo o estrilo,
Pois o que dava por saca
Vai dar agora por quilo...**
(ZANGÃO, 5 jul. 1954, p.2, grifo do autor).

Conforme (SAID, 2005 apud CURY, 2008), a vocação do intelectual deve ser pensada como um estado de alerta contra as “meias verdades” e o preconceito. Como um pensador contemporâneo, Said propõe uma reflexão importante sobre a função social do intelectual, o qual atribui o papel político em um mundo dominado por divisões e intolerâncias, como se observa a seguir:

[O intelectual é] Alguém que empenha todo seu senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem (SAID, 2005 apud CURY, 2008, p. 24).

Sem entrar em uma abordagem aprofundada desses estudos, pode-se dizer que os jornalistas-intelectuais-literários são atores sociais que possuem relações de duplo pertencimento ou dupla identidade, transitando em espaços de convivência entre a imprensa, o meio político, o meio literário e o intelectual (PEREIRA, 2008). São jornalistas- escritores, como é o caso de Gilberto de Alencar.

A pesquisadora e estudiosa Beatriz Sarlo (1997) afirma, em seu discurso sobre o intelectual pós-moderno, que ele precisa ressignificar sua função. Segundo a escritora, esse intelectual necessita ir muito além de ter pensamentos e interpretações críticas sobre os problemas políticos, econômicos e sociais que assolam a sociedade atual. Para ela, o pensamento crítico não é mais hegemônico, é somente mais um dos recursos utilizados para o embate social.

Nesse sentido, os intelectuais devem atuar na sociedade como intérpretes, escutando as múltiplas vozes da sociedade e tecendo redes de interconexão desses discursos, visto que a população não precisa de um discurso heroico ou de pessoas que falem por elas, sendo suas representantes perante a sociedade. Esses atores sociais devem refletir a realidade de um grupo ou de uma sociedade desigual e injusta, contextualizando-a, problematizando-a, mais do que obtendo respostas prontas, discutidas e consolidadas. Há necessidade de elaborar novas e efetivas perguntas, visto que as respostas são efêmeras e mudam com o tempo. Conforme o pensamento da escritora, o intelectual precisa ter compromisso ético com a superação da desigualdade, da injustiça e, principalmente, da desigualdade *in loco*, como é o caso da América Latina e da África:

Uma cultura deve estar em condições de “nomear as diferenças que a integram”. Do contrário, a liberdade cultural torna-se um exercício destinado unicamente a realizar-se nos espaços das elites estéticas ou intelectuais. A liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças: estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estática denuncia seu compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática. A crítica cultural então seria um discurso de intelectuais? Dificilmente haverá tanta concorrência assim em disputa por um lugar no qual este discurso possa articular-se (SARLO, 1997, p.181-182).

Desse modo, a função dos artistas e dos intelectuais, que também é fruto desse tempo (lugar), é a de trazer ao centro, em seu discurso, os problemas locais, regionais, colocando-os a dialogar e a se enfrentarem com uma realidade mais ampla, global e universal. Sarlo afirma:

Em contraste com o passado, quando muitos queriam falar ao Povo, à Nação, à Sociedade, poucos hoje se dariam ao trabalho de conquistar esses interlocutores distantes, ficcionais ou desinteressados. Entretanto, pode-se construir o lugar, os problemas provocam a intervenção e, além disso, a realidade oferece poucas alternativas. Pode-se buscar argumentos novos e melhores para criticar o comodismo perante o que existe realmente como se nada de diferente pudesse existir, a celebração erotizada do poder; a placidez autocomplacente e indiferente; o cinismo, antes usado como arma de crítica aos poderosos e hoje praticado unicamente contra os progressistas. O pensamento crítico não é uma solução para esse nó. É apenas uma perspectiva: a porta estreita ainda não foi fechada (SARLO, 1997. p. 181-182).

Assim, o global e o local ficam em diálogo, com atenção para uma reflexão que seja transformadora, no sentido atribuído por Sarlo, ou seja, de emergência de vozes locais, regionais e universais.

Neste ponto das considerações, volta-se o olhar para, além de refletir sobre a questão dos dois campos, também, analisar a efetiva relação que se preserva entre Literatura e Jornalismo, registrada nas **Ferroadas** do Zangão, como uma tentativa de compreender como se dá o arquivamento do eu. No caso, trata-se de entender como ocorreram as escolhas gilbertianas, nesta coluna, em que o escritor expõe situações sociopolíticas representativas da sua época – trazendo à discussão, inúmeras contribuições para o enriquecimento do universo literário, pois as críticas são escritas em verso e prosa, ou seja, uma afirmação em prosa e uma crítica em quadras satíricas rimadas.

Informa a imprensa que, se não forem tomadas medidas enérgicas pelo Tribunal Eleitoral, muito defunto votará nas próximas eleições.

**Mal não vejo nessa história
Nem armo catilinárias:
Funcionam as urnas cívicas
E também as funerárias...**
(ZANGÃO, 8 jul. 1954, p.2, grifo do autor).

Sobre as escolhas gilbertianas, em relação ao que publicar e ao que descartar, ou seja, o que arquivar e o que descartar, Artières comenta:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (ARTIÈRES, 1998, p.31).

Conforme se lê, para Artières, torna-se imprescindível arquivar e tornar públicas nossas produções, documentar nossas vidas, incessantemente, até o último momento, pois essas estão sendo sempre refeitas em função de fatores pessoais, ou não, registrados por meio da escrita, no caso, por meio dos textos jornalísticos engajados. Por isso, a prática de arquivamento é um dispositivo de resistência contra o sistema e de ação intelectual como aponta o teórico:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÈRES, 1998, p.32).

A partir das reflexões de Artières, entendemos que o leitor autorizado do **DM**, ao se interessar pelo que dizia Alencar na Coluna **Ferroadas**, acompanhou de perto a prática íntima da escrita que assumiu, assim, uma função pública, no referido periódico.

Importa ressaltar que, por meio de abordagem histórico-literária, desta dissertação, as produções gilbertianas representam a cultura e a identidade regional mineira no cenário nacional, divulgando e estimulando vozes esquecidas de Minas. Diante desse contexto, ressalta Moema Mendes:

A partir do fluxo, pretende-se percorrer o trânsito que se interpõe entre o texto jornalístico e o texto literário nas produções do escritor mineiro Gilberto de Alencar, publicadas no periódico **Diário Mercantil**, jornal de expressão na cidade de Juiz de Fora com importante projeção em Minas Gerais (MENDES, 2016. p.2).

Gilberto de Alencar, portanto, tem sua história ligada ao **Diário Mercantil** de forma muito significativa. Suas ferroadas jornalístico-literárias – quadras satíricas – em muito contribuíram para os leitores tomarem conhecimento de detalhes e de fatos importantes da sociedade em que viviam, sob olhar aguçado e crítico do

escritor mineiro. Usando pseudônimo de Zangão, manifestou sua voz como jornalista atuante de sua época por intermédio de suas crônicas que evidenciavam o caráter de cunho político. Desta forma, as colunas **Ferroadas**, registradas nesta pesquisa, certificam o estilo estético da escrita do escritor, proporcionando para os futuros leitores e pesquisadores um legado cultural.

Para elaborar uma edição anotada ou edição de fontes, é fundamental construir os critérios para o estabelecimento do texto, o que está registrado a seguir, em consonância com os estudos e dados levantados para esta pesquisa.

3.2 CRITÉRIOS PARA ESTABELECIMENTO DO TEXTO

As crônicas produzidas por Zangão [Gilberto de Alencar] foram publicadas no jornal **DM**, na coluna **Ferroadas**, no ano de 1954. Foram transcritas na íntegra, acompanhadas de notas explicativas ou fontes, estando, também, estas notas sujeitas aos mesmos critérios, quando houver alguma transcrição. Nos dias 16, 17, 18, 19 e 20 de agosto, 8 de setembro, 3 e 16 de novembro, 9 e 26 de dezembro, do referido ano, não houve colaboração de Zangão na citada coluna.

Para o preparo desta edição foram adotados os seguintes critérios:

1. foi registrado no canto superior esquerdo, o número da crônica em relação ao lote completo: 1/145, 2/145, em sequência, para efeito de índice;
2. foram registradas as datas de publicação, na seguinte ordem: nome do periódico, dia da semana [numeral cardinal], mês [por extenso], ano [numeral cardinal]; página [por extenso] e dia da semana [por extenso];
3. foi atualizada a ortografia registrada nas crônicas, em obediência ao Novo acordo ortográfico, datado de 2009;
4. foi respeitada a pontuação original do cronista, salvo alguma gralha tipográfica inquestionável;
5. foram corrigidos todos os vocábulos que configuraram, em sua ortografia, gralha tipográfica;
6. foram corrigidos os equívocos óbvios de concordância, entendidos como gralha tipográfica;
7. foram suprimidos os símbolos registrados pelo jornal [asterisco e estrela] que antecedem alguns parágrafos de forma irregular;

8. foram destacados, em itálico, todos os nomes registrados em língua estrangeira;
9. foi informada, em cada nota, a referência de consulta, a fim de respeitar a exigência de um texto acadêmico, resultado de uma pesquisa *Stricto sensu*;
10. foram preservadas as rasuras e, quando silenciosas, foram registradas com a palavra [ilegível], entre chaves;
11. foram as notas-comentário registradas em arial 12, com espaçamento 1,5 entrelinhas, por serem resultado de pesquisa após cada crônica;
12. foram preservadas as características e a diagramação mais próximas às quadras satíricas publicadas no arquivo do **Diário Mercantil**;
13. foram feitos recortes das quadras satíricas para análise e notas, ficando assim distribuídas:
 - cinco quadras de cunho político;
 - uma quadra de cunho social;
 - uma quadra de cunho internacional;
 - três quadras de cunho econômico.

TABELA QUADRAS SATÍRICAS RIMADAS

POLÍTICAS	SOCIAIS	ECONOMIA	INTERN.	POLICIAIS
01/145	02/145	03/145	16/145	22/145
05/145	06/145	04/145	18/145	24/145
11/145	28/145	07/145	25/145	38/145
12/145	40/145	08/145	26/145	39/145
13/145	48/145	09/145	32/145	64/145
14/145	60/145	19/145	34/145	87/145
17/145	63/145	20/145	61/145	90/145
21/145	80/145	27/145	62/145	106/145
23/145	92/145	30/145	95/145	108/145
29/145	114/145	33/145	103/145	117/145
35/145	126/145	41/145	116/145	120/145
36/145	132/145	42/145	119/145	
37/145	133/145	43/145	121/145	
46/145	144/145	47/145	123/145	
49/145		54/145	130/145	
50/145		55/145	135/145	
51/145		55/145	145/145	
52/145		57/145		
53/145		58/145		
56/145		83/145		

59/145		84/145		
65/145		86/145		
66/145		94/145		
67/145		99/145		
68/145		102/145		
69/145		110/145		
70/145		111/145		
71/145		113/145		
72/145		118/145		
73/145		122/145		
74/145		124/145		
75/145		129/145		
76/145		131/145		
77/145		136/145		
78/145		137/145		
81/145		140/145		
82/145		141/145		
85/145				
88/145				
89/145				
91/145				
93/145				
96/145				
97/145				
98/145				
100/145				
104/145				
107/145				
109/145				
112/145				
116/145				
125/145				
127/145				
128/145				
134/145				
138/145				
139/145				
142/145				
143/145				

Fonte: Produção da autora Elza de Paula Assis

4 AS FERROADAS E AS NOTAS

1/145

DIÁRIO MERCANTIL, 03 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Sábado.¹⁵

Segundo estatística recente, há perto de três milhões de eleitores analfabetos no Brasil.

**Deste povo extravagante
Vejam só o triste estado.
Não sabe ler o votante.
E mal soletra o votado!**

O texto de Zangão, escrito em prosa e em versos, contextualizava, à época, para seus leitores que, de acordo com a estatística, existiam mais de três milhões de eleitores analfabetos no Brasil e, por meio dos versos rimados, podia-se interpretar o fato de que havia uma grande preocupação do escritor-intelectual em relação a essa estatística.

Nesse sentido, faz-se importante definir o conceito de analfabeto, para que o leitor entenda o significado da palavra no texto. Segundo o **Dicionário Aurélio** (1999, p.102) analfabeto é “aquele que não sabe ler e escrever”, o qual não conhece o alfabeto. Já o **Dicionário Houaiss** (2009, p.105) conceitua analfabeto como sendo: 1 - aquele(a) que desconhece o alfabeto ou que não sabe ler nem escrever. 2 - ou aquele(a) que não tem instrução primária. É analfabeta a pessoa que não é capaz de ler e escrever, com compreensão, um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana. Esses são considerados analfabetos absolutos. Em reflexão sobre o conceito de analfabeto, mais próximo ao contexto da época, Vera Masagão Ribeiro (1997) traz a seguinte reflexão:

A definição de alfabetização que a Unesco propusera em 1958 fazia referência à capacidade de ler compreensivamente ou escrever um enunciado curto e simples relacionado à sua vida diária. Vinte anos depois, a mesma Unesco proporia outra definição, qualificando a alfabetização de funcional quando suficiente para que os indivíduos possam inserir-se adequadamente em seu meio, sendo capazes de desempenhar tarefas em que a leitura, a escrita e o cálculo são demandados para seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento de sua comunidade. O qualitativo funcional insere a definição do alfabetismo na perspectiva do relativismo sociocultural. Tal definição já não visa limitar a competência ao seu nível mais simples (ler e escrever enunciados simples referidos à vida diária), mas abrigar graus e tipos diversos de habilidades, de acordo com as necessidades impostas pelos contextos econômicos, políticos ou socioculturais (RIBEIRO, 1997, p.144-158).

¹⁵ Ver Anexo B.

Em consonância com esse conceito, o analfabeto funcional, apesar de decifrar os códigos linguísticos da Língua Portuguesa, não compreende o que lê e, portanto não realiza uma associação crítica com a realidade em que vive, deixando de atuar como agente transformador de uma sociedade.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), no país ainda há onze milhões de pessoas analfabetas, que não conseguem decodificar os símbolos, ou seja, não conseguem soletrar as palavras. Esses são considerados analfabetos absolutos. Os analfabetos funcionais apresentam um índice muito maior em relação ao primeiro, já citado. Há, também, os analfabetos digitais e matemáticos, que não estão incluídos nesses dados. Percebe-se, ao longo da História, que o problema do analfabetismo é uma questão de cunho político e social, o qual predomina o domínio e poder por parte dos políticos.

Para a estrutura do sistema político no Brasil, é de total interesse que seus eleitores permaneçam sendo analfabetos funcionais, pois isso permitirá o domínio de suas escolhas. Dessa forma, os candidatos podem negociar os votos desses eleitores por meio de favores, tais como, dinheiro, cestas básicas, materiais de construção, entre outros. Todos os tipos de analfabetismo configuram formas de exclusão, domínio e manipulação dos cidadãos(ãs) pela elite dominante. Os votantes letrados podem ser mentes libertadoras e perigosas, tornando-se instrumentos de transformação, que podem atribuir a eles maior voz e participação nos processos políticos, contribuindo para uma cidadania atuante. Lembrando, não é de interesse dos nossos governantes que esse fato se torne uma realidade.

Diante do exposto, vê-se que desde os anos 1950, no contexto desta pesquisa, a educação não foi valorizada em nosso país e não houve investimentos nesse setor, o que se constata ainda hoje. Se não priorizarmos a educação como um setor essencial em nossa sociedade, os dados apontados continuarão os mesmos. Triste e preocupante, essa realidade que se estende até nossos dias, no século XXI. Apesar da evolução tecnológica e do crescimento do país, a estatística apontada por Zangão em 1954 continua sendo correspondente à realidade atual.

2/145

DIÁRIO MERCANTIL, 04 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Domingo.¹⁶

Informam de Londres que três moças inglesas, após operação cirúrgica, transformaram-se em robustos rapazes.

**Muda-se agora de sexo
Como de roupa se troca...
É de se ficar perplexo
Se a coisa não for potoca.**

O primeiro caso registrado, na história, de intervenção cirúrgica para mudança de gênero, que é denominada de redesignação sexual¹⁷, aconteceu na Alemanha, entre os anos 1920 e 1930, sob a influência do nazismo, mais precisamente no ano de 1931. A paciente, nascida em 1891, tinha o nome de Richard, seu nome verdadeiro, porém era conhecida como Dora. Outra cirurgia de redesignação sexual foi de Lili Elbe, pelo Instituto Hirschfeld de Ciência Sexual, em Viena. Essa história é contada no filme **A garota Dinamarquesa** lançado nos cinemas no ano de 2016, dirigido por Tom Hooper. A película retrata a trajetória da pintora Lili Elbe. Como na época não havia muitos estudos avançados da medicina em relação a intervenção, a paciente acabou falecendo por falta de recursos.

Outro caso que chamou atenção da sociedade foi o de um soldado, George Jorgensen, que também se submeteu à mesma cirurgia realizada na Dinamarca. No regresso para os Estados Unidos da América, o ex-soldado apresentou-se com o nome de Christine Jorgensen. Essa cirurgia foi um grande sucesso e teve repercussões positivas, levando-o a trabalhar, em Hollywood, contracenando com artistas famosos. Até os dias atuais, pode-se perceber que ainda há preconceitos e receios em torno desse polêmico assunto. E, no ano de 1954, mesmo que com alto grau de perigo em realizar tais cirurgias pelo o fato de não haver estudos clínicos, algumas pessoas se encorajavam em realizá-las para desafiar o preconceito da sociedade e obter a conquista dos seus desejos.

¹⁶ Ver Anexo C

¹⁷ Redesignação sexual é o procedimento cirúrgico pelo qual as características sexuais/genitais de nascença de um indivíduo são mudadas para aquelas socialmente associadas ao gênero em que ele se reconhece. É parte, ou não, da transição física de transexuais e transgêneros (GALI *et al*, 2013,p.448).

Nessa realidade, Zangão satirizava que a mudança de sexo havia virado moda, comparando-a ao fato de trocar de roupa. Nesse sentido, a escrita em versos leva-nos a interpretar que o escritor não aprovava a tal cirurgia, demonstrando espanto diante do fato exposto.

3/145

DIÁRIO MERCANTIL, 06 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Terça-feira.¹⁸

Por ordem do governo e para proteger os donos dos canaviais, o preço do açúcar irá a dez cruzeiros.

**Do povo, nessa hora amarga,
É mais do que justo o estrilo,
Pois o que dava por saca
Vai dar agora por quilo...**

O fato contextualizado por Zangão informa aos leitores que o governo possuía como objetivo proteger os produtores agrícolas, com decreto para aumentar o preço do açúcar, mas quem sofreria com esse aumento seria o povo. De acordo com o texto, o escritor mostrava uma preferência pelo trabalho agrícola, deixando transparecer uma significativa preocupação em relação aos mesmos.

Por meio de sua **Ferroada** literária, Zangão enfatizava que nosso país possuía muitas riquezas naturais e que muitos países não possuíam a décima parte dessas riquezas. Por esse motivo, o governo, ao invés de investir na industrialização, deveria designar verbas e orçamentos para valorizar o gênero agrícola, evitando as importações, já que o Brasil era capaz de produzir esses produtos agrícolas em alta escala, objetivando atender às necessidades da população brasileira.

Para ele, os empresários agrícolas gananciosos preocupavam-se apenas em estocar seus produtos, causando escassez dos mesmos no mercado. Dessa forma, os preços para o consumidor ficavam elevados e os empresários lucravam muito, como no caso da produção do açúcar. Os políticos mostravam sua face e deixavam transparecer suas incompetências e total descaso para com a população brasileira, que poderia estar usufruindo de todas essas riquezas naturais. Para Zangão, o povo brasileiro sofria e empobrecia com os aumentos abusivos, enquanto o governo enriquecia uma pequena minoria: os empresários.

¹⁸ Ver Anexo D.

4/145

DIÁRIO MERCANTIL, 07 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.¹⁹

Entrou em vigor o novo preço dos cigarros, com aumento de quarenta por cento.

**Não fique o povo tristonho,
Sem vontade, irresoluto:
Não pode fumar cigarro?
Então que fume charuto...**

Nessa época já começavam a surgir estudos sobre o consumo, os quais mostravam que o cigarro estava causando danos irreparáveis à saúde e ele era cancerígeno. Por essas constatações houve um aumento da carga tributária sobre o produto, refletindo diretamente no aumento de preço sobre cigarro industrializado e não preço do charuto. O governo brasileiro tomou atitudes para redução do tal consumo, por meio do aumento das alíquotas tributárias, que foi um dos mecanismos encontrados para reduzir a demanda do consumo do cigarro.

Zangão expôs o aumento do cigarro em 40% devido ao aumento da alíquota do imposto para comercialização do mesmo. Ele sugere ao povo que não há motivo para tristeza e que o problema desse aumento existe solução. Se não tem como fumar o cigarro, pois está muito caro, outra alternativa é fumar charuto.

5/145

DIÁRIO MERCANTIL, 08 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.²⁰

Informa à imprensa que, se não forem tomadas medidas enérgicas pelo Tribunal Eleitoral, muito defunto votará nas próximas eleições.

**Mal não vejo nessa história
Nem armo catilinárias:
Funcionam as urnas cívicas
E também as funerárias...**

Nesta quadra, Zangão faz uma crítica ao frágil sistema eleitoral brasileiro, no qual votaram pessoas que já estavam mortas. O jornalista comparava essas urnas eleitorais às urnas para enterrar os defuntos, popularmente, denominadas de caixão. Foi devido a **Ferroadas** como essa, de cunho político, que o processo eleitoral brasileiro evoluiu de forma tecnológica, considerado, hoje, um dos recursos mais confiáveis do mundo.

¹⁹ Ver Anexo E.

²⁰ Ver Anexo F.

É curioso, no entanto, que no ano de 2021, quando a presente dissertação fora desenvolvida e redigida, o Presidente da nação deseja trilhar um caminho inverso, com propostas insistentes para o voto impresso. Estamos retroagindo a tudo que foi conquistado com o passar do tempo? Será que o Presidente, com essa proposta, quer garantir sua vitória nas urnas, usando os votos impressos? É preocupante e lastimável essa situação, porque o representante do Brasil poderia manipular as pessoas e inclusive mudar o resultado das eleições. Seria este o motivo? É possível, inclusive, imaginar as **Ferroadas** que seriam dadas hoje!

6/145

DIÁRIO MERCANTIL, 09 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

O delegado Hilo de Andrade está saneando a polícia local, dela expulsando energicamente os maus elementos.

**Empunhando, fero, a vassoura,
Sem temor algum no crâneo,
O doutor Hilo de Andrade
Num chinelo mete o Jânio...**

7/145

DIÁRIO MERCANTIL, 10 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Fazendeiros e usineiros estão tomando medidas para levarem a efeito um novo aumento no preço do leite.

**Indaga o povo explorado
Em horas negras, opacas:
Vão pagar os fazendeiros
Salário mínimo às vacas?**

8/145

DIÁRIO MERCANTIL, 11 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Subiu o preço da gasolina, subiu o preço do açúcar, vai subir o preço do cafezinho.

**Desgraça pouca é bobagem,
Diz o povo com razão.
Venha logo a mil cruzeiros
O tal quilo de feijão!**

9/145

DIÁRIO MERCANTIL, 13 de Julho de 1954. [p. DOIS].Terça-feira.

A gasolina, além de ter subido de preço, já anda sendo vendida no câmbio negro.

**Por mais esforço que faça,
O caso entender não posso...
Pois não se disse na praça
Que o nosso petróleo é nosso?**

10/145

DIÁRIO MERCANTIL, 14 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

É pensamento do nosso grande ministro da Fazenda mandar imprimir, dentro em breve, cédulas de cinco mil cruzeiros.

**Lendo a nova alvissareira,
Vejo tudo cor de anil...
Talvez dê para o cigarro
A nota de cinco mil.**

11/145

DIÁRIO MERCANTIL, 15 de Julho de 1954. [p. DOIS].Quinta-feira.²¹

O Sr. Osvaldo Aranha, em entrevista aos jornais, declarou que as coisas estão melhorando muito.

**Não disse o Aranha, matreiro,
Para quem melhoram elas...
Porém sabe o povo inteiro
Quem se faria nas gamelas.**

O ministro da Fazenda, Horácio Lafer²², tentou aplicar em 1953 um programa anti-inflacionário, mas enfrentou o antagonismo do presidente do Banco do Brasil, Ricardo Jafet²³, que insistia em manter as facilidades de crédito. Por outro lado, o aumento do custo de vida intensificava as críticas ao governo, acusado de inércia pela imprensa. Diante da crise instalada na área econômica, Getúlio Vargas ²⁴

²¹ Ver Anexo G.

²² Horácio Lafer foi deputado federal em São Paulo, Ministro da Fazenda e também Ministro das Relações Exteriores (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

²³ Ricardo Nami Jafet foi presidente do Banco do Brasil, em 1951, durante o governo de Getúlio Vargas. Fundou também a Usina Siderúrgica de Mogi das Cruzes e a empresa Internacional de Transportes (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

²⁴ Getúlio Dornelles Vargas, considerado o presidente do povo, foi o 17º Presidente da República no período de 1951 a 1954. Criou o do Ministério do Trabalho, a Indústria e Comércio, promulgou as primeiras leis trabalhistas e realizou a implantação das mesmas criou também a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

decidiu substituir Lafer por Osvaldo Aranha²⁵ (16 de junho), que indicou Marcos de Sousa Dantas para a presidência do Banco do Brasil.

Os recém-nomeados comprometeram-se a aplicar rígidas medidas anti-inflacionárias e a controlar o *déficit* público com a contenção de gastos do governo. Osvaldo Aranha divulgou em outubro seu programa de recuperação da economia, conhecido como Plano Aranha. Essencialmente anti-inflacionário, tinha por linhas básicas a reorganização do próprio Ministério da Fazenda de modo a agilizar o mecanismo fazendário e fiscal, a adoção de uma política orçamentária, a necessidade de codificação do direito tributário e a lei orgânica do crédito público. Para sua execução, Aranha insistiu junto a Vargas sobre a necessidade de se subordinar o Banco do Brasil ao ministério de modo a impedir a adoção de medidas contraditórias, tal como ocorrera entre Horácio Lafer e Ricardo Jafet. Dessa subordinação resultou a Instrução nº 70 da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), idealizada por Aranha e Marcos de Sousa Dantas para corrigir o *déficit* do balanço de pagamentos. Por meio da extinção do câmbio subvencionado e da inauguração de um sistema de taxas múltiplas, o governo procurava tornar as exportações brasileiras mais acessíveis no mercado internacional e desencorajar as importações desnecessárias. Por outro lado, as taxas de câmbio diferenciadas atuavam de modo a não desencorajar demasiadamente as importações consideradas essenciais à industrialização. O câmbio subvencionado vinha limitando a diversificação industrial e as exportações agrícolas, justificou Aranha.

Zangão questionou a declaração de Aranha, insinuando que as coisas estão melhorando muito, porém o ministro da Fazenda esqueceu-se de esclarecer para quem foi direcionada essa **melhora**, ficando uma pergunta a ser respondida. Essa vantagem foi designada para a classe dos trabalhadores, dos assalariados? Ou para os políticos e empresários da época? Para fazer-se cumprir o plano anti-inflacionário e controlar o déficit público, os recém-nomeados (Osvaldo Aranha e Marcos Dantas)²⁶ elevaram as taxas de juros e, com essa medida, a inflação disparou. O plano econômico de Aranha comprometeu, plenamente, a classe menos favorecida, a qual pagou com um preço altíssimo, ficando sem condições de pagar pelo seu

²⁵ Osvaldo Euclides de Souza Aranha destacou-se como um político atuante na década de 1930 sob o governo de Getúlio Vargas, ocupando vários cargos políticos renomados como Deputado Federal, Ministro da Fazenda, Ministro das Relações Exteriores, chefe da Delegação Brasileira na Organização das Nações Unidas (ONU) e Embaixador nos EUA (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

²⁶ Marcos Clemente de Souza Dantas presidiu o banco do Brasil no governo de Getúlio Vargas (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

próprio sustento. Segundo a **Folha de São Paulo**, a inflação de setembro do ano de 2021 é a maior desde o início do Plano Real; índice anual atinge dois dígitos e vai a 10,25%. A mesma fonte informa ainda que o total de favelas dobra no Brasil em dez anos e quase vinte milhões de pessoas passam fome. Diante do fato relatado por este jornal, a atual economia do nosso país presencia uma situação semelhante à ocorrida em 1954. Será mera coincidência? Ou a história se repete com atores diferentes, num cenário vergonhoso, onde a pobreza se alastra pelo Brasil afora?

12/145

DIÁRIO MERCANTIL, 16 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

O Superior Tribunal Eleitoral decidiu que os candidatos nas próximas eleições só poderão fazer sua propaganda em português.

**Há por aí muita gente
Sem saber como se arranje
Para aprender, de repente,
A não escrever cassange!**

13/145

DIÁRIO MERCANTIL. 17 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

O Sr. Porfírio da Paz, prefeito de São Paulo em exercício, baixou portaria mandando descontar o dia do funcionário que chegar atrasado, nem que seja um minuto.

**Os funcionários em coro
Dizem que o Porfírio aberrá...
Não é Porfírio da paz
E sim Porfírio da guerra.**

14/145

DIÁRIO MERCANTIL, 18 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

É quase certa a eleição de Cordeiro de Farias ao cargo de governador de Pernambuco, bravo Leão do Norte.

**Aqui demonstro, lampeiro,
A minha satisfação:
Iremos ver o Cordeiro
A governar o Leão.**

15/145

DIÁRIO MERCANTIL, 20 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O preço de todos os materiais de construção está aumentando tremendamente.

**Não me deixa carrancudo
A nova de sensação:
Se andam demolindo tudo,
De que serve construção?**

16/145

DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Segundo telegrama de Viena, a enchente do rio Danúbio tem causado grandes estragos em toda a Áustria. São enormes os prejuízos verificados.

**Andam bem pretas as coisas
Lá na Áustria, de norte a su[I]
Pois o rio, furioso.
Já não é Danúbio azul**

17/145

DIÁRIO MERCANTIL, 22 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Para candidatar-se ao cargo de governador de Pernambuco o Sr. João Cleofas traiu a U.D.N.(Dos jornais)

**Penso cá comigo mesmo
Que esse tal de João Cleofas
Merece ser derrotado
Por entre chuvas a mofas.**

18/145

DIÁRIO MERCANTIL, 23 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.²⁷

Depois de longas negociações, chegou-se a acordo para o armistício na Indochina.

**Não há guerra na Coréia
E já não há na Indochina,
Mas tenho comigo a ideia
Que esta paz é bem mofina.**

Na data de 21 de junho de 1954, a França e a República Democrática do Vietnã assinaram um acordo de cessar-fogo dividindo o país asiático em dois: o norte de base comunista e sul denominado Estado pró-ocidente, este conhecido como um país frágil. Neste dia, o primeiro ministro da França anunciou o cessar-fogo na guerra da Indochina e dessa forma começou o fim do domínio colonial Francês

no Vietnã, após a derrota da França. As negociações de trégua duraram quase dois meses. Na negociação final do encontro ficaram garantidas independência soberania e unidade ao Camboja, Laos e Vietnã. A fronteira provisória entre Vietnã do Norte (sob o regime comunista) e o Vietnã do Sul foi fixada aos 17 graus de latitude. Os signatários do documento se comprometeram a realizar o acordo. Numa declaração complementar, os EUA prometeram renunciar a qualquer intervenção militar no Vietnã. Era evidente que o Vietnã do Sul e os Estados Unidos jamais cumpriram os acordos. A Liga pela Independência obteve a garantia de que a luta pelo poder no Vietnã não seria mais decidida por via militar e, sim, no campo político. Todos os participantes da conferência para a paz na Indochina sabiam que as eleições de Genebra apenas representavam um armistício e não o fim do conflito. Depois da derrota francesa, os Estados Unidos passaram a ocupar a França no afã de garantir a segurança do Vietnã do Sul, do Laos e do Camboja. Com isso, os americanos estabeleceram as bases para a interrupção posterior no mais longo confronto militar do XX: a guerra do Vietnã (1959-1975).

Zangão mostrou-se preocupado com a situação da Guerra da Indochina, mesmo após o acordo para o armistício já ter sido assinado. Por meio de sua **Ferroada** literária, satirizou a questão da guerra na Coreia e na Indochina insinuando que não havia guerra nos dois países e que a paz tão discutida e negociada pela França e Vietnã do sul, na verdade foi apenas um tratado fictício e que na prática não funcionou, não servindo para apaziguar nada e, assim, a luta pelo poder, a centralização de dinheiro e de consumo continuariam. Esse conflito se arrastou por décadas e foi muito penoso e doloroso para todos os civis de ambos os lados.

19/145

DIÁRIO MERCANTIL, 24 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sábado

A Confederação Rural Brasileira não quer que o governo importe batatas por que isto prejudica os plantadores nacionais.

**Compre o governo as batatas
Sem atentar para as gritas...
E a tal Confederação
Que busque plantar as ditas!**

²⁷ Ver Anexo H.

20/145

DIÁRIO MERCANTIL, 25 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Domingo.²⁸

Devido ao alto preço do café, os Estados Unidos estão reduzindo a importação do mesmo, de maneira drástica.

**Não fiquemos, diante disso,
Indiferentes, imóveis...
Tratemos de suprimir
Geladeiras e automóveis.**

As medidas tomadas por Aranha para a poupança de divisas foram bem recebidas, mas o mesmo não ocorreu com a política adotada para a defesa do café. Em 1953, as geadas prejudicaram a colheita, reduzindo a safra do produto e determinando a elevação dos preços. Nessa ocasião, o governo Vargas fixou o preço do café brasileiro nos níveis mais elevados do mercado internacional, o que acentuou a tensão já existente, originada dos debates sobre o monopólio estatal do petróleo, nas relações econômicas com os EUA. No período de janeiro a outubro de 1954, a venda do café sofreu uma queda de 4,5 milhões de sacas, ou seja, cerca de 320 milhões de dólares, quantia então quase equivalente às reservas de ouro do país. A escassez de divisas levou o governo a negociar com o Federal Reserve Bank dos EUA²⁹ um empréstimo de 80 milhões de dólares. Em seu livro de memórias, João Café Filho ³⁰diz que, quando assumiu a presidência da República em agosto de 1954, após o suicídio de Vargas, esse empréstimo já se encontrava praticamente esgotado.

Nessa quadra o jornalista literato advertiu aos leitores para não ficassem sem reação, imóveis e indiferentes ao fato relatado, e que os mesmos cobrassem do governo uma atitude em relação à redução do imposto sobre a exportação do café. Portanto, seria necessário que Brasil tomasse uma providência em relação ao boicote dos Estados Unidos, visto que, esse país dominava e centralizava o poder econômico e financeiro de vários países. E com tom de provocação, Zangão, por meio de seus versos rimados, finalizou essa quadra satírica alertando o seu público: se os americanos não importassem um dos nossos principais produtos agrícolas, no

²⁸ Ver Anexo I.

²⁹ Federal Reserv Banck dos EUA é um sistema de bancos de Bancos dos |Estados Unidos, conhecido popularmente por The Fid que tem como objetivo a normalização da economia norte-americana (REMESSA, online, 2020).

³⁰ João Café Filho foi o 18º presidente do Brasil entre 24 de agosto de 1954 a 8 de novembro de 1954. Ocupou Ministério do Trabalho, foi eleito deputado federal 1935 e reeleito em 1950. Nomeado Ministro do Tribunal de Contas do Estado de Guanabara (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

caso o café, também não iríamos importar os produtos eletrodomésticos e automobilísticos e, nosso país agiria segundo o velho ditado popular: olho por olho, dente por dente.

21/145

DIÁRIO MERCANTIL, 27 de Julho de 1954. [p. DOIS].Terça-feira.

Vários candidatos andam colocando os seus cartazes, na cidade, por cima dos cartazes do candidato Rosário Fusco.

**Esse processo patusco
É manobra condenada:
A propaganda do Fusco
Não deve ser ofuscada.**

22/145

DIÁRIO MERCANTIL, 28 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Entrando em luta corporal com um seu desafeito, em Cascadura, o indivíduo Américo Cavalcante foi atirado ao solo e gravemente pisado.

**Sem refletir um instante,
Já dou conta do recado:
O Américo Cavalcante
Foi deveras cavalgado.**

23/145

DIÁRIO MERCANTIL, 29 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

A Justiça Eleitoral mandou retirar da estação rodoviária de Juiz de Fora todos os cartazes de propaganda de candidatos a vereador, deputado e prefeito.

**Os candidatos “rodaram”
Da estação rodoviária...
Pior será se “rodarem”
Da urna enganadora e vária.**

24/145

DIÁRIO MERCANTIL, 30 de Julho de 1954. [p. DOIS].Sexta-feira.

Vindo do Rio, a fim de descobrir em Juiz de Fora o paradeiro de um automóvel furtado naquela capital, o investigador Baltazar Topázio conseguiu logo descobrir o veículo.

**Leio a nota de repente,
Faço a quadra num instante:
O serviço do Topázio
Foi na verdade brilhante.**

25/145

DIÁRIO MERCANTIL, 31 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

A mídia apoderou-se pela força da aldeia portuguesa de Dadra, causando o fato indignação geral.

**Assaltando o bem alheio
E apossando-se de Dadra
A Índia, sem nenhuma dúvida,
Merece o nome de ladra.**

26/145

DIÁRIO MERCANTIL, 01 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Winston Churchill declarou na Câmara dos Comuns que a retirada das tropas inglesas do canal de Suez depende ainda de várias providências,

**Do canal o tal negócio,
Por motivos evidentes,
Terá que passar primeiro
Pelos canais competentes.**

27/145

DIÁRIO MERCANTIL, 03 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O governo federal está muito interessado em elevar o preço do açúcar, para favorecer aos plantadores de cana.

**Leve o povo vida amarga,
Leve o rico vida doce ...
Assim quer o pai dos pobres,
Assim quer ele e acabou-se!**

28/145

DIÁRIO MERCANTIL, 04 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Todos os países assolados pela guerra se acham em plena prosperidade, ao passo que no Brasil, onde a luta não chegou, a vida anda pela hora da morte.

**Até cá não vem a guerra,
Mas a gente anda faminta ...
É por causa, com certeza,
Daquela história de 30!**

29/145

DIÁRIO MERCANTIL, 05 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

É candidato a deputado estadual no Rio Grande do Sul o advogado Aristίδes de Souza Caixeta.

**Se a notícia não é peta,
O fim logo se adivinha:
Ganha na certa o Caixeta,
Se dispuser da “caixinha”.**

30/145

DIÁRIO MERCANTIL, 06 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira

Os estudantes cariocas estão preparando um movimento no sentido de evitar a elevação de preço do café com leite.

**Aumentar café com leite
É mais que drama, é tragédia:
Afim os estudantes
Não podem passar sem média.**

31/145

DIÁRIO MERCANTIL, 07 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Ferrovários da Leopoldina estão reclamando energicamente contra o atraso de pagamentos de seus salários.

**Nesta hora triste e confusa
Ninguém vive a s[e]u contento...
Se os trens andam atrasados,
Não se atrase o pagamento!**

32/145

DIÁRIO MERCANTIL, 08 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Se a Índia levar adiante as suas agressões em Gôa, o governo português reagirá pela força.

**Esta agora é superfina,
Esta agora é muito boa:
Cessa a guerra na Indochina,
Começa a guerra de Gôa.**

33/145

DIÁRIO MERCANTIL, 10 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O nosso País, apesar de ter que importar rios de gasolina, já possui mais de seiscentos mil automóveis, também importados.

**Deixar de indagar não posso,
Prevendo o futuro hostil:
Quando o petróleo for nosso.
Que vai ser deste Brasil?**

34/145

DIÁRIO MERCANTIL, 11 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Os indianos declararam que no dia 15 do corrente mês de agosto se apossarão de Gôa, pela força e haja o que houver.

**A canalhice no mundo
Toma agora maior surto:
Já marca o gatuno o dia
Em que vai fazer o furto.**

35/145

DIÁRIO MERCANTIL, 12 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Em vista dos últimos acontecimentos, foi dissolvida a guarda pessoal que existia no Catete.

**Acho que, sem palavrório,
Logo o caso se descobre:
Perdeu o emprego o Gregório,
Mas ficou cheio do cobre...**

36/145

DIÁRIO MERCANTIL, 13 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

O Sr. Tancredo Neves, ministro da Justiça, acha que o atentado contra Carlos Lacerda e a morte do major Vaz foi apenas um episódio.

**Ao dizer que o crime tredo
Não o deixou abalado,
Melhor fora que o Tancredo
Tivesse a boca trancado.**

37/145

DIÁRIO MERCANTIL, 14 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Sábado

O povo carioca protestou energicamente contra Lutero Vargas, queimando-lhe em plena rua o automóvel de propaganda eleitoral.

**Perder de vista não quero
Este caso interessante:
O protestado é Lutero,
Mas o povo é protestante...**

38/145

DIÁRIO MERCANTIL, 15 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Tem sido presa muita gente no decorrer do inquérito sobre o assassinato do major Vaz, mas Climério ainda não foi encontrado.

**Prendem Fulano e Sicrano,
Prendem no duro e no sério...
Prendem gente a todo o pano,
Mas não prendem o Climério.**

39/145

DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

A Viação S. Vicente, proprietária de uma linha de ônibus na cidade, vinha sendo roubada pelos seus motoristas e trocadores há muito tempo, sendo o seu prejuízo de centenas de contos.

**Os empregados espertos,
Topando qualquer “parada”,
Deixaram a Viação
Perfeitamente aviada.**

40/145

DIÁRIO MERCANTIL, 22 de Agosto de 1954. [p. TRÊS]. Domingo.

Com a inauguração da fábrica Mannesmann, em Belo Horizonte, o Brasil não importará mais tubos de ferro.

**Estou, leitor, percebendo
Que em risos de desatas...
Não importamos mais tubos,
Importamos só batatas.**

41/145

DIÁRIO MERCANTIL, 24 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Segundo informa um jornal especializado em assuntos financeiros, a moeda brasileira não é cotada em parte alguma no estrangeiro.

**Já tivemos os “mil réis”,
A pataca, o patacão,
Agora temos somente
Cruzeiro sem cotação.**

42/145

DIÁRIO MERCANTIL, 25 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Só durante o corrente mês de agosto foram emitidos perto de dois milhões de cruzeiros segundo notícias vindas do Rio.

**Abra-se logo a comporta,
Pois assim é que se faz...
Tratem de fechar a porta
Os que vierem atrás.**

43/145

DIÁRIO MERCANTIL, 26 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

A carne de porco já anda pela casa dos quarenta cruzeiros o quilo, nesta heroica Juiz de Fora.

**A solução é bem fácil,
Segundo os cálculos meus:
Judeu não come essa carne,
Sejamos todos judeus...**

44/145

DIÁRIO MERCANTIL, 27 de Agosto de 1954. [s. p.]. Sexta-feira.

Entre os papéis do “tenente” Gregório foi encontrada uma lista dos dias em que se vencem as letras por ele avalizadas...

**A descoberta aqui louvo,
Sem medo de algum engano:
Agora temos um novo
Calendário gregoriano.**

45/145

DIÁRIO MERCANTIL, 28 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

O vício predileto do brasileiro -- predileto e inocente é a xicara de café, bebida a toda a hora. Mas o preço atual é proibitivo.

**Pede o povo a Café Filho
Boa vontade e carinho,
De modo que baixe o preço
Ao menos do “cafezinho”.**

46/145

DIÁRIO MERCANTIL, 29 de Agosto de 1954. [p. TRÊS]. Domingo.

Notícias do Rio dizem que o “tenente” Gregório está fazendo a greve da fome, na prisão onde se acha.

**Com o fato não me espanto,
Nem fico bobo ou pateta:
Se o Gregório “comeu” tanto.
É bom que faça dieta.”**

47/145

DIÁRIO MERCANTIL, 31 de Agosto de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O novo governo terá que ser muito enérgico para poder debelar a grave crise econômica que o Brasil atravessa.

**Para dar à nossa terra,
Bem depressa, melhor sorte,
É fora de toda dúvida
Que o Café tem de ser forte.**

48/145

DIÁRIO MERCANTIL, 01 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Esteve extraordinariamente baixa, a semana passada, a temperatura em Juiz de Fora.

**Com tanto comício e faixa,
Tanta fala caradura,
A única coisa que baixa
É mesmo a temperatura.**

49/145

DIÁRIO MERCANTIL, 02 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Os comunistas promoveram desordens em S. Paulo, durante as quais queimaram uma bandeira americana.

**Comunistas queimadores
Queimam por todos os lados,
Mas são eles, meus senhores,
Que sempre acabam “queimados”.**

50/145

DIÁRIO MERCANTIL, 03 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

A situação do tenente Gregório agrava-se dia a dia, segundo o noticiário dos jornais.

**Espera o País inteiro
Não seja só o Gregório,
No meio desse berreiro,
O tal bode expiatório,**

51/145

DIÁRIO MERCANTIL, 04 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Será nomeado presidente do Banco do Brasil, em substituição do Sr. Marcos de Souza Dantas, o banqueiro paulista Silva Gordo.

**Que não haja desacordos
Sobre o que digo e consagro:
Se há magros que saem gordos,
Pode o Gordo sair magro...**

52/145

DIÁRIO MERCANTIL, 05 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Jango Goulart está recomendando que os operários se mantenham tranquilos e não façam greve.

**Leitor, somente uma coisa
Diremos, eu e você...
Esta coisa é a seguinte:
Quem te viu e quem te vê!**

53/145

DIÁRIO MERCANTIL - 07 de Setembro de 1954. [p. DOIS] – Terça-feira.

Do arquivo do tenente Gregório continuam a sair documentos comprovadores de grandes bandalheiras.

**Cada vez mais me convenço
Que esse esgoto insuportável,
Que leva ao nariz o lenço,
É de fato inesgotável...**

54/145

DIÁRIO MERCANTIL, 09 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Devido ao novo salário mínimo pago aos operários das salineiras, vai subir também o preço do sal.

**Pela surpresa apanhado,
Faço a quadra menos mal:
Fica tudo mais salgado
Com a subida do sal.**

55/145

DIÁRIO MERCANTIL, 10 de Setembro de 1954. [s.p.]. Sexta-feira.

Depois que a Coap começou a agir na cidade, para baixar os preços, estes entraram em nova alta.

**Da tal Coap eu penso
Resolver o caso assim:
Amiga do povo nada,
Amiga da onça, isto sim.**

56/145

DIÁRIO MERCANTIL, 11 de Setembro de 1954. [s.p.]. Sábado.

Noticia-se que os Srs. Osvaldo Aranha e Danton Coelho vão entrar em grande atividade política.

**Já chega de tanto bicho,
Tanto coelho, tanta aranha...
Queremos arroz e milho,
Batata, feijão e banha.**

57/145

DIÁRIO MERCANTIL, 12 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Segundo noticia a imprensa, foram emitidos, em agosto último, mais de três bilhões de cruzeiros.

**Podemos dizer agora,
Vendo notas a granel:
Depois de mim o dilúvio,
O dinheiro de papel.**

58/145

DIÁRIO MERCANTIL, 14 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O Sr. Osvaldo Aranha, em 23 dias do mês de agosto, emitiu três bilhões e meio de cruzeiros, os quais ninguém sabe para onde é que foram.

**Ninguém é chamado a contas,
Já voaram os bilhões...
E o povo que viva às tontas
Nas garras dos “tubarões”.**

59/145

DIÁRIO MERCANTIL, 15 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Aranha, Tancredo, Danton e outros, segundo dizem os jornais, vão fundar o bloco das viúvas.

**Já surgem, antes das chuvas,
Lágrimas interesseiras...
Não é bloco das viúvas,
É bloco das carpideiras.**

60/145

DIÁRIO MERCANTIL, 16 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Alguns jornais atribuem os escândalos de Ava Gardner no Rio ao fato de ser ela uma “temperamental”.

**Essa opinião estranha
Sem meu aparte não passa:
Não é negócio de nervos,
É negócio de cachaça.**

611145

DIÁRIO MERCANTIL, 17 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

A invasão da ilha Formosa pela China comunista poderá desencadear nova guerra mundial, segundo a opinião de muitos observadores.

**O mundo a guerra receia
E vive uma hora ansiosa...
Pode a coisa ficar feia
Só por causa da Formosa.**

62/145

DIÁRIO MERCANTIL, 18 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Ava Gardner declarou aos jornais de Nova York que nunca mais porá os pés no Brasil, para não ser apalpada.

**Avisados fiquem logo
Os nossos concidadãos:
Aqui não porá os pés
Com medo de certas mãos.**

63/145

DIÁRIO MERCANTIL, 19 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Foi diplomada em Belo Horizonte, há dias, uma turma de técnicos em nutrição.

**Não basta ensinar à massa
Como deve ser nutrida.
É preciso, mais que tudo,
Dar-lhe primeiro a comida.**

64/145

DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O alfaiate Eurico Silva, morador em Jacarepaguá, queixou-se à polícia carioca de que os vizinhos vivem procurando desmoralizá-lo.

**É natural essa queixa
E mesmo comovedora...
O alfaiate não deseja
Que lhe metam a tesoura.**

65/145

DIÁRIO MERCANTIL, 22 de Setembro de 1954. [s.p.]. Quarta-feira.

Diz um jornal carioca que, apesar da vigilância da Justiça Eleitoral, foram inscritos diversos criminosos como candidatos às assembleias.

**Alheio que sou ás greis,
De muita coisa não sei...
Como pode fazer leis
Quem anda fora da lei?**

66/145

DIÁRIO MERCANTIL, 23 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Implicado seriamente num caso vergonhoso de compra de automóveis, quando governador de S. Paulo, o Sr. Ademar de Barros está com a sua carreira política em perigo.

**Ao leitor aqui garanto
Não gostar de maroteiras...
Nunca ouvi dizer que carros
Comprometessem carreiras.**

67/145

DIÁRIO MERCANTIL, 24 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

Entre os candidatos a vereador, na cidade, figura um conhecido por “Trabuco”.

**O “Trabuco” se desmancha
Em propaganda maluca...
Quem não trabuca, é sabido,
Também depois não manduca.**

68/145

DIÁRIO MERCANTIL, 25 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Observadores políticos acham que o Sr. Café Filho colocará dentro em breve o Brasil no bom caminho.

**Mudará a nossa sorte,
Tudo será cor de anil:
Vai o Café, que é do Norte,
Nortear nosso Brasil.**

69/145

DIÁRIO MERCANTIL, 26 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Afirmam os jornais não serem verdadeiras as declarações do brigadeiro Epaminondas a respeito dos últimos acontecimentos.

**A História diz, entretanto,
Que na velha antiguidade
Sempre foi Epaminondas
Grande amigo da verdade.**

70/145

DIÁRIO MERCANTIL, 28 de Setembro de 1954. [p. DOIS].Terça-feira.

O candidato a vereador, que tem o apelido de Samba, está trabalhando sem descanso, atrás de votos.

**Eu me bate a passarinha
Que no dia 3 o Samba,
Se não for bem a barquinha,
Vai dançar na corda bamba.**

71/14

DIÁRIO MERCANTIL, 29 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

O famigerado “tenente” Gregório disse, aos jornalistas que tem muita vontade de ir para os seus pagos.

**Dizem todos os oragos,
Sem trabalho e sem estudo:
Não há de ir para os seus pagos
Enquanto não pagar tudo.**

72/145

DIÁRIO MERCANTIL, 30 de Setembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Há, na cidade, centenas de candidatos ao cargo de vereador, mas só quinze serão eleitos.

**Me disse um sujeito esperto,
Rindo-se a mais não poder:
Vai ver a dor de perto
O vereador que perder.**

73/145

DIÁRIO MERCANTIL, 01 de Outubro de 1954. [p. DOIS].Sexta-feira.

Os amigos do “tenente” Gregório, da alta roda, que eram numerosos, não querem saber mais dele e metem-lhe a rouca.

**Há sabão e sabonete,
Há gente bonita e feia...
Há Gregório no Catete
E há Gregório na cadeia!**

74/145

DIÁRIO MERCANTIL, 02 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Foi energicamente desmentido nos Estados Unidos que o governo do Brasil esteja cogitando da desvalorização do cruzeiro.

**Se ele por si se evapora
E anda desmoralizado,
Não iria o governo agora
Chover assim no molhado.**

75/145

DIÁRIO MERCANTIL, 03 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

O engenheiro Janot Pacheco, segundo diz a imprensa local, fará chover em Juiz de Fora na semana entrante.

**Enquanto não sai das urnas
O manda-chuva local,
Janot, das nuvens soturnas,
Vai tirar água, afinal.**

76/145

DIÁRIO MERCANTIL, 05 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Há nada menos de cinco candidatos, em Minas a deputados federais e estaduais, com o sobrenome de Pinto.

**Meu juízo sobre o caso
Não me custa apresentá-lo:
Se os Pintos forem eleitos,
Terão que cantar de galo.**

77/145

DIÁRIO MERCANTIL, 06 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Prossegue a apuração das eleições, devendo os resultados ser conhecidos dentro de poucos dias.

**De caras tristes, soturnas,
Inquietos pelo futuro,
Candidatos, junto às urnas,
viverem todos em apuro.**

78/145

DIÁRIO MERCANTIL - 07 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. - Quinta-feira.³¹

O edifício do Fórum local acha-se em ruína, ameaçando desabar a qualquer momento, apesar do dinheirão que o Estado arrecada aqui em impostos.

**Leva-se daqui o cobre
E nada se dá em troca...
Juiz de Fora é rica ou pobre?
É cidade ou é biboca?**

Conforme o jornal **Doa a quem doer (MG)** do dia doze de março de 1954, houve vários aumentos de preços referentes ao transporte público e à Companhia de Força e Luz de Minas Gerais, fazendo com que o Estado arrecadasse uma quantia astronômica, proporcionando o aumento do câmbio. As altas acentuadas dos preços das peças de automóveis, que eram importados de outros países, fizeram subir os preços das passagens e o dinheiro para essas arrecadações saíram do bolso do povo, que sofreu amargamente com esse aumento abusivo.

Apesar de o Estado de Minas ter arrecadado milhões em impostos nesse período, as repartições públicas, instituições e patrimônios importantes da cidade de Juiz de Fora, encontraram-se em péssimo estado de conservação e sucateados tal como, por exemplo, o edifício do Fórum. Zangão, diante desse fato, questionou para onde foi desviado esse dinheiro, pois para a cidade de Juiz de Fora é que não havia sido. Afinal, Juiz de Fora foi uma cidade de prestígio, com uma população formada por famílias renomadas e empresários importantes e não somente um lugar esquecido e isolado da capital de Minas Gerais. E é por isso que era necessário o investimento na recuperação e conservação dessas instituições, visto que o Estado possuía o dinheiro que fora arrecadado por meio altos impostos do contribuinte.

79/145

DIÁRIO MERCANTIL, 08 de Outubro de 1954. [p. DOIS].Sexta-feira.

Antônio Alves Marcato, vulgo “Charuto”, residente nesta cidade, está sendo processado por haver espancado barbaramente a uma filha menor.

**Se a musa aqui não se engana,
O tal Antônio Marcato
Não é Charuto de Havana,
É Charuto Mata-rato.**

³¹ Ver Anexo J.

80/145

DIÁRIO MERCANTIL, 09 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

No município de Cordisburgo, em Minas, devido à falta de chuvas, está desaparecendo o riacho Acuba.

**Os tempos são inclementes,
A seca anda mesmo braba,
O Janot não dá no vinte,
Por isso o Acuba se acaba.**

81/145

DIÁRIO MERCANTIL, 10 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

O candidato a vereador de nome Trabuco tem obtido boa votação nesta cidade.

**Com isso não me embatuco,
Não perco os rumos ou as vias:
Se vence aqui o Trabuco,
Mais venceria em Caxias...**

82/145

DIÁRIO MERCANTIL, 12 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Foi restabelecido o uso do fraque no palácio do Catete, para a cerimônia de recepção aos novos diplomatas.

**Apesar de qualquer baque,
Prova o Brasil, decidido,
Restabelecendo o fraque,
Que não se acha enfraquecido.**

83/145

DIÁRIO MERCANTIL, 13 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

O Brasil conseguiu mais um empréstimo de cento e sessenta milhões de dólares nos Estados Unidos e enquanto isso continua importando batatas da Holanda.

**Da Holanda vêm as batatas,
Do Tio Sam o dinheiro...
Mas não vem nunca a vergonha
Do resto do mundo inteiro.**

84/145

DIÁRIO MERCANTIL, 14 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Foram suspensas as corridas no Jockey Club, do Rio, por terem feito greve os proprietários de cavalos.

**Isso não me traz abalos,
Nem darei, por isso, murros:
Se não correm os cavalos,
Que mandem correr os burros.**

85/145

DIÁRIO MERCANTIL, 15 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

O Sr. Jango Goulart, chefe do getulismo, foi fragorosamente derrotado no Rio Grande Sul.

**Dancemos todos um tango
Em hora desse freguês...
A tal jangada do Jango
Foi a pique de uma vez.**

86/145

DIÁRIO MERCANTIL, 16 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

O ministério da Agricultura, por determinação do Sr. Café Filho, vai dar todo o incentivo possível á cultura do trigo.

**O Café quer muito trigo
E lá tem toda a razão,
Pois só mesmo pior castigo
Se toma café sem pão.**

87/145

DIÁRIO MERCANTIL, 17 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Foi aberto inquérito na polícia local contra João Custódio da Silva, que espancou a própria esposa com uma acha de lenha. O dito Custódio nega o fato.

**Toda a gente este caso acha
Deveras muito engraçado:
Bateu na mulher com a acha
E não se dá por achado.**

88/1455

DIÁRIO MERCANTIL, 19 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Não se sabe ainda ao certo quem foi eleito governador de S. Paulo, se o Sr. Ademar de Barros, se o Sr. Jânio Quadros.

**Um ou outro não importa,
Já que seguem taco a taco:
Será tudo a mesma coisa,
Farinha do mesmo saco...**

89/145

DIÁRIO MERCANTIL, 20 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Seguiu para Portugal, em viagem de descanso e recreio, o jornalista Carlos de Lacerda.

**A visita do Lacerda,
No meu modo de pensar,
Vai deixar desconfiado
O Oliveira Salazar...**

90/145

DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

João Batista Coragem, residente em Lima Duarte, pediu providências à polícia contra ameaças de espancamento que lhe fazem os seu[s] inimigos

**Desse negócio engraçado
A conclusão tiro cedo,
Dizendo que tal Coragem
Está tremendo de medo.**

91/145

DIÁRIO MERCANTIL, 22 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

O resultado das urnas, em todo País, revelou o desprestígio de Ademar de Barros e do getulismo.

**As urnas, em toda a linha,
Derrubaram, de roldão,
O partido da “caixinha”
E o partido do “caixão”.**

92/145

DIÁRIO MERCANTIL, 23 de Outubro de 1954. [s.p.]. Sábado.

Atendendo a insistentes convites que de toda a parte lhe chegam, Marta Rocha vai visitar o Brasil de norte a sul.

**De vê-la ninguém se farta,
Seu cansaço não importa...
Mas dessa maneira a Marta
De fadiga acaba morta!**

93/145

DIÁRIO MERCANTIL, 24 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Ademar de Barros gastou milhares de contos para se eleger governador de S. Paulo e acabou derrotado por Jânio Quadros.

**A coisa é consoladora,
Faz a gente ganhar fé:
Venceu o homem da vassoura,
Varrendo o do Chevrolet.**

94/145

DIÁRIO MERCANTIL, 26 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Logo depois da Semana da Criança, o preço do leite subiu de um cruzeiro por litro no Rio e em Belo Horizonte.

**O “tubarão” enche a pança
E o povo que tudo aceite...
Para amparar a criança,
Sobe-se o preço do leite.**

95/145

DIÁRIO MERCANTIL, 27 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

O primeiro ministro do Paquistão, Sr. Mohammed Ali, declarou que jamais viverá ao lado do comunismo.

**Lendo a nota eu entrevi
O que se passa por lá:
Se vive o Ali por aqui,
Vive o outro por acolá...**

96/145

DIÁRIO MERCANTIL, 28 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Foi eleito prefeito de um município do interior de Minas o Sr. Manoel Bezerra, tendo corrido as despesas do pleito por conta de seus amigos.

**Minha pena não empaca,
Nem sequer se mostra pêrra...
Lá fizeram uma vaca
Para eleger o Bezerra.**

97/145

DIÁRIO MERCANTIL, 29 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

Segundo os jornais, o Sr. Jango Goulart está desesperado com a derrota, xingando a todo mundo.

**A derrota foi de amargar,
Foi mesmo de compungir...
E o que se nota em Goulart
É que ele não quer engolir.**

98/145

DIÁRIO MERCANTIL, 30 de Outubro de 1954. [s.p.].Sábado.

Dizem os jornais que Jânio Quadros, [g]overnador eleito de S. Paulo, anda sempre de barba muito mal feita.

**Metido em politiquices,
Mexendo por todo o lado,
Pode ele não fazer barba,
Mas vive sempre abarbadado.**

99/145

DIÁRIO MERCANTIL, 31 de Outubro de 1954. [p. DOIS].Domingo.

Em 1955 o Brasil, por falta absoluta de “divisas”, não poderá importar trigo.

**Não vejo nisso perigo
E nem levo nenhum baque:
Não importaremos trigo,
Mas apenas Cadillac.**

100/145

DIÁRIO MERCANTIL, 02 de Novembro de 1954. [p. DOIS].Terça-feira.

O deputado João Roma declarou que ainda não se pode afirmar ao certo qual o candidato mais viável à presidência da República.

**O deputado, matreiro,
De mistério o caso tapa:
Ainda não sabe o Roma
Quem é que será o papa.**

101/145

DIÁRIO MERCANTIL, 04 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Em declarações que vai fazendo durante a sua viagem à Europa o Sr. Jânio Quadros se mostra indeciso quanto à sucessão presidencial.

**Dos louros colheu a messe
E depois embatucou...
O Quadros, ao que parece,
Ainda não se enquadrou.**

102/145

DIÁRIO MERCANTIL, 05 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

Empresas cinematográficas do Rio e S. Paulo andam sonhando o imposto de renda e contra elas vão ser tomadas medidas enérgicas.

**Não se vê quem não entenda
Essas medidas benditas:
Se o tal imposto é de renda,
Deve incidir sobre as fitas...**

103/145

DIÁRIO MERCANTIL, 06 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Está sendo experimentado nos Estados Unidos um enorme avião a jato, capaz de atravessar o Atlântico em cinco horas, com cento e trinta passageiros a bordo.

**Mas também os passageiros,
Por estudo em que me fundo,
Ainda bem mais ligeiros
Podem ir para o outro mundo...**

104/145

DIÁRIO MERCANTIL, 07 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

O candidato Neves Cypreste só teve em Juiz de Fora três votos para deputado federal.

**Política, já se sabe,
Dá mesmo desilusão:
O Cypreste, com três votos,
Mostrou cara de chorão...**

105/145

DIÁRIO MERCANTIL, 09 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O P.S.D., pela voz do Sr. Tancredo Neves, declara-se firme e coeso em torno da candidatura Juscelino.

**O Tancredo, sorridente,
Declara, todo ladino,
Que ao cargo de presidente
Só faz jus o Juscelino.**

106/145

DIÁRIO MERCANTIL, 10 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Francisco Ribas, residente em Sumidouro, foi vítima do conto do vigário no Rio, perdendo todo o dinheiro que consigo trazia.

**Faço a quadra bem ligeiro,
Inda que não dê no couro...
Lá sumiu todo dinheiro
Do Ribas de Sumidouro.**

107/145

DIÁRIO MERCANTIL, 11 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Foi eleito deputado federal pelo Estado da Bahia o cidadão Augusto Público.

**Vamos ver como esse Augusto
Vai agora legislar.
Se tratará do bem público
Ou do seu particular...**

108/145

DIÁRIO MERCANTIL, 12 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

Sebastião Soares de Paiva, operário de uma fábrica de fermento na cidade, foi preso quando tentava ferir a navalha a própria esposa.

**Aclarar o caso intento
Desse tal Sebastião:
Trabalhando com fermento,
Estava em fermentação...**

109/145

DIÁRIO MERCANTIL, 13 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Os médicos do Rio de Janeiro estão empregando os maiores esforços no sentido de não ser vetado pelo Sr. Café Filho o projeto de [l]ei que lhes aumenta os vencimentos.

**Essa atitude tão brava
É por todos bem aceita,
Pois a classe apenas cava
A defesa da receita...**

110/145

DIÁRIO MERCANTIL, 14 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Em Belo Horizonte as autoridades competentes estão promovendo a venda de carne verde empacotada, a preços baratos.

**Com a fé muito abalada,
A pergunta aqui ataco:
Essa carne empacotada
Não será conto do paco?**

111/145

DIÁRIO MERCANTIL, 17 de Novembro de 1954. [s.p.]. Quarta-feira.

O Sr. Café Filho, enfrentando poderosa oposição, vetou o projeto que aumentava astronomicamente os vencimentos dos médicos funcionários.

**Veta despesa in[s]ensata
E mostra, fazendo o corte,
Não ser água de batata,
Mas de fato café forte...**

112/145

DIÁRIO MERCANTIL, 18 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

José Escolhido dos Santos, candidato a vereador em Brasília, Minas, não conseguiu votação quase nenhuma.

**Grandes esforços envido
E ainda não sei direito
Como foi que e[s]se Escolhido
Não conseguiu ser eleito...**

113/145

DIÁRIO MERCANTIL, 19 de Novembro de 1954. [s.p.]. Sexta-feira.

Os médicos funcionários públicos ameaçam entrar em greve, se seus vencimentos não forem aumentados.

**Que a classe a mal não me leve,
Se não pareço suave:
Vai escapar, com a greve,
Quem tiver doença grave...**

114/145

DIÁRIO MERCANTIL, 20 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Diz um jornal que é grande a quantidade de cães hidrófobos vagando pe[[l]as ruas de Nova Friburgo, sem que sejam tomadas providências.

**Se contra os tais cães danados
Não se vê nenhuma ação,
É natural, certamente,
Que o povo se dane então.**

115/145

DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

Informam de Washington que os Estados Unidos mobilizarão as suas forças se os comunistas desfecharem qualquer ataque contra a ilha formosa.

**O tal telegrama informa
Que de maneira inamistosa
Tio Sam logo entra em forma
Se tocarem em Formosa.**

116/145

DIÁRIO MERCANTIL, 23 de Novembro de 1954. [s.p.].Terça-feira.

O Sr. Café Filho, presidente da República, visitará a Bolívia nos primeiros dias de dezembro próximo.

**Sem coador não há café,
O café pede é coador...
Por que não vai o Café
De visita ao Equador?**

117/145

DIÁRIO MERCANTIL, 24 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Um cidadão, no Rio, entrando num restaurante para almoçar, colocou a pasta num cabide enquanto ia lavar as mãos. Ao voltar, a pasta havia desaparecido, com oitocentos contos.

**Coisas assim são claríssimas,
Não provocam contraditas:
Ficou com as mãos limpíssimas,
Depois de lavar as ditas...**

118/145

DIÁRIO MERCANTIL, 25 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Corre que será grandemente aumentado o imposto de consumo, a fim de melhorar as finanças nacionais.

**De consumo o tal imposto
Vai sofrer aumento novo...
Parece que sentem gosto
De ver consumido o povo!**

119/145

DIÁRIO MERCANTIL, 26 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

O governo do general Peron mandou prender o padre Carboni, alegando ser o mesmo extremista.

**Ao Peron, no telefone,
A pergunta aqui exaro:
Será que o padre Carboni
É de fato “carbonaro”?**

120/145

DIÁRIO MERCANTIL, 27 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

O Sr. Pires Pinto, presidente da Comissão do Imposto Sindical, descobriu um desfalque de cinquenta milhões de cruzeiros e declarou que não deixará impunes os seus autores.

**Meu desejo aqui exprimo
Com afoiteza sem par:
Que não deixe o Sr. Pires
Os tais piratas “pirar” ...**

121/145

DIÁRIO MERCANTIL, 28 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

O português Manoel Antunes Dascos de Campos, enlouqueceu subitamente em plena rua, agredindo os transeuntes a torto e a direito.

**Aqui pergunto, ansioso,
Aos Antônios, aos Franciscos:
Desse Dascos a loucura
Não foi por causa dos discos?**

122/145

DIÁRIO MERCANTIL, 30 de Novembro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Os médicos de Niterói resolveram realizar greve de uma hora como protesto contra o veto do presidente da República ao projeto que lhes aumentava os vencimentos.

**Dizem sujeitos astutos,
Mostrando, a sorrir, os dentes:
Nesses sessenta minutos
Salvam-se muitos doentes.**

123/145

DIÁRIO MERCANTIL, 01 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Cientistas norte-americanos estão cogitando da possibilidade de uma viagem a Marte, em avião-foguete.

**Digo aqui, de minha parte,
Ser a ideia muito forte...
A tal viagem a Marte
Será viagem à morte.**

124/145

DIÁRIO MERCANTIL, 02 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira.

Os quitandeiros gananciosos já andam pedindo oito e dez cruzeiros por uma dúzia de bananas.

**Com esses tais safardanas
Só um remédio se arruma:
A gente compra as bananas
E para eles vai dando uma...**

125/145

DIÁRIO MERCANTIL, 03 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

Desconhecido há dois anos, o Sr. Jânio Quadros já foi eleito prefeito de S. Paulo e governador do mesmo Estado, falando-se agora na sua candidatura à presidência da República.

**Ó homem tem a goela aberta
E nenhum cargo lhe escapa.
Ainda acaba, na certa,
Sendo eleito também papa...**

126/145

DIÁRIO MERCANTIL, 04 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

Referindo-se a uma corrida de automóveis realizada em S. Paulo, certo jornal declarou que a parada foi dura.

**No meu fraco entendimento,
Se houve corrida e mais nada,
O tal acontecimento
Foi apenas disparada.**

127/145

DIÁRIO MERCANTIL, 05 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

O clube da “Panela Vazia”, de S. Paulo, conseguiu colocar vários de seus membros em rendosos cargos públicos.

**Aqui vai a profecia
Para que o povinho a leia:
A tal “Panela Vazia”
Agora vai ficar cheia.**

128/145

DIÁRIO MERCANTIL, 07 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

O Sr. Gustavo Capanema declarou que, no caso da sucessão presidencial, aceita qualquer personalidade que seja digna do cargo, não fazendo questão de nome.

**Sendo um homem de sistema,
Tome derrota ou não tome,
O Gustavo Capanema
Não gosta de capar nome...**

129/145

DIÁRIO MERCANTIL, 08 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

O banco que fechou as portas em S. Paulo declarou que espera [re]embolsar todos os seus clientes dentro em breve.

**Os clientes do tal banco,
Para seu maior azar,
Muito tempo, atrás do cobre,
Abancados vão ficar!**

130/145

DIÁRIO MERCANTIL, 10 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Sexta-feira.

Acaba de fundar-se na Inglaterra o Clube dos 120, que só aceita como sócios indivíduos que pesem oito arrobas.

**No Brasil a carestia,
Mãe da fome e da magreza,
Ao tal Clube não daria
Nem um sócio, com certeza!**

131/145

DIÁRIO MERCANTIL, 11 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Sábado.

A greve dos médicos no Rio acabou de repente, quando menos se esperava.

**Aqui vai o diagnóstico
A que um leigo se atreve.
Se terminou de repente.
Teve colapso a greve.**

132/145

DIÁRIO MERCANTIL, 12 de Dezembro de 1954. [p.DOIS]. Domingo.

Segundo notícias vindas de Pernambuco, foi avistada, ali há dias, uma esquadrilha de discos voadores.

**A notícia não me quadra,
Não avanço nessa trilha...
Só mesmo cabo de esquadra
Veria tal esquadrilha.**

133/145

DIÁRIO MERCANTIL, 14 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Terça-feira.

Foi realizado no Rio, com toda a solenidade, o lançamento da pedra fundamental do edifício do Museu de Arte Moderna.

**Se o tal Museu é moderno,
Se é modernice que medra,
Mais velho que o Padre Eterno
É lançamento de pedra...**

134/145

DIÁRIO MERCANTIL, 15 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

O Sr. Jânio Quadros, durante a sua viagem á Europa, já distribuiu mais de cinquenta mil cruzeiros de gorjetas.

**Do Jânio excursionista
A bolsa espetacular
Já deixa a perder de vista
A “caixinha” do Adhemar...**

135/145

DIÁRIO MERCANTIL, 16 de Dezembro de 1954. [p.DOIS]. Quinta-feira.

A Rússia, na opinião dos observadores internacionais, está intensificando a guerra fria.

**Enquanto a noticia eu lia,
Disse-me o amigo Campello:
Para fazer guerra fria
O que não lhe falta é gelo.**

136/145

DIÁRIO MERCANTIL, 17 de Dezembro de 1954. [p.DOIS]. Sexta-feira.

O movimento industrial brasileiro, segundo as estatísticas, continua a crescer, fabricando-se enorme quantidade de artigos de todo o gênero.

**Mas em lugar de ir avante,
Lá vamos de queda em queda:
A fábrica mais importante
É a tal de papel moeda.**

137/145

DIÁRIO MERCANTIL, 18 de Dezembro de 1954. [p.DOIS]. Sábado.

Foi nomeado funcionário padrão F. da Prefeitura local, o Sr. Rubens Carneiro Junho.

**Correrá ele, apressado,
A tomar conta do posto:
Em dezembro nomeado,
O Junho está muito a gosto.**

138/145

DIÁRIO MERCANTIL, 19 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Domingo.

O Tribunal Eleitoral de Minas Gerais ainda não proclamou o resultado das eleições por faltar a apuração do município de Sacramento.

**Do Tribunal a demora
Merece ser perdoada,
Pois quer dar, quando for hora,
A coisa sacramentada.**

139/145

DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Dezembro de 1954. [p.DOIS]. Terça-feira.³²

Noticiam os jornais do Rio que está sendo elaborado ali um novo Manifesto dos Coronéis.

**É tanta politicagem,
É tanta politqueira,
Que se as espadas não agem
Iremos á pirambeira...**

No final de 1953, vários sindicatos, como os dos bancários e dos marítimos, pressionaram o governo por um aumento salarial, sendo que, o último reajuste fora

³² Ver Anexo K.

concedido em 1951, no início do governo Vargas³³. O ano de 1954 abriu com grande discussão sobre o nível de aumento a ser fixado para o salário mínimo. A notícia de que o ministro do Trabalho proporia um índice de 100% levou um grupo de oficiais do Exército a apresentar ao ministro da Guerra um documento, conhecido como ³⁴**Manifesto dos Coronéis** protestando contra a possibilidade de um operário não-qualificado ganhar quase o mesmo que um cidadão de nível universitário. Goulart³⁵ enfrentou também a oposição de Osvaldo Aranha, já que o Estado era um dos principais empregadores. Em carta a Vargas, o ministro da Fazenda alegou que o Tesouro Nacional não teria condições de arcar com os custos do aumento, advertindo também para as graves consequências dos abusos orçamentários para a economia nacional: O aumento das exportações dos demais países produtores, principalmente a Colômbia, continuou a pressionar para baixo o preço do café, provocando a superlotação dos armazéns brasileiros. O mercado norte-americano começou a boicotar o café brasileiro e em agosto de 1954, foram exportadas apenas 145 mil sacas de café, com faturamento de 14 milhões, contra 860 mil sacas, num valor de 66 milhões de dólares, vendidas no mês do ano anterior. A indústria cafeeira entrava em colapso.

Zangão usou de sua coluna **Ferroada** para contextualizar o leitor(a) sobre os fatos políticos que estavam ocorrendo na época de 1954 e, desta forma, criticou a política e os governantes do nosso país, os quais utilizavam de seus cargos para fazer politicagem e politiqueria e que se aliaram para manter o poder, ter vantagens, lucros, privilégios entre eles próprios e, por isso, impediram o aumento do salário mínimo para os trabalhadores. Hoje também nos deparamos com uma situação semelhante à época, na qual os políticos que ocupam os cargos de deputados, governadores e, especificamente, presidência da República se escondem por detrás de falsos discursos, elaborando leis que favorecem seus próprios benefícios para se blindarem de qualquer punição e com essas atitudes, a grande maioria do povo brasileiro torna-se, a cada dia, mais pobre e com menos direitos. Então, qual é a

³³ “A era Vargas corresponde um período em que Getúlio Vargas presidiu a república brasileira, o qual estendeu por quinze anos, iniciando em 1930 e terminando em 1945. Segundo os historiadores essa etapa foi dividida em três fases importantes denominadas Governo provisório, Governo constitucional e Estado Novo (MUNDO EDUCAÇÃO, 20021, n.p.).

³⁴ Corresponde a um manifesto contra o governo Getúlio Vargas, assinado por 42 coronéis e 39 tenentes-coronéis e entregue aos comandantes militares (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

³⁵ João Belchior Marques Goulart (08/09/1961-02/04/1964). Nasceu São Borja (RGS) em 1919. Eleito o 24º presidente do Brasil, também ocupou cargo de 14º vice-presidente do Brasil no período de 1956 a 1961. Governou o país sob um regime populista, sendo deposto sob o golpe militar de 1964 (CPDOC//FGV, 2001, n.p.).

diferença do contexto político atual em relação ao ano de 1954? A troca de espadas por armas? Revoltante e intrigante situação que nos encontramos e, assim, segue o nosso país caminhando para pirambeira.

140/145

DIÁRIO MERCANTIL, 22 de Dezembro de 1954. [p. CINCO]. Quarta-feira.

O Sr. Eugenio Gudín, ministro da Fazenda, por defender os interesses reais do Brasil, está sendo agredido até fisicamente.

**Gudin não solta o dinheiro,
Sofre por isso o diabo...
Mas deseja o povo inteiro
Que leve os cortes a cabo.**

141/145

DIÁRIO MERCANTIL, 23 de Dezembro de 1954. [p.CINCO]. Quinta-feira.

O Banco Mercantil de Vitória, no Espírito Santo, suspendeu os pagamentos, sendo grandes os prejuízos.

**Se continua essa história,
Vamos virar de cambota.
O tal Banco de Vitória
Virou Banco de Derrota...**

142/145

DIÁRIO MERCANTIL, 24 de Dezembro de 1954. [s.p.]. Sexta-feira.

A viagem, caríssima, do Sr. Jânio Quadros á Europa, segundo os jornais, está sendo custeada por um amigo do mesmo.

**A pergunta irreverente
Faço aqui mesmo, comigo:
Quem pagará finalmente
Os gastos do tal amigo?**

143/145

DIÁRIO MERCANTIL, 25 de Dezembro de 1954. [s.p.]. Sábado.

O Estado do Amazonas, que não paga os funcionários há cinco meses, estava para abrir falência quando foi socorrido pelo governo federal.

**Vem à luz tanta mazela
Que a gente até acha graça:
Quase que “estica” a canela
A região da borracha...**

144/145

DIÁRIO MERCANTIL, 28 de Dezembro de 1954. [s.p.]. Terça-feira.

Carmem Miranda declarou á imprensa carioca que viajará em breve para os Estados Unidos, mas voltará no próximo ano para beijar todos os seus amigos.

**Sinto uma vontade louca
De aqui dizer de repente:
Não lhe falta grande boca
Para beijar tanta gente...**

145/145

DIÁRIO MERCANTIL, 29 de Dezembro de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira.

Telegrama do Cairo informa que por ordem do governo foi ali chicoteado na principal praça da cidade um padeiro que vendeu pão acima da tabela.

**No Egito o couro roda,
Amarrado em cabo ou haste:
Se por aqui pega a moda
Não há chicote que baste...**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. (LE GOLFF, 1998, p.477).

Ao participar do grupo de trabalho (GT) denominado Arquivos Literários: **memória, resgate, preservação**, liderado pela pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes, fomos apresentados ao acervo de Gilberto de Alencar. Assim, tivemos o nosso interesse despertado pelo inventário do literato. Partindo dessa premissa, visitamos várias vezes Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) que detém a custódia do Acervo da Família Alencar, com o intuito de conhecer melhor todo o legado contido no fundo do titular. Depois de ter tido contato com acervo Alencar, tomamos conhecimento das crônicas que foram publicadas no periódico **Diário Mercantil**. Diante da leitura das mesmas, o interesse foi despertado, exclusivamente, pela coluna, **Ferroadas**, por abordar assuntos relacionados às questões políticas, às sociais e às econômicas da época. Além disso, foi gratificante trabalhar com o *corpus* muito instigante por apresentar temas de grande relevância para sociedade como a memória, o resgate e a preservação dos manuscritos primários em suporte de papel, no caso, o jornal.

As argumentações apresentadas nesta dissertação foram orientadas pela hipótese de que a coluna, **Ferroadas**, no período de 1954, buscou defender que os versos metafóricos rimados permitiram que o texto jornalístico do literato Gilberto de Alencar ocupasse um lugar de fala no território da literatura, compreendendo-o como um intelectual moderno que interveio no espaço público da sociedade de seu tempo.

Ao escrever a coluna **Ferroadas**, Alencar permitiu que se refletisse sobre os acontecimentos sociais, políticos e econômicos ocorridos nas sociedades local, regional e internacional do período de 1954, ressaltando e sustentando que o texto jornalístico pode ser um texto literário, desde que, sejam preservados estilos e regras próprias do gênero literário, ou seja, de uma linguagem literária.

Por meio desta pesquisa conseguimos investigar, argumentar, pensar e refletir sobre a efetiva relação dialógica, mantida entre literatura e o jornalismo, presente nas **Ferroadas** de Zangão.

Ficou confirmado, por meio de sua biografia literária, que Alencar produziu textos em vários gêneros discursivos como crônica, diário romance e novela. Esta investigação resultou na certeza de que seu legado literário deve ser amplamente

divulgado e revelado, com participação ativa em várias esferas do conhecimento. A partir disso, constatou-se a urgência e importância da difusão da sua produção jornalístico-literária, especificamente, da coluna **Ferroadas** para, posteriormente, disponibilizá-la aos leitores e aos pesquisadores interessados já que, por meio delas, foi possível conhecer os posicionamentos, reflexões e experiências políticas, sociais, econômicas e intelectuais do escritor, com argumentos que permitiram esta investigação justificar sua representatividade entre o regional e o universal.

E assim, Zangão, mediante suas **Ferroadas** literárias, satiriza e faz provocações a um pequeno grupo dominante constituído oficialmente por representantes do povo, aqueles que elaboram as leis e as executam, trazendo ao centro suas picadas satíricas, ferroando essa categoria denominada de abelhas rainhas. Ainda alerta aos leitores que eles são as abelhas operárias, dizendo respeito especificamente às atitudes e mazelas desse grupo privilegiado.

Desta forma, as colunas **Ferroadas** registradas nesta pesquisa certificaram o estilo estético da escrita do autor, proporcionando para os futuros leitores e pesquisadores um legado cultural.

Uma das dificuldades encontradas durante a trajetória da coleta do material referente aos exemplares do **Diário Mercantil**³⁶ foi o estado de conservação do acervo do periódico. Constatamos algumas páginas do jornal deterioradas, outras rasgadas³⁷ e outras apagadas pelo uso inadequado das folhas. O desgaste do tempo associado a ações de insetos de papel, como as traças, baratas e besouros, foram agravantes que dificultaram a pesquisa, assim como, o fechamento das instituições públicas como o Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF) e o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), os quais se encontravam fechados para evitar a propagação do vírus, da doença, devido à pandemia do novo Coronavírus que acometeu o mundo inteiro na passagem entre 2019 e 2021 sem ainda ter cessado completamente. Assim, tornou-se impossível a visita a essas instituições para manuseio do suporte papel e pesquisa nas fontes, já que o acervo do periódico em questão não se encontrava disponível na hemeroteca digital. A humanidade ainda encontra-se em um momento conturbado e atípico devido à pandemia que se alastrou pelo mundo e esse fato abalou às pessoas, os seus sentimentos, suas emoções e ações, pois enfrentamos uma ansiedade coletiva com muitos medos, angústias e insegurança no futuro.

³⁶ Ver Anexo M.

Ressaltamos também a falta de recursos humanos, como escassez de profissionais habilitados e estagiários preparados para trabalhar com os atos de pesquisas e também poucos equipamentos de suporte como *scanner* profissional e tecnologias modernas. Apesar das dificuldades encontradas evidenciou a relevância desta pesquisa em divulgar parte das obras do jornalista-escritor mineiro.

Finalizando estas considerações, importa ressaltar que o arquivo enquanto espaço de preservação de documentos seja privado ou público representa a memória de uma sociedade, contribuindo para perpetuação e disseminação dos acervos construídos pelos diferentes discursos coletivos e, desse modo, constituindo ou corroborando múltiplas identidades. Destacamos também a importância desse estudo para pesquisadores, ressaltando que há nas fontes primárias inúmeras possibilidades para responder, analisar e interpretar seus objetos de estudos.

Diante de tudo o que foi destacado, seria impossível escrever esta pesquisa sem ressaltar a importância da literatura no contexto que estamos vivendo, pois por intermédio dela nos tomamos cidadãos e cidadãs melhores com ideias de paz, respeito, leveza, cordialidade, lisura e preservação de todos os seres vivos.

³⁷ Ver anexo L.

REFERÊNCIAS

A GAROTA Dinamarquesa; Diretor: Tom Hoper. Local: Reino Unido, EUA, Dinamarca, Bélgica, Alemanha. Produtora: Universal Pictures, 2016. I.P.T.V (119min).

ALENCAR, Cosette de. A participação comunitária do DM. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 23 de jan. 1972. Suplemento de aniversário.

ALENCAR, Cosette de. Juiz de Fora: Literatura antes e agora. Juiz de Fora: **Revista da Biblioteca Municipal de Juiz de Fora**. 2º trimestre de 1970. p.3-4.

ALENCAR, Cosette de. Juiz de Fora: Literatura antes e agora. Juiz de Fora: **Diário Mercantil**, 31 mai 1972. Suplemento Especial de Aniversário da Cidade. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 3 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 4 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 5 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 7 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 8 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 9 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 10 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 11 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 13 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 14 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 15 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 16 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 17 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 18 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 20 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 21 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 22 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 23 jul.1954, p.2.

- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 24 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 25 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 27 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 28 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 29 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 30 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 31 jul.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 01 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 03 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 04 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 05 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 06 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 07 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 08 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 10 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 11 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 12 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 13 ago.1954, p.2.
- ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 14 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 15 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 21 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 22 ago.1954, p.3.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 24 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 25 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 26 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 27 ago.1954, s.p.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 28 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 29 ago.1954, p.3.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 31 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 31 ago.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 01 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 02 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 03 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 04 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 05 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 09 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 10 set.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 11 set.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 12 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 14 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 15 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 16 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 17 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 18 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 19 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 21 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 22 set.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 23 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 24 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 25 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 26 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 28 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 29 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 30 set.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 01 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 02 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 03 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 05 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 06 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 07 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 08 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 09 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 10 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 12 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 13 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 14 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 15 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 16 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 17 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 19 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 20 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 21 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 22 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 23 out.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 24 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 26 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 27 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 28 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 29 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 30 out.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 31 out.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 02 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 04 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 05 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 06 nov.1954, p.2

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 07 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 09 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 10 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 11 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 12 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 13 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 14 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 17 nov.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 18 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 19 nov.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 20 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 21 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 23 nov.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 24 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 25 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 26 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 27 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 28 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 30 nov.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 01 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 02 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 03 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 04 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 05 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 07 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 08 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 10 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 11 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 12 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 14 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 15 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 16 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 17 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 18 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 19 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 21 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 22 dez.1954, p.5.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 23 dez.1954, p.5.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 24 dez.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 25 dez.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 28 dez.1954. Não paginado.

ALENCAR, Gilberto de. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 29 dez.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto de. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

ALENCAR, Gilberto de. **Reconquista**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

ALENCAR, Gilberto de. **O escriba Julião de Azambuja & Misael e Maria Rita**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1962.

ANALFABETO. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio: O dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANALFABETO. *In*: HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#0>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ARANHA, Osvaldo Euclides de Souza. *In*: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2021. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/osvaldo-euclides-de-sousa-aranha>. Acesso em: 10 out. 2021.

ARAÚJO, Carlos Magno. Amor à palavra. *In*. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Ed. Escrituras, 2005, p.93-97.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Gilberto de Alencar: faces de um intelectual**. Orientadora: Ivete Lara Camargos Walty; Coorientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2018, 245 f. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS), Belo Horizonte, 2018.

ARTIÉRES, Philippe, Arquivar a própria vida. **Estudos Históricas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, vol.11, n.21. p. 9-34.

AUMETO CRIMINOSO NOS PRÊÇOS DA LUZ E FÔRÇA. **Doa a quem doer**, Belo Horizonte M.G., dia 12 de mar. de 1954. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=874418&pasta=ano%20195&pesc=&pagfis=4>. Acesso: 04 de out. de 2021.

BARRETO, Farias Ivan, Scielo Brasil. **TABACO: a construção das políticas de controle sobre seu consumo no Brasil**, São Paulo, jul-set 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gR3wzXhzp5mWtvqXchfKG6x/?lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2021.

BOLETIM ELEITORAL. Tribunal Superior Eleitoral, Rio de Janeiro R.J. Fevereiro de 1954. Disponível em: http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2086/1954_boletim_eleitoral_a3_n31.pdf?sequence=1. Acesso em: 01 de Out. de 2021

BRITO, Augusto Cesar Luiz; MOKARZEL, Marisa de Oliveira; CORRADI, Ana Laura. O arquivo enquanto lugar da memória e sua relação com a identidade. **Ágora**, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 158-182, jan./jun. 2017.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A preservação Documental no Brasil. Notas para uma reflexão histórica. **Acervo**. Rio de Janeiro: v.23 nº 2, p. 31-46, jul./dez, 2010. Disponível em <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/54676>. Acesso em mar. 2021.

CID, Wilson. O “assassínio” de um jornal. *In*: NÓBREGA, Dormevilly. **Reverendo o passado, memória juiz-forana** – 3ª serie. Juiz de Fora: Ed. Caminho Novo, 2001.

CID, Wilson. Wilson Cid. Depoimento [Entrevista cedida a] Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2005. 2 fitas micro-cassetes (120 min.): estéreo.

CID, Wilson. **A margem do Paraibuna**. Juiz de Fora: Templo, 2018.

CONY, Carlos Heitor. Jornalismo e literatura. **Folha de São Paulo** S.P, 29 abr.2005. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/jornalismo-e-literatura>. Acesso em: 19 mar. 2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Intelectuais em cena. *In*: CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos. **Intelectuais e vida pública**: migrações e mediações. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p-p 11-29.

DANTAS, Marcos de Souza. *In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro após 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 2001. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/marcos_de_sousa_dantas. Acesso em: 04 out. 2021.

ERA VARGAS. *In: Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/era-vargas.htm>. Acesso em: 05 out. 2021.

FILHO, João Café. *In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro após 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 2001. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/joao_cafe_filho. Acesso em: 31 out. 2021.

FRANÇA, Viviane Amaral. **Jornalismo e literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould**, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/franca-viviane-jornalismo-e-literatura.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

FRANCISQUINI, Gina Mara Ribeiro Quintão. **Registros Intencionais: diários de Gilberto de Alencar, revelações de um pensador**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017, 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2017.

GALEANO, Eduardo. **Vozes & Crônicas**. S. Paulo: Global/VERSUS, 1978.

GALLI, Rafael Alves *et al.* **Corpos mutantes - mulheres intrigantes: transexualidade e redesignação sexual. Psicologia, teoria e pesquisa**. Brasília: 2013, Out-Dez, Vol. 29 n. 4, pp. 447-457. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n4/v29n4a11> Acesso em: 11 abr. 2021.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; TRINDADE, Zeidi Araújo; Maria de Fátima de Souza. **Mulheres e militância: encontros e confrontos durante a ditadura militar**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

GOULART, João Belchior Marques. *In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro após 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/joao_goulart. Acesso em: 30 out. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD 2019. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 27 mar. 2021.

INFLAÇÃO DE SETEMBRO É A MAIOR DESDE O INÍCIO DO PLANO REAL E VAI A 10,25% EM 12 MESES. **Folha de São Paulo**, São Paulo S.P. dia 08 de out. de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/inflacao-acelera-em-setembro-e-alcanca-1025-em-12-meses.shtml>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

JAFET, Nami Ricardo. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro após 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV,2001. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/ricardo_jafet. Acesso em: 29 out. 2021.

JORNALISMO, in *MICHAELIS*. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jornalismo/>. Acesso em: 15 set.2021.

LAFER, Horácio. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro após 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV,2001. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Horacio_Lafer. Acesso em: 30 out. 2021.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969. Coleção Ensaios VIII.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Preservação dos bens culturais: o jornalismo literário de Gilberto de Alencar. In: **XIV Congresso Internacional Abralic**, 2016, Belém do Pará. V.1 p. 1-10. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=968> Acesso em: 10 abr. 2021

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. **Arquivos Literários**. [Entrevista cedida a] Revista Archivoz. Juiz de Fora, M.G, 25 de jan.2021. Disponível em: <https://www.archivozmagazine.org/es/entrevista-noema-rodriguez/>. Acesso em:13 mar.2021.

MOL, Isabela Baião. **Cosette de Alencar – A cronista de seu tempo**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes.162 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.

MUSSE, Christina Ferraz. **A trajetória do Diário Mercantil: alter ego da cidade de Juiz de Fora**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO,31,2008. Natal, RN. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-0491-1.pdf> Acesso em:13 mar.2021.

MUSSE, Christina Ferraz, **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. Orientadora: Heloisa Buarque de Hollanda. 290f Tese (Doutorado em Comunicação). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

NECCHI, Vitor. A impertinência da denominação “jornalismo literário”. **VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação**. Intercom, 29 ago. 2007.

Disponível em: <www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0527-1.pdf>
Acesso em: dez de 2020.

NÓBREGA, Dormevilly. **Revedo o passado: memória juiz-forana – 1ª série**. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 1997.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história. São Paulo. n.10, p. 7-28, dez. 1993.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de documentação, 1955.

OLIVEIRA, Almir de. **A Imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Imprensa Universitária de UFJF, 1981.

OLIVEIRA, Fabrício Marques de. Jornalismo como entre-lugar: narrativas entre ficção e documento. *In*: SOUZA, Eneida Maria de; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura. **Sobrevivência e devir da leitura**. Belo Horizonte: Autêntica.

TOTAL DE FAVELAS DOBRA NO BRASIL EM 10 ANOS E 20 MILHÕES PASSAM FOME. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 de out. 2021, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/total-de-favelas-dobra-no-brasil-em-dez-anos-e-20-milhoes-estao-passando-fome.shtml>. Acesso em: 16 out. 2021.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241>. Acesso em: 27out 2021.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Jornalistas – intelectuais no Brasil**. Orientadora: Profa. Dra. Zélia Leal Adghirmi. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, 2008.

PAES, Marilena Leite. Introdução ao estudo de arquivos. *In*: **Arquivo: teoria e prática**. 3ed. Ver.ampl. reimp. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 2002.

POLITIZE Site. **Reforma Eleitoral de 2021: Quais são as novas mudanças**. Florianópolis, S.C. Publicado em 10 de Ago.de 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/reforma-eleitoral-2021/>. Acesso em: 04 out. 2021.

REMESSA online. Fed: **O que é e como influencia o cenário econômico brasileiro**. Andrea Cortes. São Paulo, S.P. Publicado em 16 de set.de2020. Disponível em: <https://www.remissaonline.com.br/blog/o-que-e-fed/>. Acesso em:04de out.2021.

REVISTA D.W: Made for minds.**1954: Acordo divide o Vietnã**. Michael Kleff. Publicado em 21/07/2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1954-acordo-divide-o-vietn%C3%A3/a-319611>. Acesso em: 21 jul. 2021.

RIBEIRO José Luiz. José Luiz Ribeiro: depoimento [Entrevista cedida a]. Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora: 2005. 1 fita micro-cassete (60min) estéreo.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 18, n. 60, p. 144-158, Dec.1997.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301997000300009>. Acesso em: 23 Mar. 2021.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **A general das letras**: a literata Cosette de Alencar e a “sua” cidade – Juiz de Fora (MG). 1918 a 1973. Orientadora: Profa Dra. Rachel Soihet. 419 f. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Centro de Estudos Gerais; Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2013.

SCLIAR, Moacyr, Jornalismo e literatura: a fértil convivência. *In*: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Ed. Escrituras, 2005, p.13-14.

SARLO, Beatriz. **Cenas pós-modernas**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina; tradução; Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VARGAS, Dornelles Getúlio, *In*: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro após 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2001. CPDOC/FGV. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio_vargas. Acesso em: 30 out. 2021.

ANEXO A

(Arquivoz) Moema, obrigada por ter aceitado nosso convite. Você é da área de Letras, como surgiu seu interesse pelos arquivos?

Agradeço o convite e a oportunidade de compartilhar nossas pesquisas e gostaria de estender os meus agradecimentos aos pesquisadores-membros do GT “Arquivos literários: memória, resgate, preservação” estabelecendo os devidos créditos à Águida Heloiza Almeida de Paula, à Andréia Ferreira Carvalho, à Ana Flávia Araújo Dias, à Bárbara Pereira Gonçalves Nolasco, à Cleíze Pires de Mendonça, à Eliane Vasconcellos, a José Alberto Pinho Neves e a Paulo Roberto Soares. Quanto ao surgimento do interesse pela pesquisa em arquivos, penso que o mesmo sempre existiu, precisando apenas de uma oportunidade para se manifestar. Conforme apresentação inicial, minha graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado (este último em andamento) desenharam o percurso para que eu me compreendesse como pesquisadora hoje.

Tudo começou, efetivamente, com o Mestrado em Letras (2003) no, então, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, atualmente (2020), Centro Universitário Academia (UniAcademia). Esse Mestrado em Letras, com área de concentração em “Literatura Brasileira”, oferecia, à época (2003), duas linhas de pesquisa: “Literatura Brasileira: tradição e ruptura” e “Literatura de Minas: o regional e o universal”. Neste formato, os candidatos não apresentavam um anteprojeto de pesquisa. Feita a seleção e conquistada a aprovação, o mestrando cursava 4 disciplinas obrigatórias e 8 eletivas. Uma das disciplinas obrigatórias era de singular importância – Pesquisa em Literatura (PL) – haja vista que, por meio dela, o recém-mestrando construía seu projeto de pesquisa, respeitando o interesse do discente e as pesquisas desenvolvidas e supervisionadas pelo respectivo orientador. Sempre em busca de uma área de interesse e já bastante preocupada por não me interessar de fato por uma pesquisa que fizesse a diferença, matriculei-me na disciplina eletiva intitulada “Leitura crítica de arquivos brasileiros” ministrada pela Prof.^a Dra. Eliane Vasconcellos que, neste momento, chefiava o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro (AMLB/FCRB). Foi um ponto decisivo na minha vida acadêmica. A Prof.^a Dra. Eliane Vasconcellos discorreu sobre arquivos pessoais de escritores brasileiros e estrangeiros, impressionou com

informações e esclarecimentos sobre a existência de museus de literatura no Brasil e no estrangeiro, e, de forma decisiva, apresentou a nós o Museu de Arte Murilo Mendes (JF), o Instituto Moreira Sales (RJ), a Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), a Biblioteca Nacional (RJ), o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), a pesquisas desenvolvidas e a pesquisas por desenvolver, a partir de fontes primárias, o que incluía, indiscutivelmente, trabalhar com arquivo. Abriu-se a “caixa de Pandora”: essa era a pesquisa que eu queria desenvolver. Minha curiosidade sobre este tema ia sendo gradativamente estimulada pela Prof.^a Dra. Eliane Vasconcellos que, ao constatar meu interesse, aceitou me orientar. A partir desta posição, tudo foi se delineando e os trabalhos tiveram início em Juiz de Fora, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, que tem sob sua guarda vários acervos de escritores e artistas. Esses, de alguma forma, relacionaram-se com o “dono da casa”, o poeta Murilo Mendes. Ou seja: um laboratório de pesquisa.

A aventura começou. Minha orientadora apresentou-me a obra de uma escritora não canônica, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, mineira de Maria da Fé, sul de Minas Gerais, propondo-me pesquisar a produção literária oliveiriana com o objetivo de valorizar e divulgar “vozes esquecidas de Minas”. Para isso, iniciei os estudos sobre as relações entre pesquisador e arquivo pessoal; entre textos éditos e inéditos, questões que se amparavam na esteira das teorias de Arquivos, Crítica Genética, Crítica Textual ou Ecdótica. Junto a todo este aprendizado, vieram os conhecimentos de como lidar com herdeiros, com a política de cada museu, com ações de higienização básica de manuscritos, o que me levou a alguns cursos e oficinas de restauração e preservação. Tudo isso foi fundamental para compreender a importância de manter a ética necessária para lidar com os bastidores da criação que se acomodam nos arquivos pessoais. Concluí o Mestrado em Letras com a pesquisa intitulada **Colar de contos premiados**: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira - um olhar crítico genético, no ano de 2005. Este estudo baseou-se em orientações para a construção de um texto fidedigno, numa perspectiva genética, representada pelo cotejo de manuscritos pertencentes ao arquivo pessoal da escritora, o que permitiu que eu apreendesse uma leitura plural, verificada pela diversidade de escolhas que os manuscritos ofereceram, quando em confronto com o texto publicado. Para esta pesquisa, foi feita a recolha dos contos produzidos pela titular, premiados em concursos literários, em nível nacional, nas décadas de 1950, 1960 e

1970, publicados esparsos em jornais e revistas da época. A partir de um recorte desta pesquisa, publiquei o livro **Colar de Contos premiados**: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, em 2006, por meio da Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura, promulgada pela Prefeitura de Juiz de Fora. Este livro foi adotado como obra literária indicada para o concurso vestibular do Curso Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora (CTU/UFJF), em Juiz de Fora, nos anos de 2008 a 2010. A aventura começava a apresentar resultados definidores. Em 2006, participei da seleção de doutoramento na Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), apresentando um anteprojeto de pesquisa para a Prof.^a Dra. Marlene Carmelinda Gomes Mendes, na mesma linha, envolvendo os estudos sobre o processo de criação do romance, **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de autoria do escritor mineiro, não canônico, Gilberto de Alencar. Trabalhar com arquivo pessoal proporciona “o improvável” como motivação e “o revelar o aquém da obra” como uma ação. Outra “voz esquecida de Minas” despontava em meu universo de pesquisa. O acervo do escritor estava ainda em posse da família com quem eu tive um contato bastante estreito já que pesquisava os manuscritos da obra neste espaço privado-familiar. A pesquisa propôs a elaboração de uma edição crítica e genética do romance **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, de Gilberto de Alencar a partir de dois manuscritos denominados manuscrito A (MsA) e manuscrito B (MsB), e duas edições. A primeira, de 1946, financiada pelo autor em Juiz de Fora, MG e a segunda, de 1957, pela editora Itatiaia, Belo Horizonte, MG. Fundamentada nas teorias de crítica textual e crítica genética, já que a 1ª tem por objeto o texto e a 2ª tem por objeto o prototexto, processei o cotejo deste *dossiê* formado pelos quatro documentos: 2 edições, em vida, e 2 manuscritos. Neste momento vivenciei a experiência da doação do acervo do escritor, Gilberto de Alencar, para o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e pude acompanhar, como doutoranda, a captação do mesmo, coordenada pelo Diretor do Museu, à época, Dr. José Alberto Pinho Neves, hoje vice-líder do GT “Arquivos literários: memória resgate preservação” com quem coordeno as pesquisas devidamente certificadas pelo CNPq. Finalizando esta trajetória inicial, deixo registrado que o contato com documentos que se relacionam com produção literária de um escritor, portanto o contato com o arquivo pessoal do mesmo é um ato de resgate que preserva a construção da história social do homem em sua formação cultural.

(Arquivoz) Quais as suas referências temáticas na Arquivologia? Ou, em qual área da Arquivologia as pesquisas do grupo estão direcionadas?

As referências temáticas que fundamentam nossas pesquisas estão ancoradas nos estudos sobre “arquivo pessoal e suas implicações” e sustentam-se na premissa de que o estudo relacional que envolve literatura, memória e arquivo dinamizam a compreensão da Crítica Textual, Crítica Genética e as articulações entre ficção, literatura e vida social. Aplicam-se a esta dinâmica arquivística, os estudos da organização de acervos, captação e leitura de manuscritos, elaboração de edição crítica e de edição genético-crítica e consulta aos gêneros de fronteira: a escrita eletrônica, o manuscrito eletrônico, os diários e as crônicas de jornais pesquisadas como arquivo de criação.

Chamo a atenção para a contribuição educacional que o GT proporciona na formação de pesquisadores, com ênfase para os estudos da literatura produzida na região da Zona da Mata mineira e proximidades, que, além de capacitar os estudiosos, propicia a formação de novos arquivos. Esses, por sua vez, permitem novas pesquisas. Dessa forma, amplia-se o quadro de pesquisadores, o conhecimento do acervo a ser explorado e, finalmente, a divulgação da produção cultural da região no país, destacando a produção literária de Minas Gerais e a inserção de escritores mineiros no panorama brasileiro. O GT “Arquivos literários: memória, resgate, preservação” buscam organizar e disponibilizar, em meio convencional e eletrônico, os acervos literários eleitos para a pesquisa, ressaltando que a preservação, hoje, abrange não apenas o documento/suporte, mas a injunção social da informação materialmente registrada no suporte.

(Arquivoz) Explique a interseção entre Arquivos e Literatura?

Penso que, no caso, não seria somente a relação entre Arquivos e Literatura. Devemos incluir as áreas de biblioteconomia e de museologia, pois, o tratamento que quaisquer arquivos recebem por parte de conhecimentos especializados – arquivologia, biblioteconomia e museologia – o afetam. Esta questão justifica-se pela constatação, por meio de nossa experiência no GT, de que o deslocamento do acervo do escritor, do espaço privado para o público, resulta em uma metamorfose do arquivo literário. Os acervos literários seguem padrões de organização e

classificação, criados pelo próprio escritor, no entanto, ele é desterritorializado, quando retirado do ambiente privado e transferido para uma instituição pública. É uma ação que gera preocupações bem colocadas pelo teórico Reinaldo Marques, em sua obra **Arquivos literários, teorias, histórias e desafios** (2015, p.31) publicada pela editora UFMG. Com o objetivo de ser tratado, conservado e disponibilizado aos pesquisadores, o acervo do escritor ganha um novo arranjo, uma nova organização, novas classificações, afetando, portanto, sua constituição original. Isso tem implicações.

Em relação à importância dos estudos que envolvem Arquivos, a partir de nossas experiências, constatamos que não existe uma única pesquisa acadêmico-literária que não tenha consultado um arquivo, em determinada etapa do seu desenvolvimento. No caso dos arquivos literários, eles são produzidos por literatos, ao longo de sua vida e, conforme nossa constatação, não são construídos linearmente, são construídos de forma híbrida, incluindo as correspondências, os livros, os bilhetes, os telegramas, os cartões postais, os recortes de jornais e outros objetos pertencentes aos escritores como obras de arte, máquinas de escrever, mobiliário, óculos e canetas, por exemplo. O teórico Reinaldo Marques representa bem nossa crença, ao registrar que “a incursão pelos arquivos literários constitui etapa indispensável da pesquisa literária hoje, sobretudo, se se pretende buscar algum nível de ‘originalidade’ ou de força crítica, capaz de deslocar o que está dado e consagrado. Já se mostram mais claros hoje os limites de uma pesquisa literária restrita ao plano meramente bibliográfico, sem os suplementos dos arquivos dos escritores” (2015, p.32). O pesquisador, certamente, ao ter acesso aos documentos do arquivo pessoal do escritor, tem a possibilidade de solucionar lacunas que não estavam preenchidas, pois o acesso aos documentos, que registram pensamentos e anotações do autor e que tratam da gênese da obra, pode mudar toda a história da criação literária. Finalizando, ressalta-se que fatores preponderantes constataam a inegável construção de um novo objeto teórico que é o arquivo literário, e inegável são suas contribuições para que a memória literária seja resgatada e preservada.

(Arquivoz) Quais são os frutos do grupo?

Os frutos iniciais são a consolidação da fundamentação teórica e o entendimento da necessidade de conscientizar os pesquisadores de se precaverem,

no momento atual, em relação ao desaparecimento gradativo dos acervos de papel o que, com certeza, contribuirá para o afastamento e perda do processo de criação autoral e uma complexidade em relação à pesquisa, em fontes primárias. Trabalhar a documentação dos titulares e tornar real a liberação de acesso ao público, é mais um fruto que muito contribuirá para a credibilidade das pesquisas neste setor.

A proposta do GT tem como objetivos-eixo: identificar as produções inéditas; empreender a leitura dos manuscritos e o confronto das versões, numa perspectiva genética, a fim de registrar o processo de criação do titular; gerar fontes secundárias (inventário analítico com biografia e bibliografia) para o estudo da vida e da obra dos autores eleitos a partir da fonte primária, ou seja, do seu próprio arquivo; elaborar uma fortuna crítica atualizada e mediar a captação de acervos em situação de privado para uma instituição pública. Para isso, são necessárias leitura e descrição do acervo, com posterior, preenchimento das planilhas com as informações retiradas dos documentos, seguidas do estabelecimento de notas, descritores, e de indicação de anexos. Importa ao GT empreender pesquisas em fontes diversas sobre a vida e obra do titular para elucidação de informações contidas nos documentos e a inserção dos nomes de autores, de outras pessoas físicas e de assuntos nas bases de Autoridade – Autor, Nomes e Assuntos, respectivamente, incluindo-se remissivas e referências. Todas as ações do GT são devidamente mencionadas em palestras, seminários e cursos que porventura participarem os pesquisadores envolvidos nas diversas etapas do projeto, bem como no seu lançamento oficial junto às universidades e centros de estudos brasileiros, tanto no Brasil como no exterior.

Neste momento, encontram em andamento pesquisas que envolvem a obra da escritora mineira Raquel Jardim, sob a coordenação do vice-líder do GT, Dr. José Alberto Pinho Neves, as colunas jornalísticas de Gilberto de Alencar na *Gazeta de Paraopeba* (1945), sob minha coordenação e supervisão da Dra. Eliane Vasconcellos, e as crônicas da carioca Corina Coaracy (séc. XIX), sob a supervisão de Eliane Vasconcellos e Ivete Maria Savelli, com a minha colaboração.

(Arquivoz) Daqui a dez anos como você imagina as pesquisas em Arquivos literários?

De um lado, constatamos, com nossas experiências das ações do GT “Arquivos brasileiros: memória, resgate, preservação”, que o advento da *Internet* e

suas tecnologias, ao criarem a sociedade virtual, o *ciberespaço*, promoveram a desterritorialização de signos e de formas de preservação da memória. Preservar deve ser uma preocupação da Ciência da informação, haja vista que o espaço virtual é um meio instável e, principalmente, veloz, no qual os registros estão em constante movimento. Daqui a dez anos, a preservação como a entendemos hoje, já não nos parece predominantemente possível. A preservação dos arquivos de escritores, como vivenciamos, permitem-nos realizar um trabalho de recuperação de outras versões de um texto, fato importante para acompanhar o processo de criação de uma obra, objeto fundamental em nossa linha de pesquisa. Por outro lado, entendendo o espaço virtual como “um novo lugar de memória”, compreendemos, de forma positiva, que as tecnologias aumentaram significativamente o acesso a documentos digitalizados e disponibilizados para pesquisa pública como as hemerotecas digitais. Porém, os programas de digitalização de documentos estão preparados para acompanhar a efemeridade dos *softwares*? Tudo isso, certamente, traz implicações.

ANEXO B: Quadra Satírica - 1/145 – **Diário Mercantil**, 03 de julho de 1954, [p. DOIS]. Sábado. (AHJM/MG).



Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO C: Quadra Satírica - 02/145 - **Diário Mercantil**, 04 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Domingo. (AHJM/MG).

**CURSO
ENTE»**

1954, nos salões das CASAS
aulo, perante representantes
esentante da Ecolética, Sr.
e diretores das CASAS
ressados.

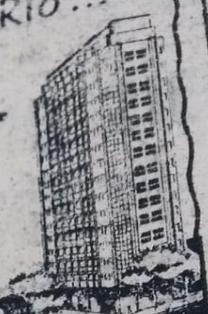
de Fora
ULTIMO TIPO
A. 86 — CASA 5 — B' IRRO
FORA
do no valpr de Cr^o 270,00
73 — Juiz de Fora
rincesa Isabel, 247 - J. Fora
5 - casa 12-fundos - J. Fora
Rei
dino, 123 — Juiz de Fora

estrembre de 1954

PECAS
DO CONTEMPLADO
DISCO "WEBCOR" DE
PECAS
PO.
ACIMA. MAIS 5 EM
DE CR\$ 200,00 CADA.

TE
UIZ DE FORA

indo ao Rio...
PROCURE
a melhor
hospitalidade
no ponto
mais
central
da cidade



**Flotel
IMPERADOR**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8
Cruzina da Praça Tiradente
End. Teleg IMPEROTEI
Tel.: 62-2060
RIO DE JANEIRO

FARMÁCIA
Estarão a
suintas far

CENTRO
America,
telefone, 1
lista de O
2398: São
iradas, n
SÃO MA
Brasil,
telefone,
rua. Paó
4230.

MARIA
Mo'a
1402, te
SANTA
Aure
786. t

ZANGÃO

FERROADAS

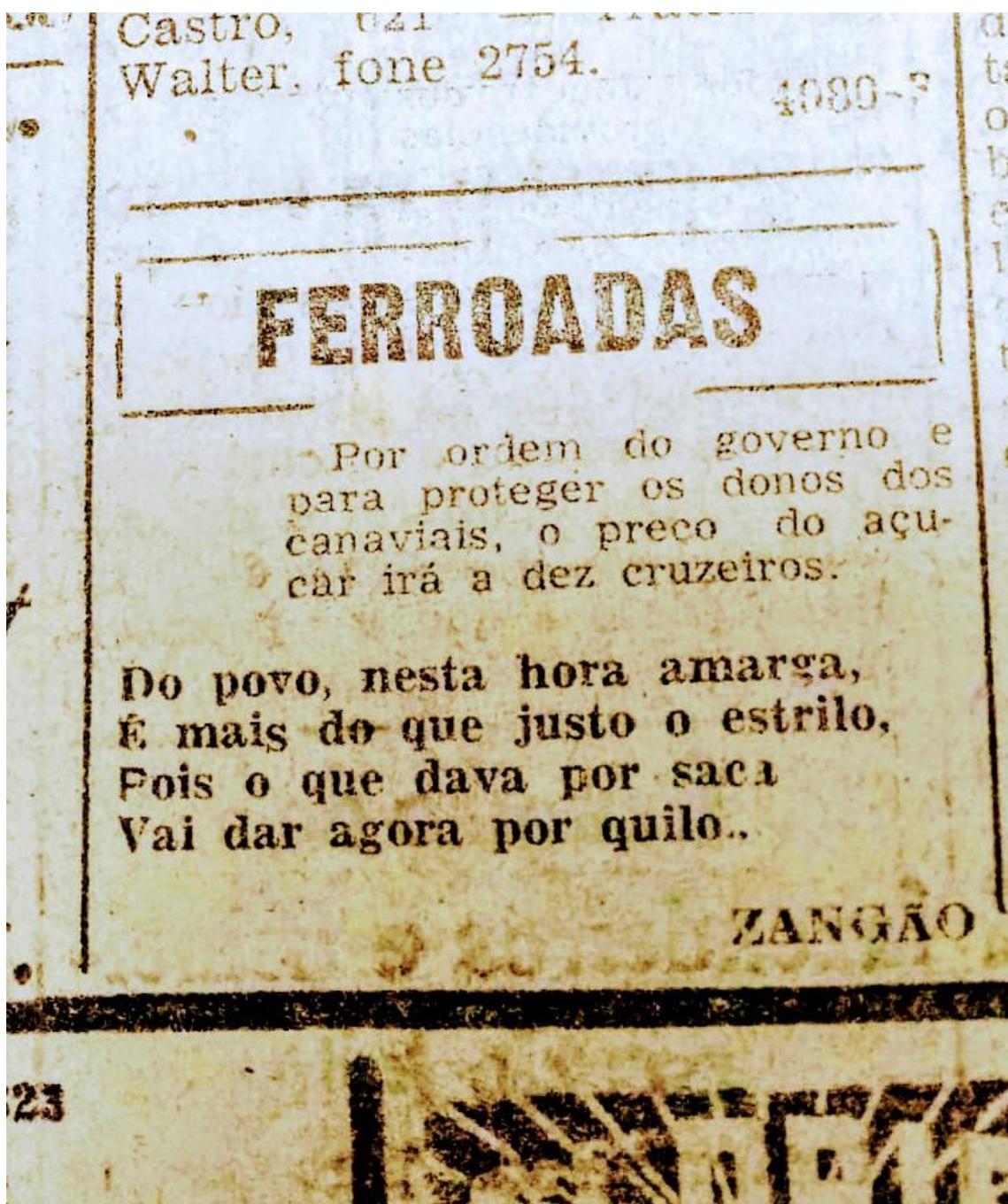
Informam de Londres que
três moças inglesas, após
operação cirúrgica, trans-
formaram-se em robustos
rapazes.

Muda-se agora de sexo
Como de roupa se troca...
É de se ficar perplexo
Se a coisa não fôr potoca.

FONE 1402
HOJE

Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO D: Quadra Satírica - 03/145 – **Diário Mercantil**, 06 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Terça-feira. (AHJM/MG).



Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO E: Quadra Satírica - 04/145 – **Diário Mercantil**, 07 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quarta-feira. (AHJM/MG).

se/
Inte-
ado/
cais

nhas, ausência de armas, nenhuma impressão digital! O primeiro relatório da polícia terminava assim: Trata-se de homicídio por pessoa ou pessoas desconhecidas. Um teimoso e astuto detetive acrescentou: "Por enquanto... Amanhã a opinião será diferente". E foi. Leia esta e outras eletrizantes reportagens absolutamente verdadeiras, sobre crimes ocorridos no Brasil, e no estrangeiro, nas páginas de **DETECTIVE** — uma revista para quem tem bons nervos!

vação das Assembleias Legislativas estaduais e das Câmaras Municipais de rejeição do Congresso pelos regionais, haverá biscoito.

FERROADAS

Entrou em vigor o novo preço dos cigarros, com aumento de quarenta por cento.

Não fique o povo tristonho,
Sem vontade, irresoluto:
Não pode fumar cigarro?
Então que fume charuto...

ZANGÃO

REUMATI



FONE 1444
HOJE
3,30 - 5,30 - 7,30 - 9,30

PALACE

Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO F: Quadra Satírica - 05/145 – 08/07/1954 – **Diário Mercantil**, 08 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Quinta-feira. (AHJM/MG).

ele não pode, de forma
 mar a sua vontade, candidatando-
 se, assim, a inteiro fracasso no
 exercício da sua profissão. Em
 tais casos, torna-se imprescindível
 o uso de um tônico poderoso, que
 combata rápida e eficazmente o
 mal. Esse tônico só poderá ser
 "Gotas Mendelinas" o surpreenden-
 te restaurador do sistema nervoso,
 o remédio que faz maravilhas pelo
 seu poder curativo. Nas boas casas
 do genero. Reembolso aéreo Cr\$
 42, C. Postal, 6. Meyer, Rio.

FERROADAS

Informa a imprensa que,
 se não fôrem tomadas me-
 didas energicas pelo Tribu-
 nal Eleitoral, muito defunto
 votará nas proximas eleições.

Mal não vejo nessa história
 Nem armo catilnarias:
 Funcionam as urnas civicas
 E tambem as funerarias.

ZANGÃO

FONE 1444
 HOJE
 As 8 hs.

Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO G: Quadra Satírica - 11/145 – **DIÁRIO MERCANTIL**, 15 de Julho de 1954.
[p. DOIS]. Quinta-feira. (AHJM/MG).

grande coisa.
Mas nego, de pés juntos,
que seja, ou possa ser, uma
grande coisa boa. — G.

FERROADAS

O sr. Osvaldo Aranha, em
entrevista aos jornais, de-
clarou que as coisas estão
melhorando muito.

**Não disse o Aranha, matreiro,
Para quem melhoram elas...
Porém sabe o povo inteiro
Quem se farta nas gamelas.**

ZANGÃO

turo de Cordova e Esther Fer-
nandes em Sua Última Aventura,
— Livre.

**AUDITORIO DO INSTITUTO
JESUS — às 19,30 hs. — A**
Paramount apresenta — Mon-
sieur Beaucaire com Bob Hope e

ções
rio a
cisara
N
C
ainda
mon
C
C
mesm

No
tróle
impres
de toc
cianter
mem
o gra
"Gotas
estimu
indica
receita
nas de
ciente

Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO H: Quadra Satírica - 18/145 – **DIÁRIO MERCANTIL**, 23 de Julho de 1954.
[p. DOIS]. Sexta-feira. (AHJM/MG).

Em lugar de diminuir, as despesas públicas aumentam de maneira alarmante. E são quasi sempre despesas adia-veis ou inúteis.

Os compromissos, com a intervenção do Estado em todos os negocios e iniciativas particulares, crescem por sua vez assustadoramente.

Como não ha nem pode haver dinheiro que chegue para tudo isso, lança-se mão das emissões caudalosas.

Vamos acabar num diluvio de papel moeda. — G.

FERROADAS

Depois de longas negociações, chegou-se a acôrdo para o armistício na Indochina.

Não ha guerra na Coréia
E já não ha na Indochina,
Mas tenho comigo a idéia
Que esta paz é bem mofina.

ZANGÃO

CINE DIARIO
CARTAZES DO DIA

... dos resulta
quium de São I
Austregesil

Em cada c
cida
um com
da Rádio S
a servio

RONDA
POLI

Patrocínio de
BAZAR SÃ

Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO I: Quadra Satírica - 20/145 – **Diário Mercantil**, 25 de Julho de 1954. [p. DOIS]. Domingo. (AHJM/MG).



Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO J: Quadra Satírica - 78/145 – **Diário Mercantil** - 07 de Outubro de 1954. [p. DOIS]. - Quinta-feira. (AHJM/MG).

conter-se:
 — Que grande perda para a França!
 Cocteau, espantado, pediu explicação.
 E a criada:
 — Pois o senhor não sabe?! Morreu Colette, ontem à tarde!
 Jean Cocteau disse simplesmente:
 — Eu já sabia. Não ouvi o canto dos passarinhos esta madrugada...
 São assim os poetas, quando verdadeiramente poetas.
 E ainda há quem fale mal deles!
 Mas, sem eles, que seria do mundo? — G.

FERROADAS

O edifício do Forum local acha-se em ruína, ameaçando desabar a qualquer momento, apesar do dinheiro que o Estado arrecada aqui em impostos.

Leva-se daqui o cobre
 E nada se dá em troca...
 Juiz de Fora é rica ou pobre?
 É cidade ou é bibóca?

ZANGAIO

OLHOS
Dr. Ruben Sotto Maior
DOENÇAS E OPERAÇÕES
 Receita para uso de óculos
 Rua LaM...id, 744 — 3º andar

insensato
 rante o m
 nos a desl
 tra-muros,
 linguagem
 de e de p
 dos direito
 tem. Se p
 dêmes às
 partidárias
 corpo só e
 de. Quem
 aperceba
 de uma
 pretenda
 gana-se re
 do o enga
 povo de
 suspeitas
 Seria inj
 mos rec
 Unidos as
 atenções e
 a economi
 principalm
 primeira g
 interligou
 mesmo ter
 moerático
 mesmos p
 ções. Inc
 sionais.
 acidentes
 as família
 tituição c
 se. Mas a
 afeto, o ir
 breve pre
 vozes aut
 gências s
 em pról d

Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO K: Quadra Satírica - 139/145 – DIÁRIO MERCANTIL, 21 de Dezembro de 1954. [p.DOIS]. Terça-feira. (AHJM/MG).

VENDE AVIÃO
MOTOR DE 50 CV 2.500.000
MOTOR AVIADO, CIL 1.500

Estação: Rio de Janeiro - Rua
Sergio Bello, 12 - 2º andar - Fone:
45-7807

Rua S. Paulo - Box 7 de A-10

Suelto... — Para e-
levar o crescimento de 1954,
que promete o "deficit" in-
cível de quinze bilhões de
crusados, o sr. Eugenio Gu-
din está disposto a suspen-
der as obras públicas e a en-
viar fundo em todas as des-
pesas concepitivas de corte.
Que não lhe doam as mãos,
O remédio é mesmo esse,
nem ha outro.

Certo, tais medidas são
impopulares e muita gente
vai gritar e debater. Pois
que grite e debata, porque
acima de tudo está a obra de
salvação nacional que preci-
sa ser levada a efeito e que
só pode ser realizada por es-
se meio drastico.

O sr. Eugenio Gudin tem
uma reputação a zelar.

Além disso, não sendo po-
lítico, é claro que não ne-
cessita agradar a meio mun-
do.

Será hoje impopular.
Amanhã far-lhe-ão justi-
ça.

O seu caso é exatamente
igual ao do grande Joaquim
Murtinho, que recebeu mui-
tas pedras, mas depois ficou
sendo apontado como um
grande patriota.

Para bem servir ao povo, é
preciso contraria-lo.

Que marche para a frente
o ministro Gudin. — G.

FERROADAS

Noticiam os jornais do
Rio que está sendo ela-
borado ali um novo Ma-
nifesto dos Coroneis.

É tanta politicagem,
É tanta politiqueira,
Que se as espadas não agem
Iremos á pirambeira...

ZANGAO

**Presentes finos
para pessoas de
bom gosto**

... que produziram trigo
em quantidade suficiente para
atender ao consumo interno,
que é sobremaneira ba-
...
Nos últimos tempos,
"sar do infimo consumo
capita", deixamos de pro-
zir a quantidade recla-
... população, o que

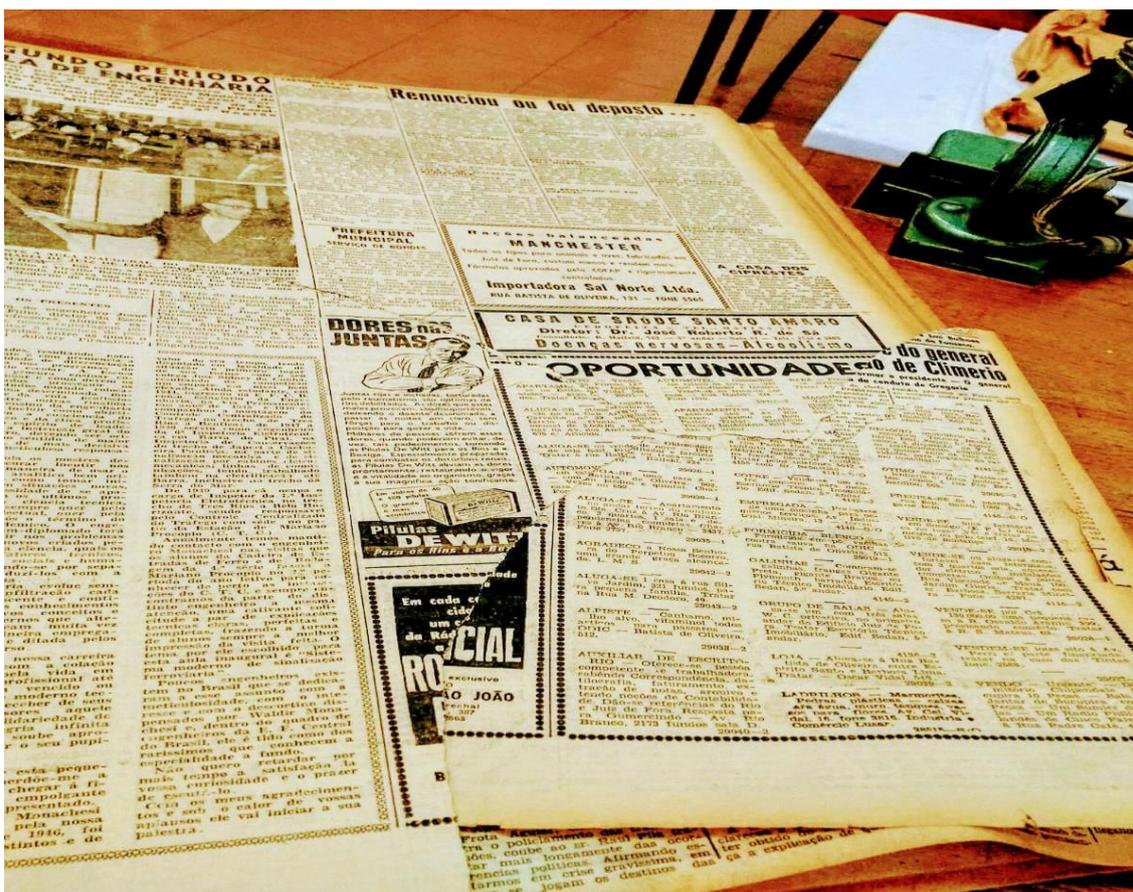
... que produziram trigo
em quantidade suficiente para
atender ao consumo interno,
que é sobremaneira ba-
...
Nos últimos tempos,
"sar do infimo consumo
capita", deixamos de pro-
zir a quantidade recla-
... população, o que

... que produziram trigo
em quantidade suficiente para
atender ao consumo interno,
que é sobremaneira ba-
...
Nos últimos tempos,
"sar do infimo consumo
capita", deixamos de pro-
zir a quantidade recla-
... população, o que

... que produziram trigo
em quantidade suficiente para
atender ao consumo interno,
que é sobremaneira ba-
...
Nos últimos tempos,
"sar do infimo consumo
capita", deixamos de pro-
zir a quantidade recla-
... população, o que

Folha do Jornal do Diário Mercantil, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO L: Jornal danificado, rasgado pela ação do tempo e do uso inadequado das folhas do periódico. (AHJM/MG).



Folha do Jornal do Diário Mercantil, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO M: Arquivo do periódico **Diário Mercantil**, 01 de Agosto de 1954. (AHJM/MG).



Folha do Jornal do **Diário Mercantil**, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.



DIÁRIO MERCANTIL
 ANO XXXVIII
 Mensagem de Ano Bom do secretário geral da ONU

O «premier» Bidault pede à Assembleia francesa mais três meses de confiança

Paris, 27 de dezembro. — O primeiro-ministro francês, René Bidault, pediu hoje à Assembleia Nacional Francesa mais três meses de confiança para o seu governo.

Bidault fez esta declaração durante o discurso de abertura da sessão da Assembleia Nacional, que se realizou no Palácio Nacional de Versalhes.

«O meu governo», disse Bidault, «está determinado a continuar a trabalhar com a mesma firmeza e a mesma coragem que sempre caracterizaram a sua política».

«Mas», acrescentou, «para que o meu governo possa continuar a trabalhar com a mesma firmeza e a mesma coragem, preciso da vossa confiança».

Bidault pediu, portanto, mais três meses de confiança para o seu governo.

Foram declarados culpados

Um tribunal francês declarou culpados hoje dois dos acusados no caso da explosão de um trem em Versalhes, em 1954.

Os dois acusados foram condenados a penas de prisão.

Um documento para a história da cidade

Um documento histórico, que descreve a história da cidade de Vila Rica, foi publicado hoje.

O documento, que tem o título de «História da Vila Rica», foi escrito por um dos fundadores da cidade.

Associação de Damas Praticantes de Tênis

A Associação de Damas Praticantes de Tênis realizou hoje o seu primeiro encontro.

O encontro, que se realizou no Clube de Tênis, foi muito animado.

O generalissimo Chiang Kai-Shek e a agressão comunista

Importantes Declarações. Assume a responsabilidade dos fracassos governa nacionalista e promete lutar o resto de sua vida para expulsar o comunismo da China.

Chiang Kai-Shek, o generalissimo da República da China, fez hoje importantes declarações sobre a situação da China.

«Assumo a responsabilidade dos fracassos do governo nacionalista», disse Chiang, «e prometo lutar o resto de minha vida para expulsar o comunismo da China».

Chiang afirmou que o governo nacionalista continuará a lutar pela libertação da China.

SERVICO AO PAIS E AO REGIME

Um documento que descreve o serviço ao país e ao regime foi publicado hoje.

O documento, que tem o título de «Serviço ao País e ao Regime», foi escrito por um dos líderes do movimento nacionalista.

OS PREÇOS DO CAFE

Os preços do café no Brasil estão a subir devido à escassez de oferta.

Os produtores de café estão a pedir mais dinheiro para o café que produzem.

CARVALO EM GRAVATAI

Carvalho esteve em Gravataí para visitar os produtores de café.

Carvalho afirmou que o governo está a tomar medidas para aumentar a produção de café.

NO TRIBUNAL DE HAIA

Um julgamento no Tribunal de Haia está a decorrer.

O julgamento, que se realizou no Tribunal de Haia, foi muito importante.

Almir de Oliveira

Almir de Oliveira foi nomeado para um cargo importante.

Almir de Oliveira é um dos líderes do movimento nacionalista.

O PAGAMENTO DO ABOBO

O pagamento do abobo está a ser feito.

O pagamento, que se realizou no Banco de Minas Gerais, foi muito importante.

OUCAM,
 a partir do dia 1.º, às 18 horas, a
PRECE DA AVE MARIA
 transmitida diretamente dos estúdios da Rádio Sociedade Juiz de Fora (P. R. B. 3) pelo
REV. PADRE FRANCISCO MAXIMIANO DE OLIVEIRA.

AVIAÇÃO COMERCIAL
INDICADORES PRÁTICOS DE
 São de 1.ª edição, com 100 páginas e 100 ilustrações. Preço de 1.000 cruzeiros. Disponível em todas as livrarias de Vila Rica e Juiz de Fora.

Folha do Jornal do Diário Mercantil, disponibilizado pelo Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

ANEXO N: Foto do interior do Arquivo Histórico de Juiz de Fora, Minas Gerais.

